



**FLÁVIO
MEDEIROS JR.**

HOMENS E MONSTROS

A GUERRA FRIA VITORIANA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HOMENS E MONSTROS

A GUERRA FRIA VITORIANA

FLÁVIO MEDEIROS JR.

1ª EDIÇÃO



SÃO PAULO

2013

FLÁVIO MEDEIROS JR.

nasceu e vive em Belo Horizonte, MG. Formou-se em Medicina pela UFMG em 1988, especializando-se em oftalmologia. Publicou seu primeiro romance em 2004: *Quintessência*, história policial com ambientação de ficção científica. Teve textos publicados em coletâneas como *Imaginários v. 1* (2009) e *Vaporpunk* (2010). Em 2010 publicou seu segundo romance: *Casas de Vampiros*, de horror e ficção científica. Em 2012 foi o vencedor do prêmio Argos por sua novela que faz parte de *Space Opera* (2011). Continua escrevendo compulsivamente.

© 2013 by Flávio Medeiros Jr.

Todos os direitos reservados à Editora Draco.

Publisher: Erick Santos Cardoso

Edição: Antonio Luiz M. C. Costa

Produção editorial: Janaina Chervezan

Revisão: Eduardo Kasse

Ilustração de capa: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Medeiros Jr., Flávio

Homens e Monstros - A Guerra Fria Vitoriana / Flávio Medeiros Jr.. – São Paulo: Draco, 2013

ISBN 978-85-8243-039-2

1. Ficção científica brasileira I. Título

CDD-869.9308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira 869.9308762

1ª edição, 2013

Editora Draco

R. Luis Tosta Nunes, 298

Jd. Esther Yolanda – São Paulo – SP

CEP 05372-170

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio - Ficção alternativa com “F” e “A” maiúsculos](#)

[Homens e Monstros - A Guerra Fria vitoriana](#)

[Dedicatória](#)

[Homens de paz e de guerra](#)

[O som e o aroma da morte](#)

[Homens e monstros](#)

[Máscaras](#)

[O lamento da águia](#)

[Os primeiros aztecas na lua](#)

[Por um fio](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos especiais](#)

[Notas](#)



Homens e Monstros constitui a um só tempo um *fix-up* de fina estirpe, com fortes elementos de história alternativa e um romance de ficção alternativa instigante e original.

Que salada mista é essa?

Calma. É fácil de explicar e mais fácil ainda de entender.

Afinal, como dizia Jack o Estripador — não por coincidência, um dos personagens que você conhecerá a seguir — vamos por partes.

Fix-up é uma narrativa longa, algo semelhante ao romance, só que composta por histórias menores, que podem ser lidas de forma independente, como contos ou noveletas, que seriam como azulejos, benfeitos por si sós, capazes de compor um mosaico mais belo e complexo do que qualquer um deles, se tomado individualmente. O *fix-up* representa uma tradição venerável, conquanto mais frequente na literatura fantástica do que em outros tipos de literatura de gênero e no pobre e reles *mainstream*. Neste sentido, *Homens e Monstros* é constituído por seis noveletas. Cada uma das peças desse mosaico faz sentido isoladamente. Tanto é que as duas últimas já foram publicadas em antologias fantásticas de ficção curta. Contudo, apesar de fazerem sentido sozinhas, como o leitor terá oportunidade de constatar, estamos diante de um daqueles casos clássicos em que o todo é maior do que a soma das partes.

Embora o *fix-up* que você tem em mãos não constitua história alternativa de per si, ao menos não de um ponto de vista castiço — uma vez que se apropria de personagens ficcionais de outros autores e não apenas de personagens históricos reais, transformando-os em seus próprios personagens literários — ao propor um ponto de divergência e alinhar sua linha histórica alternativa a partir dessa divergência, a citar, a sobrevivência do Império Asteca sob suserania britânica, Flávio Medeiros delinea seu texto norteado pela filosofia de trabalho da história

alternativa, criando um mundo semelhante ao nosso e, ao mesmo tempo, inteiramente distinto em seus matizes *steampunks*. Um mundo onde a tecnologia avançou mais rápido. Uma Terra diferente, na qual os Impérios Britânico e Francês se digladiam numa genuína guerra fria vitoriana que, aliás, é o subtítulo desta obra.

Homens e Monstros é, isto sim, ficção alternativa *bona fide* — com “F” maiúsculo e “A” maiúsculo, iniciais tanto de “Fantástico” quanto de “Fantasia” — escrita na melhor tradição estabelecida por Kim Newman em *Anno Dracula* e, aqui no Brasil, por Octavio Aragão em *A Mão que Cria*. Em vez de propor resultado diverso para um evento histórico crucial e estabelecer um mundo ficcional a partir das consequências desse ponto de divergência, como se faz nos trabalhos de história alternativa, na ficção alternativa a divergência não se situa na história, mas sim num resultado diverso de âmbito literário. Em *Anno Dracula*, por exemplo, Kim Newman propõe a sobrevivência do Conde Drácula à sanha dos caçadores de vampiros capitaneados por Van Helsing e em seguida nos mostra como seria um mundo onde a elite do Império Britânico houvesse sido vampirizada por Drácula e pelos outros vampiros da literatura vitoriana.

Flávio Medeiros Jr. segue os passos de Newman e Aragão, mas avança mais longe, ao se apropriar de personagens literários dos contos e romances científicos de Edgar Allan Poe, Jules Verne, H.G. Wells, Arthur Conan Doyle, Robert Louis Stevenson e vários outros autores dos clássicos fantásticos da literatura vitoriana, presentes no imaginário popular até hoje.

Quanto às partes referidas pelo Red Jack, o *fix-up* abre com “O Som e o Aroma da Morte”, onde vemos uma dupla de agentes secretos do Império Francês atuando na Confederação Argentina em busca de uma grande invenção que talvez venha a se tornar a arma definitiva.

A noveleta que empresta seu título ao livro nos brinda com uma nova versão do clássico “O Médico e o Monstro” de Robert Louis Stevenson, com um final enxuto e surpreendente, num texto permeado pelo clima da guerra fria vitoriana.

Em “Máscaras”, um agente britânico é enviado para aferir a lealdade de um dissidente francês que vem empreendendo experiências biológicas revolucionárias numa ilha deserta. Só que, antes de chegar lá, o agente se envolve numa missão secundária em busca de um operativo prussiano em pleno coração da África Negra, tropeçando uma megalópole siderúrgica, numa trama movimentada e mirabolante na qual absolutamente nada e ninguém são exatamente o que parecem.

“O Lamento da Águia” é a única peça deste mosaico que apresenta personagens astecas e nos mostra como a civilização europeia, sobretudo a britânica, influenciou a cultura asteca sem, no entanto, destruí-la. Em busca do esclarecimento que lhe permitirá ascender na carreira militar, o protagonista Itzcoatl se embrenha no território dos Estados Unidos, aqui um estado-membro do Império Britânico, para desvendar o desaparecimento de seu irmão gêmeo e o mistério acerca de um surto epidêmico mortal.

“Os Primeiros Aztecas na Lua” é ficção alternativa por excelência: uma noveleta que homenageia boa parte dos romances científicos vitorianos, com ênfase especial a *Da Terra à Lua*, de Jules Verne e *A Máquina do Tempo*, de H.G. Wells. É a história de um agente duplo, com seus dramas de consciência e suas lealdades divididas, às vésperas de uma grande conquista científica que parece prestes a romper o equilíbrio de forças da guerra fria franco-britânica.

Última peça deste mosaico candente, “Por um Fio” responde a pergunta que muitos fãs de Jules Verne já se fizeram: o que aconteceria se o submarino *Nautilus* do misterioso Capitão

Nemo combatesse o *Albatross*, de Robur o Conquistador? Nesta ficção alternativa, enquanto o Almirante Nemo comanda a esquadra de submersíveis do Império Francês, Robur lidera a frota de dirigíveis militares do Império Britânico. Autêntico duelo de titãs!

Enfim, cumprido meu papel de atizar seu apetite, leitor incauto, incito-o a mergulhar de cabeça neste universo ficcional surpreendente e fascinante.

*Gerson Lodi-Ribeiro [\[1\]](#)
Novembro de 2011.*

FLÁVIO
MEDEIROS JR.

HOMENS E MONSTROS

A GUERRA FRIA VITORIANA



Para meu pai Flávio e minha filha Laura; um amor que se vai, outro que chega, renovando a vida

Homens de paz e de guerra

A paz, em assuntos internacionais, é um período de trapanças entre dois períodos de guerra.

Ambrose Bierce

A coragem alimenta as guerras, mas é o medo que as faz nascer.

Émile-Auguste Chartie

Os que fazem impossível uma evolução pacífica, farão inevitável uma revolução violenta.

John F. Kennedy

A perda de um inimigo não compensa a de um amigo.

Abraham Lincoln

Jamais houve uma guerra boa ou uma paz má.

Benjamin Franklin

Haverá flagelo mais terrível do que a injustiça de armas na mão?

Aristóteles

Decididamente, não compreendo por que é mais glorioso bombardear uma cidade do que assassinar alguém a machadadas.

Fiodor Dostoievski

Enquanto os sábios pensam sem certeza, os idiotas atacam de surpresa.

Henfil

Na guerra, eventos de importância são o resultado de causas triviais.

Júlio César

O maravilhoso da guerra é que cada chefe de assassinos faz abençoar suas bandeiras e invoca solenemente a Deus antes de lançar-se a exterminar a seu próximo.

Voltaire

Faz-se a guerra quando se quer, põe-se-lhe termo quando se pode.

Nicolau Maquiavel

O exército é uma multidão que obedece.
Napoleão Bonaparte

*Na guerra eterna a humanidade se torna grande – na paz eterna, a
humanidade se arruinaria.*
Adolf Hitler

Só os mortos conhecem o fim da guerra.
Platão

O objetivo da guerra é a paz.
Sun Tzu

*É preciso saber, de uma vez por todas, que a paz não significa a cessação da
guerra, mas sim a volta à normalidade, e esta só poderá ser alcançada se
forem preparadas de antemão, com tempo e estudo, as bases de uma
subsistência comum.*
González Pecotche



Ainda estava escuro como breu quando o barco se aproximou do porto de La Boca. A chuva gelada e incessante nos açoitava como um mau presságio, desde que o vapor foi engolido pela bacia do Prata, quase sete horas antes. Na medida em que o estuário se afunilava, aproximando de maneira preocupante as duas margens em conflito, a tensão se desenhava de forma cada vez mais evidente nas fisionomias da tripulação.

O capitão Servadac procurava acalmar os nervos, exaltando a velocidade e a agilidade do *Pèlerin*. Afirmava que o *clipper* era capaz de atingir, em condições ideais, mais de vinte nós, deixando qualquer “banheira a vapor” do inimigo literalmente “a ver navios”.

Infelizmente, pensava comigo mesmo, as condições estavam longe de serem ideais. Olhei mais uma vez para o velame do mastro da proa, que me parecia pesado, encharcado como estava pela chuva. Além do mais, nossa aproximação de Buenos Aires significava nossa chegada ao ápice do triângulo que delimitava o estuário. Na margem direita ficava, naquele ponto, a linha mal definida que demarcava o final do território brasileiro controlado por tropas ibéricas. Dali em diante, corríamos o risco de sermos surpreendidos pelos rápidos e pequenos veleiros de assalto dos piratas incas e aztecas. Enseadas escuras na margem direita também podiam ocultar baterias de canhões inimigos que colocariam o *Pèlerin* a pique, caso nos desviássemos excessivamente naquela direção. Enquanto na Europa as relações conflituosas entre as duas potências se escondiam por trás das hipocrisias diplomáticas, aqui no Outro Mundo as lutas pela posse do território eram francas, abertas e terrivelmente encarniçadas.

Percebi, para meu relativo conforto, que o capitão Servadac tinha plena consciência daquela possibilidade, pela forma como orientava o timoneiro a acompanhar, dentro do possível, cada reentrância da linha costeira na margem esquerda.

A chuva ficou mais forte e ajeitei o colarinho do meu sobretudo, ao mesmo tempo amaldiçoando o frio e bendizendo aquela cortina escura adicional, que ajudava a nos esconder do inimigo naqueles meados da madrugada.

Quando vi ao longe as primeiras luzes do porto retornei à cabine para recolher minha bagagem, preparando-me para descer à terra. Fiquei surpreso ao ver Maucler, meu intrigante companheiro naquela missão, recostado em seu catre e ressonando como uma criança em sua viagem de férias, alheio à tensão ambiente.

Minha mente retornou até um mês antes, quando o vi pela primeira vez no escritório de Auguste Dupin, chefe máximo do Serviço Secreto da *Grande France*. O comandante fez rapidamente as apresentações:

– *Monsieur* Maucler, este é Axel Lidenbrock, agente de contato com nossos aliados prussianos, e um de nossos mais brilhantes estrategistas. Axel, este é o agente Maucler, seu companheiro de viagem.

Apertei a mão estendida daquele homem magro, de cabelos negros revoltos, rosto delineado por ângulos agudos e marcado por sulcos que acentuavam as linhas de expressão. Não pude deixar de notar seu olhar desconfiado, avaliando-me. Um estrategista sempre repara nesses detalhes.

De qualquer maneira, eu já tinha ouvido falar de Maucler. Havia sido um dos discípulos mais dedicados de Dupin quando ingressou no Serviço Secreto e, graças ao mestre aperfeiçoara de maneira notável sua capacidade dedutiva. Acabaria se tornando um agente de elite, com brilhante desempenho em missões de infiltração por trás das fileiras britânicas ao redor deste conturbado mundo. Era a primeira vez que eu o via pessoalmente. Imaginava que fosse mais velho. E menos franzino, talvez.

Dupin nos convidou para sua mesa de trabalho com um gesto de mão. Sentamo-nos lado a lado diante dele. O chefe iniciou, em tom tranquilo, as explicações acerca da missão:

– Senhores, notícias instigantes nos chegam das terras ao sul. Nossos amigos do Serviço Secreto Ibérico nos trazem novidades diretamente das Américas...

– Como seria de se esperar. Acaso existe alguma questão que aflija a Ibéria e que não esteja relacionada a front brasileiro?

– Desta vez não se trata do Brasil, Axel. Infelizmente a situação naquelas terras banhadas de sangue continua a mesma, alternando pequenos avanços territoriais com reveses lamentáveis. As novidades em questão se referem a interessantes perspectivas que parecem se abrir a partir da Confederação Argentina.

Arqueei as sobancelhas. Enquanto na ampla faixa atlântica da América do Sul as tropas ibéricas continuavam como há vários anos mergulhadas em combates sangrentos, acuada entre o oceano e o selvagem território dominado pelos aztecas, a Confederação Argentina, mais ao sul, parecia já figurar como território consolidado. A situação geográfica favorável, limitada pelo oceano a leste e ao sul, e pela Cordilheira dos Andes a oeste, deixava apenas o norte do país exposto aos confrontos diretos em maior escala com o inimigo. Os ibéricos haviam, assim, sido capazes de estabelecer ali uma base de operações estável. A Confederação Argentina abrigava o grosso das tropas que reforçavam o esguio território em disputa chamado Brasil, tropas que subiam ao longo da costa até a América Central através do mar e de comboios terrestres na região mais ao sul. Também funcionava como porto seguro para os navios provenientes da

Europa, assegurando sua integração com o Império Francês. Era comum a disseminação de notícias bombásticas referentes aos conflitos no litoral do Brasil, e comparada a ele a situação da Argentina costumava passar despercebida, como se fosse um oásis de paz, embora se saiba que a proximidade com o inimigo jamais faria daquela região um roteiro preferencial para as férias das ricas famílias europeias.

Dupin pigarreou, arrancando-me de meus devaneios, e prosseguiu:

– Os ibéricos informam que certo cientista argentino pode ser responsável por uma invenção de grande interesse para o Império, em termos estratégicos. Com a crescente tensão entre as duas potências voltando a dar sinais de aquecimento aqui na Europa, tal invenção adquire uma importância especial, uma vez que parece ser capaz de se transformar em uma arma com capacidade destrutiva sem precedentes.

– Com certeza o mais prudente seria afastar tal dispositivo daquela região instável o quanto antes – manifestou Maucler. – Não tenho dúvidas de que teremos problemas, caso os ingleses sejam informados dessa possibilidade.

– Infelizmente isso parece já ter acontecido – lamentou Dupin. – Notícias de Londres atestam que um ou mais agentes britânicos já estariam sendo mobilizados para interceptar o referido cientista e sua invenção antes que coloquemos nossas mãos neles.

– Bem, nesse caso me parece que temos aqui uma situação de emergência. Sem querer passar por preguiçoso, mas apenas em função da distância e do tempo escasso, não teríamos no próprio território sul-americano algum agente capacitado para resgatar esse precioso personagem antes que seja tarde?

– Aí reside nosso maior problema, Axel. Como grande parte dos homens de ciência, apesar de ser o pai de uma invenção letal, nosso ilustre personagem resiste a ceder sua obra para fins militares. É aí que entra seu papel nesta missão...

Aquilo realmente me surpreendeu, e confesso que também me diverti. Jamais me considerei um diplomata habilidoso, principalmente diante de situação tão delicada. Manifestei, portanto, essa preocupação. Dupin esboçou um sorriso irônico e rebateu:

– Não se iluda, Axel. Mais do que qualquer um estou ciente de que seu talento considerável foi direcionado para outras funções. Entretanto, o cientista Javier Méndez foi contemporâneo e amigo de seu tio Otto durante seus anos de especialização na Universidade de Hamburgo. É até possível que ele tenha conhecido você ainda criança. Nossa esperança é que a abordagem, por parte de um legítimo Lidenbrock, o torne mais maleável, e o convença de nossas intenções no sentido de manter sua invenção como recurso estratégico, utilizando-a para fins pacíficos... a menos que uma trágica – mas improvável – reviravolta no campo da política internacional nos obrigue ao contrário.

– Percebo – confirmei, com um vigoroso aceno de cabeça. – E suponho que nosso amigo Maucler aqui, graças a suas numerosas incursões em território hostil, seja especialista em preparar um bom chá das cinco para esse memorável encontro...

O riso descontraído de meus interlocutores contribuiu para amenizar a tensão, que começava a acumular enquanto o relato prosseguia.

– Não exatamente. Maucler, como você bem ressaltou, já tem vasta experiência em missões no exterior, inclusive infiltrado nas tropas inglesas. A possibilidade de termos que lidar com espiões britânicos nessa missão exige a participação de um homem experimentado como ele,

para sua segurança e a do nosso precioso cientista.

– Sim, estou a par do invejável currículo de nosso bom Maucler. Sua companhia, esteja seguro, será mais do que apreciada.

– Vocês partem amanhã – prosseguiu Dupin, revirando alguns papéis sobre a escrivaninha. – Méndez vive na cidade portuária de Mar Del Plata, onde se encontra atualmente sob a discreta escolha de agentes ibéricos. Programamos sua viagem a Buenos Aires, para se encontrar com nosso comissário local, no dia em que vocês deverão chegar à cidade. Alguma dúvida?

– Se me permite, *Monsieur Dupin* – falou Maucler, num tom um pouco vacilante -, gostaria de saber como devemos agir caso o *señor Méndez*, a despeito de toda a habilidade de *Herr Lidenbrock*, continue se negando a ceder sua invenção aos nossos cuidados. Em último caso, mesmo que não seja o desejável, podemos tomar posse do dispositivo à sua revelia...

Dupin deu de ombros. Suspirou, parecendo relutar em pronunciar as palavras, e finalmente disse:

– Aí reside uma questão bastante estranha. Segundo os informes dos ibéricos que já viram tal aparelho em ação, ninguém foi capaz de fazê-lo funcionar, a não ser o próprio inventor. O homem costuma, inclusive, se vangloriar desse fato desconcertante: o aparelho só funciona quando acionado por suas próprias mãos. Assim sendo, por favor, procurem cuidar com especial zelo da saúde do nosso cientista, enquanto não solucionamos mais esse mistério, por mais estranho que ele possa parecer.

Maucler e eu trocamos um olhar onde se liam incredulidade e interrogação. Dupin levantou-se, o que tornava encerrada aquela preleção. Nós dois seguimos seu exemplo, mas antes que saíssemos do escritório ele nos disse, ainda em tom relutante:

– A propósito, isso me leva a outro favor pessoal que quero pedir a vocês, e que seja cumprido com extrema discrição...

Dupin baixou o tom de sua voz de tenor, que se reduziu praticamente a um cochicho:

– Não quero que se impressionem mais que o prudente com os detalhes pitorescos desses relatos provenientes da Confederação Argentina. Relatórios anteriores dão conta de que nosso comissário local anda manifestando algumas ideias um tanto... exóticas. Quero que vocês prestem bastante atenção, e me tragam um testemunho confiável, sobre a conveniência ou não de manter o homem em um cargo de tamanha importância estratégica.

– O senhor quer que vejamos se o homem ficou doido ou não.

– Em resumo, Axel. São palavras que corroboram sua confessa pouca aptidão para a diplomacia. Por outro lado, conto com essa precisão e aguda objetividade para dar um final feliz à tarefa.

E ali estávamos nós, numa fria e encharcada madrugada de junho, a bordo do *clipper Pèlerin*, baixando âncora no fortificado porto de La Boca. Foi como se o próprio navio suspirasse aliviado quando a passarela de madeira bateu contra as pedras do ancoradouro, liberando o acesso da tripulação à terra firme. Começaram todos a baixar os engradados da carga, ignorando alegremente a chuva que os fustigava. Maucler e eu protegemos as cabeças com nossas malas pessoais e corremos diretamente para o barracão que ostentava a insígnia das autoridades portuárias da Confederação.

Sentado sob a luz de um lâmpião, o oficial comandante do porto conversava em voz baixa com um homem elegante de terno e colete. Os cabelos negros, que já abriam espaço para uma testa

ampla, eram bem partidos de lado. Os óculos de aro redondo e o bigode espesso de pontas finas completavam a imagem de homem culto e de gostos refinados. Suas pálpebras subiram e desceram ante nossa entrada esbaforida, como se já esperasse por algo parecido. Educadamente, ele se levantou.

– *Buenas noches, señores* – disse ele emportunhol, passando em seguida a um francês de sotaque carregado. – Sou o comissário Leopoldo Lugones, responsável pela força de segurança da Confederação Argentina. Espero que possamos compensar com folga a recepção descortês proporcionada pelos deuses do clima.

– Talvez o que parece descortesia possa ser mais bem interpretado como simpatia, comissário – rebateu Maucler, decididamente melhor diplomata que eu –, se lembrarmos que a situação, até onde sabemos, anda tensa na outra margem do Prata. A chuva fria e a escuridão nos serviram perfeitamente como escolta.

– Isso lá é verdade – respondeu Lugones, erguendo delicadamente uma cortina e contemplando a água que escorria pela vidraça. – Os bugres têm se empenhado especialmente, nas últimas semanas, nos ataques contra as forças defensoras da Província Cisplatina, no extremo sul do território brasileiro. Interromper a continuidade do nosso território com a outra margem do Prata poderia representar um duro golpe contra nossa capacidade de apoiar nossos homens no front com recursos humanos e provisões.

O homem silenciou por um momento, como se aquela conversa houvesse evocado preocupações profundas, mas a seguir, como se despertando de um sonho, voltou-se para nós e sorriu levemente.

– Mas que espécie de anfitrião sou eu, afinal, que além de blasfemar contra as divindades protetoras da *Grande France* ainda deixo nossos convidados molhados e tiritando de frio? Por favor, me acompanhem, cavalheiros.

Levou-nos pela porta dos fundos, onde uma marquise nos protegeu da chuva por tempo suficiente para que pudéssemos adentrar aos tropeções numa carruagem que ali nos aguardava. Lugones entrou por último e fez um sinal para o cocheiro, que atçou os cavalos na direção de sua portentosa mansão no bairro de San Telmo. Explicou-nos que, após a epidemia de febre amarela, a maior parte das famílias de classe alta havia abandonado o bairro, mas que seu sangue de aventureiro, herdado de sua nobre família de desbravadores e grandes proprietários de terra, o impediu de se render ao mosquito. Passada a crise ele ali continuava, firme e empenhado no combate a outra ordem de “insetos”, que ameaçavam a Confederação Argentina e o Império.

O homem não me parecia nenhum doido. Esnobe, apenas.

Após nos instalarmos em dois dos vários quartos da mansão e tomarmos um banho quente, descemos juntos ao escritório de Lugones, que nos esperava com um charuto aceso. Ao contrário da vez anterior, ele foi diretamente ao ponto:

– Logo que amanhecer iremos ao hotel onde se hospeda, desde a tarde de ontem, o professor Méndez. Não fica longe daqui, e penso que os senhores estão tão ansiosos quanto eu para ver o Dispositivo Ômega em segurança.

– “Dispositivo Ômega”?

– De fato, o nome foi dado pelo próprio inventor, já que nada mais é do que um projetor do que ele chamou de “força ômega”.

– Parece um nome carregado de boa intensidade dramática, não?

– Nada mais distante da realidade daquele homem, eu lhes asseguro – disse ele, com um gesto de desdém. – Na verdade, Javier Méndez viveu uma infância e juventude modestas e sem grandes, e eu arriscaria dizer, nem mesmo “médias” ambições. Seu gênio inventor despertou em idade muito precoce e ele se contentava em trocar suas engenhosas descobertas por recursos não mais que básicos para sua sobrevivência e seus pequenos prazeres de rapaz. Desdenhava seus triunfos com modéstia quase áspera ante os elogios que recebia e provavelmente teria permanecido no obscurantismo, tendo os louros de suas invenções herdados por outros, se não fosse o recrudesimento da guerra no Brasil. Quando se viu na iminência de ter de aderir ao alistamento obrigatório e sendo avesso desde aquele então a todo tipo de violência, optou por empenhar-se, pela primeira vez na vida, em favor do próprio aperfeiçoamento. Enviou cartas à Metrópole e acabou sendo aceito para sua especialização na Universidade de Hamburgo. Quando retornou à Confederação Argentina, agora como renomado cientista, aprofundou os estudos iniciados na Prússia que culminariam na descoberta da “força ômega”.

Inclinei-me para frente na poltrona, decididamente curioso.

– E de que natureza, exatamente, seria essa “força ômega”?

Lugones pareceu deliciar-se com nossa curiosidade e deu uma baforada em seu charuto, antes de responder:

– Anda por aí à flor da terra, senhores, mais de uma força tremenda cuja descoberta se aproxima. Dessas forças interetéreas que acabam por modificar sólidos conceitos da ciência e que, justificando as afirmações da sabedoria oculta, dependem cada vez mais do intelecto humano. Certamente chegará o dia em que a mente humana saberá reger essas forças diretrizes do cosmo sem as máquinas intermediárias. Mas até que isso aconteça, são homens como Méndez que nos permitem vislumbrar e, como modernos Prometeus, roubar uma fagulha do fogo que permanece ainda reservado aos deuses.

Dupin estava certo. O homem era doido. Surpreendi-me ao perceber que, diferentemente de mim, Maucier parecia ter sido capaz de acompanhar o sentido daqueles devaneios:

– O senhor está dizendo que o Dispositivo Ômega permite ao homem fazer uso de uma dessas “forças diretrizes do cosmo”. O senhor já o viu em ação, comissário?

– Por certo que sim. E devo confessar que o efeito é decididamente impressionante. O mais perturbador, porém, foi o fato de que eu mesmo e outros agentes tentamos, com o consentimento do orgulhoso cientista, acionar o aparelho, sem o menor resultado positivo. Conforme ele mesmo afirma, por alguma razão misteriosa apenas Javier Méndez é capaz de utilizar o Dispositivo Ômega de forma efetiva.

– Em termos práticos, comissário – insisti, tentando não parecer impaciente -, o que é essa chamada “força ômega”?

– Javier Méndez – principiou Lugones, ajeitando-se na poltrona e apagando o charuto em um cinzeiro – descobriu a potência mecânica do som. Ao que parece, tudo começou com suas observações sobre como as vibrações emanadas por um diapasão podem se transmitir a outro diapasão que esteja no mesmo tom ou como determinadas ondas sonoras de alta frequência provocam um deslocamento de ar que é capaz de fazer vibrar as vidraças, ou em casos extremos, trincar os cristais mais finos. Sua teoria era de que, se fosse capaz de direcionar ondas sonoras em determinada progressão proporcional, sua somatória provocaria uma ampliação da força vibracional do som, a ponto de despedaçar blocos de matéria sólida à distância. Méndez

previa que uma máquina com tal capacidade facilitaria em muito a abertura de estradas em terrenos acidentados, pulverizando obstáculos representados por blocos de granito, por exemplo.

– Um projeto ambicioso, convenhamos...

– Mas que se transformou em algo real, *Herr Lidenbrock*, quando Méndez conseguiu, segundo ele mesmo após repetidos e incansáveis experimentos, encontrar a progressão adequada e milimetricamente exata de sua sequência de diapasões de altíssima frequência. Eu mesmo testemunhei quando o Dispositivo Ômega praticamente pulverizou um bloco de granito de um metro cúbico.

O silêncio que se abateu sobre a sala dava conta do efeito que aquelas palavras tiveram sobre nós. Lugones sorriu compreensivamente, e insistiu:

– Vejo em seus rostos a mesma curiosidade incrédula que me dominou quando ouvi essa história do próprio cientista, cavalheiros. Mas lhes asseguro que ela rapidamente se transformou em espanto e júbilo, diante da demonstração prática do Dispositivo Ômega; e posteriormente em confusão e estranheza, quando eu e dois de meus agentes tentamos acionar com nossas próprias mãos o misterioso aparelho, sem qualquer efeito visível além de seu agudo zumbido característico. Minha tranquilidade ao relatar-lhes essa história provém do fato de que os senhores, dentro de poucas horas, poderão comprová-la por si mesmos.

– Compreendo como isso deve ser reconfortante, comissário – comentei, lançando um olhar significativo para Maucler. – Sem uma boa demonstração prática, esse fascinante dispositivo pareceria ter saído diretamente dos devaneios de um louco.

Lugones voltou-se por um momento e observou a janela atrás de si. A chuva finalmente dera uma trégua e uma luminosidade arroxeadada começava a insinuar-se pela vidraça.

– Começa a amanhecer. Suponho que logo poderemos esclarecer de forma contundente todas as suas dúvidas. Para o momento, sugeriria aos senhores uma boa xícara de café para despertá-los para o novo dia...

Acolhemos a sugestão com vívido entusiasmo. Lugones apanhou distraidamente uma sineta de prata sobre a mesa e a fez tilintar por um momento.

O que aconteceu a seguir foi uma das coisas mais assustadoras que presenciei em toda minha vida. Arrisco-me a dizer que, felizmente, eu não estava armado durante aquela amável reunião, ou a mesma poderia ter se encerrado com uma desgraça.

A porta à nossa direita se abriu e um vulto horrendo invadiu o escritório, num passo grotesco e cambaleante. À primeira vista passaria por um homem baixo e atarracado, além de um pouco corcunda, mas a enorme quantidade de pelos negros e espessos que lhe cobria todo o corpo não deixava dúvidas: tratava-se de um animal!

Vi quando Maucler também se encolheu em sua poltrona, igualmente surpreso, enquanto o enorme chimpanzé, porque agora sim, eu havia sido capaz de identificar a espécie a que pertencia a besta, nos ignorava completamente e caminhava para junto do seu amo. Eu já tivera a oportunidade de ver uma daquelas criaturas certa vez, recolhido à jaula como parte da carga em um navio que chegava à França, proveniente de uma expedição científica à África. Recordo-me da maneira furiosa com que a besta assustadora sacudia as barras de seu encerro e de seus gritos agudos que faziam tremer o próprio estômago de quem ouvia.

Os olhos do maldito Lugones brilhavam por trás dos óculos redondos, saboreando o efeito que a cena nos causava. O comissário fez um afago carinhoso na cabeça do macaco e, mal sendo

capaz de conter o riso, disse:

– *Señores*, apresento-lhes meu secretário especial, Yzur.

– Comissário Lugones, isto é um chimpanzé.

A afirmação não podia ser mais óbvia, mas foi a única coisa que me ocorreu dizer naquele momento. Em resposta, o chimpanzé exibiu um amplo sorriso de dentes pontiagudos e amarelos, que ia quase de uma orelha saltada à outra. Seus olhinhos castanhos, de expressão perturbadoramente humana, fitavam a mim e a Maucler alternadamente. Dessa vez Lugones deu livre vazão ao riso e disse:

– Por certo que ele é. Já está comigo há três anos, desde que o adquirei de um circo que havia falido.

Para nosso maior espanto, o comissário dirigiu-se em seguida ao macaco:

– Yzur, queira fazer o favor de preparar a mesa para nosso desjejum.

Como se houvesse compreendido, o macaco balançou a cabeça afirmativamente com vigor e em seguida deixou calmamente o escritório, sumindo de nossa vista. Nós o acompanhamos com olhares estarecidos até que desaparecesse. Aqueles olhares imediatamente voltaram-se para seu mestre. Como se aquela cena houvesse sido algo totalmente normal e corriqueiro, Lugones falou com a voz calma:

– É possível que os senhores não saibam, mas os homens naturais de Java atribuem a falta de linguagem articulada dos macacos à abstenção, não à incapacidade. “Não falam”, dizem eles, “para que não os façam trabalhar”.

– Um reflexo, por certo, do primitivismo do povo de Java...

– Mas que não deixa de nos sugerir um interessante postulado antropológico: poderiam ser os grandes primatas, como chimpanzés e orangotangos, homens antigos que, por uma razão ou outra, deixaram de falar, ocasionando a atrofia de seus órgãos de fonação e dos próprios centros cerebrais da linguagem?

– Trata-se da teoria da regressão das espécies – disse Maucler em tom neutro, abandonando seu mutismo como se pretendesse evitar, assim, a atrofia de seus órgãos fonadores -; o macaco descenderia do homem degradado.

– Precisamente. Debilitou-se até a supressão a relação entre uns e outros, fixando o idioma da espécie em um grito inarticulado. Se essa teoria chegasse a ser demonstrada, estariam explicadas todas as anomalias que fazem do macaco um ser tão singular, não concordam?

– E como supõe o senhor que seria possível demonstrar teoria tão... exótica?

Lugones fez uma pausa, saboreando o suspense. Seu sorriso me dizia que nos conduzira exatamente para onde pretendia. Respondeu à pergunta de Maucler com os olhos estreitos e fisionomia grave:

– Não haveria senão uma demonstração possível: voltar o macaco à linguagem.

Ainda que possa parecer uma descortesia, foi minha tensão reprimida que explodiu em uma ruidosa e incontinida gargalhada.

– Comissário Lugones, macacos não falam!

– Veja por esse outro ângulo, *Herr* Lidenbrock não existe qualquer razão científica para que os macacos não falem. Sua linguagem natural, composta de gritos por meio dos quais são capazes de se comunicar com seus semelhantes, é assaz variada; sua laringe, ainda que notavelmente diferente da humana, nunca o é tanto como a do papagaio que, no entanto, *fala*! Quanto ao

cérebro, também notavelmente mais complexo que o daquela ave, é de fato rudimentar; mas devo recordar-lhes que o do idiota também é rudimentar, e apesar disso há cretinos capazes de pronunciar algumas palavras.

– A menos que eu esteja enganado, comissário, o cérebro animal não possui a área de Broca, responsável pela fala, nem mesmo o dos primatas.

– Isso é fato, *Monsieur* Maucier. Entretanto, a importância da área de Broca parece ser, de acordo com alguns estudos, superestimada. A complexidade insondável das conexões nervosas do cérebro tem produzido surpreendentes resultados no sentido da criação de vias alternativas para o restabelecimento de determinadas funções em pessoas acidentadas. Os esforços de nossos médicos na recuperação de feridos de guerra com acometimento neurológico, em nosso sofrido país, demonstra esse fato com sobra. A experiência indica que, havendo o potencial, tudo se resume aos estímulos adequados.

Uma luz acendeu no fundo de minha mente atônita, no momento em que percebi onde aquele homem queria chegar.

– O senhor está querendo dizer que está tentando ensinar aquele chimpanzé a falar?

– Não poderia haver espécime mais adequado, eu lhe asseguro. Yzur é um animal notável. A educação do circo, embora reduzida à imitação, desenvolveu muito suas faculdades. É saudável, dócil e ainda jovem, e é sabido que a juventude constitui a época mais intelectual do macaco. Como aptidão adicional herdada da própria espécie, como devem saber, o primata tem o gosto por aprender, como atesta sua tendência imitativa. Sua boa memória e capacidade de atenção parecem ser mais desenvolvidas, comparativamente, que as de uma criança, sendo por todos esses motivos um sujeito pedagógico dos mais favoráveis.

Dupin estava coberto de razão. O homem estava decidida e irremediavelmente doido. Como se não houvesse percebido minha incredulidade, ele prosseguiu com a explicação:

– O primeiro passo consiste em desenvolver seu aparelho fonador, de modo semelhante como se estimulam os surdos-mudos antes de levá-los à articulação. Sua extraordinária mobilidade mímica sugere a realização de uma verdadeira ginástica dos lábios e da língua, e nesse campo posso lhes afirmar que Yzur tem alcançado progressos admiráveis. O passo lógico seguinte seria o ensino da palavra mecânica, para levá-lo progressivamente à palavra sensata. Começamos pelos fonemas e sua articulação, as vogais e as consoantes, e quase simultaneamente a associação entre sons e ideias.

Naquele momento, o chimpanzé voltou a surgir à porta do escritório. Parou ao lado da mesma, como se nos franqueasse a passagem, e começou a dar pequenos saltos enquanto emitia sons como “uh-uh-uh”. Lancei um olhar irônico na direção de Lugones, o professor de primatas.

– Bem, parece que por enquanto seu aluno ainda não foi capaz de transcender o ciclo básico...

– O processo, de fato, é árduo e muito lento, *Herr* Lidenbrock. Mas cada pequeno resultado proporciona um enorme estímulo, disso esteja certo. Como o professor Méndez fará em poucas horas, espero também poder brindar-lhes em breve com grandes surpresas.

Lugones levantou-se e fez um gesto com a mão, indicando-nos o caminho que passava por Yzur em direção à sala de jantar. Após aquela dissertação, não foi surpresa encontrarmos a mesa do café perfeitamente arrumada para nos receber. Com tão intensivo treinamento, aquilo pelo menos era algo que, ao meu juízo, o chimpanzé seria capaz de fazer com facilidade.

Durante o desjejum o assunto derivou para outros rumos, como a inevitável situação política

do Brasil e da Confederação Argentina no interminável conflito contra os aztecas. O sol arriscava uma aparição tímida entre nuvens quando, cerca de uma hora depois, ganhamos a rua molhada e entramos na carruagem que nos esperava, tomando o rumo do hotel onde se hospedava Javier Méndez. Ficava localizado no novo e pujante bairro da Recoleta.

Durante a viagem fiquei observando Leopoldo Lugones e me dei conta de que, apesar de suas ideias excêntricas, eu simpatizava com o homem. Não demorei a descobrir o porquê. A despeito de todas as diferenças temperamentais ele me fazia lembrar meu próprio tio, Otto Lidenbrock. É certo que, enquanto meu tio é um homem extremamente impaciente e impetuoso, pouco hábil ao lidar com seus afetos e distraído para as coisas do cotidiano, como ocorre, aliás, com a maioria dos gênios científicos, Lugones mostrava-se bem mais sociável, cheio de rodeios em suas explanações e atento a detalhes insignificantes. Porém, ambos são homens apaixonados quando se referem a seus objetos de estudo, e não hesitam ao defenderem ideias obscuras e estranhas, caso farejem no fundo das mesmas o hálito da verdade. Meu tio conseguiu, paradoxalmente, que eu refreasse em grande parte meu sarcasmo e descrença juvenis, que eu manifestava com frequência ao reprovar suas teorias mais exóticas, provocando com ele discussões terríveis. Mas recordo-me de uma das tantas vezes em que as relações entre franceses e britânicos deterioraram perigosamente; ele sugeriu que o Império Francês deveria considerar o plano de construir um acesso subterrâneo sob o Canal da Mancha, para invadir o território inglês de surpresa caso surgisse a necessidade. A ideia provocou-me risos em uma intensidade que, vejo agora, devem ter parecido ofensivos. Ironicamente, sugeri que ele jamais tentasse transformar aquela ideia em prática, sob risco de ver-se irremediavelmente desmoralizado, maculando para sempre sua imagem de geólogo conceituado. No entanto, para minha surpresa, o homem esperou pacientemente que eu terminasse meu “espetáculo” e, com uma calma e uma doçura inesperadas a ponto de me desarmar completamente, afirmou que “não seria seu primeiro nem segundo erro, em seus esforços no sentido de superar os limites conhecidos da ciência”. Retruquei, ainda assim, questionando até que ponto valia a pena correr o risco em experimentos temerários, ainda que baseados em conhecimentos sólidos. A lição que recebi naquele momento, talvez por ter sido enunciada em um raro momento de sensibilidade de um homem racional e orgulhoso, ficou gravada a fogo em minha alma. Disse-me Otto Lidenbrock: “A ciência, meu rapaz, é construída com erros, mas são erros que vale a pena cometer, porque conduzem pouco a pouco à verdade.”

Olhei novamente para Lugones, que fitava o horizonte pela janela da carruagem com ar sonhador. Em que porcentagem seria aquele homem um louco e em que medida poderia ser considerado um desbravador destemido das trevas que envolvem o halo luminoso projetado pela chama da ciência? Decidi, em honra de meu tio, que valia a pena observar mais um pouco antes de decretar o veredito. Talvez Méndez, que conhecia bem meu tio e conhecia também Lugones, pudesse me ajudar a lançar uma luz sobre aquela questão.

Minhas reflexões foram interrompidas quando a carruagem estacou com um solavanco. Descemos em um descampado coberto de cascalho, que continuava numa trilha tortuosa entre as árvores de um formoso bosque até a escadaria do imponente edifício, que funcionava como sede do hotel.

Já nos aproximávamos das escadarias da entrada quando, de entre as colunas do *hall*, surgiram dois homens uniformizados. Lugones estacou por um momento, surpreso. Percebi num instante

que sua perturbação não se devia à presença dos dois homens, uma vez que ele já nos havia informado que deixara no hotel quatro de seus agentes como escolta do cientista. O problema eram as expressões em seus rostos. Um deles adiantou-se e se apressou em dizer:

– Lamentamos muito, comissário, mas houve um contratempo terrível...

– O que está dizendo, Herrera? Onde está Méndez?

– Pretendíamos contatar o senhor nesse instante, comissário. Ele acaba de ser encontrado... – a voz do agente tremia.

– Encontrado?...

Evitando olhar seu superior nos olhos, Herrera fez um gesto em direção ao pé da escadaria que conduzia aos andares superiores, onde um pálido gerente saltava de um pé para o outro, enquanto secava o suor do rosto com um lenço. Aquilo não podia ser nada bom.

Fomos conduzidos rapidamente à porta de um dos quartos do terceiro andar. Os outros dois agentes, de olhares não menos constrangidos, aguardavam do lado de fora, juntamente com um homem de ar assustado que trajava o uniforme dos funcionários do hotel.

A porta do quarto abriu-se lentamente e pudemos ver o corpo volumoso de Javier Méndez deitado na cama, sob os lençóis, o rosto já exibindo os primeiros sinais da palidez da morte. Lugones permaneceu de pé sob o umbral da porta. O gerente aproximou-se dele por trás e cochichou com voz trêmula:

– O *señor* Méndez deu ordens para que fosse despertado logo ao amanhecer, às sete horas. Como não atendeu aos chamados, nosso funcionário usou sua chave para abrir a porta e o encontrou exatamente assim. Dei ordens expressas para que nada fosse tocado até que o comissário chegasse, e seus agentes permanecem desde então vigiando aqui no corredor.

– Onde permanecemos desde ontem, quando o professor Méndez se recolheu, comissário – disse um dos agentes, apontando para uma cadeira postada cerca de dez metros adiante, de frente para o corredor. – Podemos assegurar que ninguém entrou ou saiu deste quarto até que o camareiro nos chamou, aos gritos, há cerca de meia hora.

Lugones caminhou vagarosamente para o interior do quarto, que era mais comprido do que largo. Maucler e eu o seguimos de perto e depois de nós vieram o gerente, seu funcionário e dois dos agentes. Do lado oposto da cama onde jazia o cadáver do cientista a janela estava aberta de par em par e a luz do sol permitia uma boa visualização de todo o ambiente. Não havia marcas de violência em nenhuma parte. A mala de Méndez era parcialmente visível através da porta do armário entreaberto e não parecia haver nada fora do lugar.

– Parece ter sido morte natural; “morte por visita de Deus”, como costumam decretar os legistas ingleses – arriscou o gerente, ainda cochichando. – Uma trágica coincidência que ele houvesse acabado de chegar a Buenos Aires...

– Você, meu bom homem, o que foi que viu? – indagou Lugones, ignorando o gerente e dirigindo-se diretamente ao camareiro. Este se adiantou dois passos e pude perceber que mancava. Sua perna direita era, evidentemente, uma prótese.

– Bati na porta do quarto às sete horas em ponto – disse o homem, com voz trêmula, esfregando as mãos e despejando as palavras rapidamente, em seu francês com um forte sotaque característico dos falantes do portunhol. – Como o professor não respondeu, usei a chave da gerência para entrar. Tudo fazia parecer que ele ainda dormia, por isso hesitei, e o chamei pelo nome mais algumas vezes. Depois me aproximei cautelosamente, preocupado por sua

imobilidade. Toquei seu rosto e percebi que estava frio. Coloquei meu dedo sob as narinas e constatei que não respirava. Então corri pra fora, e gritei pelos agentes...

– Não passaram nem cinco minutos entre o momento em que o camareiro entrou no quarto e o momento em que saiu e chamou por mim, que me encontrava em meu turno no final do corredor – completou um dos agentes.

Percebi que, enquanto Lugones interrogava as testemunhas, Maucler se movia pelo interior do quarto. Primeiro chegou bem perto do corpo e o examinou de cima abaixo, minuciosamente, porém sem tocá-lo. Aí tocou levemente o rosto pálido com as costas da mão. Depois sacou um lenço do bolso e com ele ergueu a ponta do lençol, examinando-o por baixo. Caminhou até o armário e entreabriu a porta, examinando todo o interior. Deu uma rápida olhada no banheiro, já que se tratava de uma suíte. Havia um criado mudo junto à cabeceira do falecido. Maucler abriu a pequena gaveta e retirou de lá, ainda usando o lenço, o que parecia ser um fino almanaque de papel barato e amarelado. Uma das páginas estava marcada com uma tira de papelão branco, amarrada em uma das pontas com um fino barbante. Maucler mostrou-me a tira de papel, onde estava escrito em portunhol: *“Que tengas una buena estadía conosco.”*

Percebendo meu olhar curioso em direção à brochura, ele disse:

– Trata-se de uma espécie de guia para turistas, contendo os principais locais de hospedagem e alimentação em Buenos Aires. Veja aqui, há uma pequena marca à frente do endereço de um hotel...

– Este, onde nos encontramos?

– Não, na verdade o hotel assinalado fica em La Boca, próximo ao porto.

O gerente bufou, torcendo o nariz, e não pôde deixar de resmungar:

– Não pode ser um lugar respeitável, isso é certo...

Atrás dele o camareiro pigarreou, constrangido. Ergueu a mão vacilante, como um aluno que pede a palavra ao professor.

– Senhores, se não precisarem mais de mim, peço licença para retornar às minhas responsabilidades.

O gerente consultou Lugones com um olhar inquisitivo, mas este apenas fez um gesto para que o camareiro pudesse sair. O homem apressou-se em deixar o cenário macabro, a perna postiça fazendo um barulho surdo ao chocar-se contra a madeira que cobria o piso. Quando desapareceu, o gerente se voltou e deu de ombros.

– Peço que perdoem o pobre Gonçalo. Este é seu primeiro emprego após retornar do front brasileiro. Perdeu uma das pernas em um bombardeio na Província Cisplatina e foi trazido para o Hospital Militar, onde permaneceu por semanas. Sobreviveu, mas desgraçadamente mutilado. Ver um dos hóspedes morto em sua primeira semana de trabalho não deve ser agradável. O pobre homem já teve mais do que sua justa cota de tragédias.

Enquanto ele falava, observei que Maucler se abaixava e apalpava a madeira plana e quadrada na parte de cima do criado mudo. Passou o dedo indicador na superfície vazia, e esfregou-o contra o polegar, aparentemente analisando a poeira. Depois disso, deu a volta na cama e parou no centro do espaço estreito entre a cama e a janela, onde tocou cuidadosamente o batente da mesma em toda a extensão do parapeito. Olhou para fora por algum tempo, como se desfrutasse do belo visual proporcionado pelos jardins ao redor do hotel. Percebi que, de repente, algo chamou sua atenção no chão do quarto, num lugar que não podíamos ver de onde nos

encontrávamos.

Maucler abaixou-se e, ainda usando o lenço, apanhou no chão um minúsculo objeto negro, impossível de identificar mesmo a uma distância tão curta. Ele voltou para junto de nós ainda fitando o fragmento na ponta de seu dedo, e estendeu-o na minha direção. Lugones e eu estreitamos os olhos, o comissário ajeitando os óculos para tentar identificar o objeto achatado em forma de gota d'água. Maucler não deu tempo para que decifrássemos o mistério por nós mesmos:

– É uma pétala de flor. Uma pétala negra.

– Negra? – estranhei, sem conseguir atinar para o tipo de flor que pudesse ter uma pétala como aquela.

Maucler arqueou as sobrancelhas e voltou-se para o gerente.

– Os senhores costumam enfeitar os quartos do hotel com arranjos de flores?

– Por certo que sim – disse ele, como se houvesse se ofendido com a pergunta. – Inclusive considero uma falha grave que não haja um arranjo bem aqui, no quarto de um hóspede tão ilustre! Mas não me recordo de já termos alguma vez usado flores negras em nossos enfeites...

Ao meu lado, Lugones sacou uma pequena lupa do bolso do paletó e examinou a pétala que repousava na ponta do dedo de Maucler. Soltou um grunhido e afastou-se com o olhar pensativo, enquanto as sobrancelhas erguiam-se em sinal de surpresa.

– *Viola acherontia*... – murmurou o comissário, mais para si mesmo.

Retornamos à sua residência juntos. Lugones fez a viagem de volta na carruagem inteiramente mergulhado em seus pensamentos. Observei atitude semelhante em meu colega Maucler. Os dois, por caminhos certamente diversos, procuravam juntar as peças do quebra-cabeça em que se transformara nossa missão, com o inesperado assassinato de Méndez. Assassinato, sim, a despeito da teoria do gerente do hotel sobre uma morte natural. Para mim a maior prova disso era justamente o fato de que não encontramos, naquele quarto, o menor sinal do suposto Dispositivo Ômega. Pelo testemunho categórico do agente que estava de plantão no corredor, o camareiro não tivera tempo nem oportunidade de retirar qualquer objeto do quarto sem que ele tivesse visto. E além do camareiro, ninguém mais entrara no quarto naquela noite além de Méndez. Manifestei essas impressões para Maucler, e ele resmungou algo como “de fato, o camareiro não teve tempo...”, retornando depois a seu mutismo reflexivo.

Chegando à mansão, Lugones nos conduziu diretamente à biblioteca, onde voltamos a desfrutar da companhia do grotesco chimpanzé Yzur, que demonstrou com pequenos saltos e cambalhotas – mas nenhuma palavra sequer – a alegria de reencontrar seu mestre.

O comissário tinha ali uma vastíssima coleção de livros e periódicos, espalhados em estantes que cobriam completamente as paredes de duplo pé direito. Ele procurou alguma coisa ao redor da sala e finalmente fez um sinal para o macaco. Observei fascinado quando Yzur empurrou para junto de Lugones uma escada, presa superiormente a um trilho que corria rente às paredes. O homem subiu alguns degraus e retirou da prateleira um fascículo amarelado, que estendeu sobre a mesa localizada no centro da biblioteca. Era um caderno de uma edição antiga do principal jornal de Buenos Aires. Constatei que aquela edição trazia a data de aproximadamente dez anos atrás. Finalmente, com uma exclamação de triunfo, Lugones apontou para uma notícia no alto de uma das páginas.

– Ah, eu sabia, aqui está! “Sergio Sandes” é o nome do homem...

– Suponho que exista uma relação entre esse homem e a misteriosa pétala negra, comissário. Talvez seja o momento de nos esclarecer esse dramático enigma...

– Claro que sim, *Herr Lidenbrock!* Queiram desculpar meu recente comportamento introspectivo, mas confesso que os rumos tomados por este caso me resultaram extremamente surpreendentes. Como pode ver pela data do jornal, tive que mergulhar profundamente nas águas escuras da memória para resgatar esta importante pista.

Li a manchete apontada por Lugones, escrita em portunhol: “*Cientista local realiza prodígios en el reino de los vegetais.*”

– Guardei essa notícia – principiou nosso anfitrião – graças ao grande interesse que nutro, como já devem ter percebido, pelas experiências de vanguarda realizadas em todos os campos da ciência. Neste caso trata-se de Sergio Sandes, especialista em botânica nativo de Buenos Aires e graduado em Paris, que realizava fascinantes experiências produzindo flores de cores exóticas ao misturar brotos de diferentes espécies da mesma planta, por meio de enxertos engenhosos. Seus esforços se desviavam, naquele então, no sentido de tentar produzir híbridos de vegetais de diferentes espécies, em combinações jamais experimentadas. Fui pessoalmente assistir uma de suas palestras acadêmicas, ao final da qual tive a oportunidade de conversar com Sandes. Tratava-se de um homem pequeno e já de idade considerável, que amava suas flores como um pai, manifestando fanática adoração por elas. Percebendo meu genuíno interesse por assunto tão distante das preocupações corriqueiras daqueles que o cercavam, encontrou-se bastante à vontade para tratar longamente comigo do tema.

Procurei por um segundo vislumbrar uma conversa entre aqueles dois homens. Era uma visão de pesadelo. Desisti e continuei escutando:

– Ele me falou de suas tentativas frustradas no sentido de produzir uma rosa negra; além disso, de sua frustração na manipulação de passifloras e tulipas. Mas salientou que estava especialmente entusiasmado em suas experiências envolvendo violetas. Esperava para breve ser capaz de produzir uma dessas flores de cor negra e absolutamente sem perfume. Diante de minha manifestação de descrença, argumentou com dados estatísticos impressionantes: os senhores acaso sabiam que, para mil cento e noventa e três espécies de flores brancas, há cento e setenta e cinco perfumadas e doze fétidas? E que, para dezoito espécies de flores negras, há dezessete inodoras e uma fétida?

Olhei de relance para Maucler, cujo rosto permanecia desesperadoramente impassível. Cruzei os braços, franzi a testa e projetei o lábio inferior, expressando da melhor maneira possível o quanto aquela informação deveria estar me fascinando.

– Comissário, eu não fazia ideia...

– Sandes ressaltou que uma série de cruzamentos que vinha fazendo, indispensáveis para prevenir a degeneração, vinha atrasando o êxito final, mas calculava que este não estava longe. Ainda assim questionei sobre qual seria a utilidade de tal êxito; eu não via o menor fascínio na produção de uma flor negra e sem qualquer perfume. Naquele momento a expressão de seu rosto mudou. Um brilho peculiar cintilou em seus olhos. Ele olhou ao redor, certificando-se de que nós estávamos sozinhos, e então me segredou que aquela tentativa, ao se concretizar, seria apenas o primeiro passo para um desafio maior, este sim de apelo irresistível para sua alma de cientista.

Lugones fez uma pausa dramática, conferindo as expressões faciais de cada um de nós.

Constatando que até mesmo Yzur encontrava-se vidrado à espera da conclusão, ele prosseguiu:

– Sergio Sandes pretendia produzir híbridos mesclando a violeta negra com plantas como estramônio, jasmim e beladona...

– Que são plantas de onde derivam poderosos narcóticos e alucinógenos – interrompeu Maucler, que não cessava de me surpreender.

– Isso mesmo! E daí pretendia alcançar, através de novos cruzamentos com plantas ainda mais venenosas, seu objetivo final: uma violeta negra capaz de exalar um tóxico mortal sem odor algum, uma peçonha fulminante e imperceptível. Ele já havia concebido inclusive o nome de sua nova espécie em projeto...

– *Viola acherontia*.

– Precisamente, *Monsieur* Maucler! Esta pequena pétala de um negro aveludado, que repousa diante de nós dentro do lenço sobre a mesa, é a prova mais contundente de que, após tantos anos, nosso audacioso botânico parece ter, finalmente, alcançado o sucesso.

– O que nos leva a outra pergunta, comissário: afinal, onde – e por que – se cruzam de maneira tão trágica os caminhos de Sergio Sandes e Javier Méndez?

– Foi por isso que recorri a este jornal antigo, *Herr* Lidenbrock. Como eu esperava, consta da notícia o endereço da estufa onde Sandes realizava seus experimentos. Fica em uma propriedade rural não muito distante daqui, e pretendo ir até lá imediatamente. Interrogar o homem certamente deverá nos trazer informações valiosas sobre essa morte. Presumo que venham comigo...

– Talvez o melhor a fazer seja, a partir de agora, dividir nossos esforços, comissário – retrucou Maucler. – Como não encontramos no hotel nenhum sinal do Dispositivo Ômega, acredito que nossa melhor pista esteja ligada ao endereço do hotel em La Boca, marcado neste almanaque. Sendo este o principal objetivo de nossa presença aqui, penso que Axel e eu devamos seguir essa pista em particular.

– Muito justo – assentiu Lugones. – Façamos o seguinte: pedirei que meus agentes enviem para cá outra carruagem imediatamente e nos encontraremos aqui mais tarde com os frutos de nossas investigações.

Dito isso, Lugones deixou o aposento apressadamente. Ouvimos quando ele orientou um mordomo a nos chamar assim que chegasse o transporte. A presença de um serviçal humano deixou-me aliviado. A assistência gentil de Yzur ainda me causava calafrios. Enquanto Maucler e eu permanecemos sentados na biblioteca, o macaco nos observava sentado a um canto, a expressão inquietante em seus olhos fazendo parecer que ele até mesmo nos compreendia.

– O que você pensa, Maucler? Esse Sergio Sandes pode mesmo ser nosso assassino?

– É possível que seja mesmo o responsável por armar a mão do criminoso e, sendo assim, merece ser preso como cúmplice, embora eu seja capaz de apostar, se é que o velho Sandes era mesmo um homem de bem devotado à ciência, que o comissário não encontrará mais que um cadáver naquela estufa. Nosso assassino é detalhista, não deixaria para trás um rastro tão óbvio.

– Ora, e o que lhe dá tanta certeza disso?

– O simples fato de que sei exatamente quem é o assassino, Axel. Sou capaz inclusive de dizer-lhe seu nome verdadeiro e o que esse indivíduo esteve fazendo nos últimos anos.

– *Scheisse*...

– O que foi que encontramos no quarto do hotel, Axel? – principiou Maucler, ignorando

educadamente minha imprecação indigna de um cavalheiro – Pela rigidez, temperatura e cianose do cadáver, já estava morto havia algumas horas. Eu diria que o óbito ocorreu por volta de duas ou três da madrugada. Pela posição do corpo, deve ter morrido durante o sono, sem sentir absolutamente nada.

– O que fala a favor do veneno “fulminante e imperceptível” mencionado por Lugones.

– Mas como esse veneno chegou até ali? Qual a sua origem? O marcador improvisado por Méndez, para assinalar a página onde estava o endereço do hotel em La Boca, denunciou tudo.

Maucler sacou de dentro do almanaque a tira de papelão com as boas-vindas ao hóspede do hotel. O barbante em uma das pontas sugeria que estivera amarrado em algo.

– Percebi logo que isto fazia parte de algum enfeite, possivelmente flores, embora estas não estivessem à vista. De fato, percebi uma fina poeira de cerâmica sobre o criado-mudo. Decididamente, pouco tempo antes um vaso de flores estivera depositado ali, junto à cabeceira do morto. Mas como eu já disse, ele não estava em lugar algum e, além disso, havia outro detalhe que não combinava com o cenário...

Ele ergueu as sobrancelhas de maneira inquisitiva, mas eu apenas balancei a cabeça negativamente. Assim, ele continuou:

– Axel, numa típica noite gelada e chuvosa de junho, não lhe parece estranho que Méndez haja dormido com a janela aberta? Poderia até nos levar a crer que o homem morreu de frio! Considerando que a morte deu-se no início da madrugada, ou a janela estava aberta desde a noite anterior, ou alguém mais esteve ali e a abriu...

– Para se livrar do vaso de flores!

– Não apenas para isso. Mas você tem razão, se solicitarmos uma busca pelos jardins, é possível que o vaso de violetas negras esteja caído dentro de algum arbusto. O batente da janela estava completamente seco pelo lado de dentro, o que indica que ela foi aberta depois que a chuva parou, o que ocorreu bem próximo do amanhecer, se você se recorda. Quem deixou as flores venenosas naquele quarto fechado, para que o veneno se acumulasse no ambiente e eliminasse Méndez, teve o cuidado de entrar lá pela manhã e abrir a janela, a fim de se livrar da “arma do crime”, e também para permitir que o ar externo penetrasse e dissipasse o veneno. Para sua infelicidade, em um daqueles acasos a que a Providência costuma recorrer para atrapalhar a maioria dos crimes perfeitos, uma das pétalas negras desprende-se de uma violeta e caiu dentro do quarto, o que foi mais contundente que uma impressão digital.

– Mas Maucler, ninguém entrou no quarto naquela noite, a não ser...

Encarei meu companheiro com absoluto espanto.

– Gonçalo, o camareiro pernetá?!

– É como sempre diz o comandante Dupin: eliminado todo o impossível o que resta é a verdade, por mais improvável que pareça. O homem esteve no quarto por menos de cinco minutos, de acordo com o guarda. É pouco para matar um homem, mas é mais do que suficiente para abrir a janela, atirar um vaso de violetas no jardim, e dar uma rápida busca pelo quarto à procura do Dispositivo Ômega. Em seguida ele chamou o agente e deu sequência a sua pantomima...

– Mas o tempo todo estivemos esperando por um espião inglês! Por que um argentino, veterano da guerra brasileira...

– Não se iluda, Axel. O perfeito sotaque do portunhol é um indício claro de que enfrentamos

um espião de qualidade excepcional. Mas eu lhe asseguro de que o nosso homem não tem como ser mais inglês!

– Há mais um detalhe que, a meu ver, fala contra essa sua teoria, Maucler: se o camareiro era o assassino, e se já havia conseguido apossar-se do Dispositivo Ômega, por que diabos permaneceu na cena do crime, à nossa espera, correndo o risco de ser desmascarado em flagrante?

– Essa é justamente a questão, meu amigo: ele vasculhou o quarto, mas *não encontrou* o aparelho de Méndez! Ele certamente não se arriscaria a atirar o dispositivo juntamente com as flores pela janela do terceiro andar, sob risco de danificar um item tão exclusivo e precioso. Por outro lado, o agente de Lugones não o viu retirar nada da cena do crime, havendo permanecido lá todo o tempo até nossa chegada.

– Entendo. Ele permaneceu lá para tentar descobrir, com nossa presença, onde o cientista poderia ter escondido o dispositivo!

– Eis porque pediu para retirar-se imediatamente após eu haver encontrado o almanaque na gaveta do criado-mudo, com o endereço de um hotel em La Boca. Certamente, receoso de ser interceptado antes que pudesse estar conosco, Méndez teve a ideia luminosa de alugar um quarto em um hotel nas docas, assim que colocou os pés em Buenos Aires. É ali que encontraremos nosso Dispositivo Ômega.

– Pelo que me lembro, nenhum de nós pronunciou o endereço do hotel em voz alta. Ele ainda não sabe que se trata do *Timone*!

– Mas agora tem um número limitado de opções, e deve estar agora mesmo manquitolando pelas ruas de La Boca à procura do local. Isso nos dá algum tempo, mas não devemos abusar da sorte...

Como se aquelas palavras fossem um sinal, o mordomo de Lugones adentrou a biblioteca, anunciando a chegada de nossa carruagem. Imediatamente descemos até a rua e tomamos o caminho das docas de La Boca. Mas a curiosidade ainda estava me corroendo as entranhas.

– Você disse que sabia a identidade do criminoso, e até mesmo seus antecedentes...

Maucler ajeitou-se no assento da carruagem e percebi que seu olhar mergulhou no passado. Começou a falar em tom baixo, e eu estava certo de que em sua mente revivia fatos inimagináveis.

– Faz alguns anos, estive atuando como agente infiltrado nas fileiras britânicas. Graças às manipulações de nossos homens disfarçados nos corredores do Alto Comando do Serviço Secreto deles, fui adicionado ao grupo comandado por um engenheiro chamado Banks, que foi incumbido pelo Serviço Secreto de viajar à Índia e caçar Nana Sahib, líder do Motim Indiano e responsável por incontáveis mortes de cidadãos britânicos. Minha missão era roubar a tecnologia envolvida na construção de nosso meio de transporte em terras indianas, um carro blindado moldado na forma bizarra de um elefante e movido a vapor, sem qualquer tração animal. O contingente militar era comandado pelo Coronel Munro, que viajava conosco no colosso metálico. Recordo-me de que ele e seu auxiliar imediato, o Capitão Hood, trocavam frequentemente impressões sobre os movimentos das tropas inglesas no norte da Índia. Eu prestava uma especial atenção naqueles relatos, pois via neles a oportunidade de recolher algumas informações táticas vitais para as tropas da *Grande France* que, como você sabe, apoiavam em segredo os grupos rebeldes indianos. Bem, foi naqueles relatos que ouvi pela primeira vez, e em repetidas oportunidades, o

nome de Charles Lawson, um soldado inglês que estava se transformando em uma lenda viva naquelas paragens. Pelo que diziam a bravura do homem era legendaria e sua audácia deixava estupefata a própria Liga dos Assassinos. Lawson não hesitava em avançar sozinho por territórios dominados por inimigos e lograva com isso vantagens inestimáveis para seus compatriotas. Sua astúcia o ajudara a escapar mais de uma vez da morte certa nas mãos dos indianos. A impressão unânime entre os oficiais era de que o futuro de Lawson seria brilhante no exército britânico. De fato, soube que ele foi rapidamente condecorado e promovido, tendo chegado a tenente. Bem próximo ao final de nossa missão, recebemos a notícia de que Charles Lawson havia sido gravemente ferido em uma explosão, durante uma escaramuça em Oudh. O homem foi enviado com todas as honras de volta a Londres, mas deixou na Índia uma de suas pernas.

– Compreendo. Nada de bombardeio na Província Cisplatina...

– Já de volta a Londres, ainda sob meu disfarce, tive a curiosidade de procurar saber o destino de Charles Lawson. O que apurei foi surpreendente: pouco tempo depois de repatriado, Lawson recebeu a herança de um parente muito rico que o tinha como único herdeiro e que morreu subitamente, de causas naturais. Sua vida parecia estar encaminhada em tons dourados, quando veio a grande surpresa: em um dia de bebedeira, Charles Lawson confessou ter matado o tal parente para assumir a posse da herança. Diante da descrença de vários presentes, descreveu com detalhes seu plano magistral: na volta da Índia ele trouxe consigo amostras de um veneno raro e poderosíssimo; Lawson misturou a substância na cera com a qual moldou uma vela e, sabendo que seu parente gostava de ler à noite antes de dormir, deixou a vela envenenada na cabeceira de sua cama. Na manhã seguinte, só teve o trabalho de entrar no quarto do parente morto e abrir as janelas para dissipar o veneno da atmosfera. E assim estava feito.

– “Morte por visita de Deus”.

– Sem dúvida. Brilhante, não?

– Com toda certeza. Mas por que um gênio do mal como Lawson cometeria a idiotice de confessar seu crime perfeito, mesmo estando sob efeito do álcool?

Percebi que Maucler vacilou um pouco antes de responder, como se escolhesse as palavras.

– Há diferentes maneiras de interpretar essa atitude. Os mais levianos a interpretariam simplesmente usando palavras como a que você escolheu: uma rematada idiotice! Porém, seu próprio questionamento traduz a necessidade de uma explicação mais plausível, com o que concordo plenamente. Alguns investigadores da psique humana traduziriam o mal de que padecia Lawson como “o demônio da destruição”; usando um exemplo claro: quando você se vê desprotegido na borda de um precipício, de onde vem a tensão ou mesmo o frio que lhe sobe pelas pernas?

– Obviamente vem do medo de cair...

– Ou talvez não seja tão óbvio! O temor pode não ser o de cair, mas de *se jogar*. Ou você, na beira de algum abismo, nunca se imaginou dando um passo adiante e sofrendo o efeito da queda fatal, sentindo no fundo da mente uma ponta de curiosidade para saber como é a sensação? Algumas pessoas admitem que experimentam, naquela situação, um claro impulso no sentido de se jogarem, como se fosse algo mesmérico, e assim se afastam horrorizadas para algum lugar seguro. Como nesse caso, alguns defendem que dentro de cada ser humano existem os dois impulsos em constante pugna: para o bem e para o mal; para a salvação e para a destruição. O interessante é que os britânicos George Oliver e Sharpey-Schafer descobriram, há alguns anos,

que em situações de perigo o corpo humano secreta um hormônio chamado “adrenalina”, que parece preparar o indivíduo em termos biológicos para enfrentar a ameaça.

– Li algo a respeito. Recentemente, inclusive, meu compatriota Friedrich Stolz realizou o prodígio de obter esse hormônio sinteticamente.

– Como você mesmo certamente já experimentou, como efeito de várias ocorrências típicas do nosso ramo de trabalho, uma descarga de adrenalina é seguida de uma sensação generalizada de prazer, sempre que a ameaça que se apresentou é superada com sucesso. Bem, minha teoria é de que há pessoas viciadas nesse tipo de sensação e dar ouvidos ao “demônio da destruição” pode ser uma forma de buscarem situações para satisfazerem esse vício. A meu ver isso pode explicar a frequência com que, de acordo com os relatos dos oficiais ingleses, Lawson se atirava em missões de alta periculosidade de maneira muitas vezes temerária.

– Hum. Não seria tanto por bravura, mas o soldado gostava de procurar sarna para se coçar...

– E é claro que por trás disso existe uma vaidade colossal, o desejo irreprimível de se ver ovacionado e admirado por seus pares e até por seus superiores. Isso potencializaria ainda mais o efeito prazeroso que se segue à descarga de adrenalina.

– Muito bem, e o que tem tudo isso a ver com a confissão insensata de Lawson?

– Imagine Lawson saindo vitorioso de seu crime perfeito; ele conseguiu tudo: a fortuna para viver bem pelo resto de seus dias e, além disso, escapou ileso e absolutamente insuspeito de um crime de morte! Por algum tempo ele congratula a si mesmo, ergue brindes solitários à própria genialidade diante da lareira, ri com deboche quando cruza com os agentes da lei. Mas ele sente falta de uma coisa: a admiração de seus pares, que ele colhia após cada uma de suas loucuras militares na Índia. O pior: ele sabe que ninguém jamais sequer desconfiará de sua autoria naquele assassinato... a não ser que ele mesmo conte!

– Eis que o “demônio da destruição” o espeta com seu tridente...

– Com um agravante: mesmo com tudo que fez no front, Lawson retornou à Inglaterra aleijado. Perdeu uma perna e isso sobrepõe de maneira incômoda a imagem de vítima à do herói de guerra. Enquanto na Índia seu nome era uma lenda, tudo que seus compatriotas podem ver, e assim será para toda a vida, é o ex-soldado que perdeu a perna na guerra. Para a vaidade monstruosa de um homem como ele, o olhar de piedade de homens e mulheres ao seu redor deve ser algo que beira o insuportável.

– “Vaidade monstruosa” – repeti, em tom de escárnio. – Um típico inglês, você quer dizer. Todos esses “rosbifes” parecem iguais, mais até que os próprios chineses...

– Uma só e mesma alma para os milhões de habitantes daquelas ilhas, é o que eu sempre digo.

– Então você também pensa que o álcool não foi suficiente para turvar a razão do homem a ponto de confessar o crime.

– Pelo contrário. Eu apostaria que o álcool apenas lhe deu coragem para fazer o que lhe obrigava o demônio que carcomia suas entranhas. Lawton enfrentou a confissão e suas consequências como se investisse sozinho contra um batalhão de guerreiros sikh revoltosos. A polícia reabriu o caso, exumou o corpo do falecido e encontrou o laboratório improvisado de Charles Lawton, contendo provas contundentes de sua manipulação do veneno e da cera para fabricação da vela mortal. Foi julgado, condenado e posto a ferros, porém teve o reconhecimento definitivo, por parte de toda a opinião pública, de seu intelecto e talento como assassino ardiloso.

– E, no entanto, nós o encontramos em ação bem aqui, na Confederação Argentina...

– Isso é o que mais me espanta, Axel! Pelo que tudo indica, os britânicos estão treinando até mesmo seus assassinos condenados para executarem sua “arte” contra o Império Francês. Algum maldito burocrata certamente considerou um desperdício manter o talento de Lawson trancafiado numa cela, quando existia todo um império adversário para que ele pudesse exercitar sua vilania.

– Agora que o desmascaramos talvez possamos acabar com essa patifaria, ainda mais que o vimos pessoalmente. Não deve ser difícil fechar as saídas desta cidade para impedir a fuga de um homem sem uma perna. Claro, depois de cumprirmos com nossa missão primária de encontrar o dispositivo. Veja, parece que chegamos.

De fato, o cocheiro fez a carruagem parar na entrada de uma rua estreita de aspecto peculiar. Dos dois lados destacavam-se os chamados *conventillos*, casarões que eram praticamente um amontoado de cômodos minúsculos onde viviam às vezes diversas famílias de imigrantes, marujos ou estivadores. As casas eram pintadas de diversas cores vivas, formando um verdadeiro mosaico urbano cuja alegria contrastava com a pobreza que se respirava em todas as partes. No andar térreo proliferavam estabelecimentos especializados em salgar carne para exportação, oficinas para curtir couro e ferrarias onde se consertava de tudo, de ferramentas agrícolas até armas de guerra. De quando em quando um sobrado ostentava uma placa indicando que ali havia quartos para alugar, e a regra era a existência de apenas uma cozinha e um banheiro a ser compartilhado por todos os ocupantes do prédio. No final da rua onde descemos, uma placa redonda com pequenos apêndices, simulando um timão de navio, trazia escrita em azul a palavra *Timonel*.

Seguimos diretamente até a hospedaria, desviando de vendedores ambulantes e pedintes entre as pedras irregulares do calçamento. No pequeno *hall* de entrada, um rapaz franzino sorriu com dentes escuros de trás de um balcão.

– Em que podemos ser úteis, *señores*? Um quarto duplo, talvez? – disse ele em um francês quase ininteligível, adivinhando nossa condição de estrangeiros.

– Na verdade estamos procurando por um amigo, que deve ter se registrado recentemente neste hotel. Chama-se Javier Méndez.

O rapaz trocou rapidamente o sorriso por uma expressão de desolação. Deu de ombros.

– Não, eu lamento, *señores*, mas aqui ele não se registrou.

– Você parece estar bem certo disso – retruquei, desconfiado –, uma vez que nem sequer consultou seu livro de registros.

– Ah, nem é necessário consultar, *señor* – disse ele, rindo. – Hoje mesmo, mais cedo, estive aqui alguém procurando por ele. Talvez também seja amigo dos senhores...

Maucler e eu nos entreolhamos. Ele indagou:

– E você pode nos descrever esse homem?

– Na verdade era um tipo bem comum, de altura mediana e magro, mas com um detalhe: era coxo. E parecia, apesar disso, estar com muita pressa.

Instintivamente olhei para a rua, procurando vislumbrar algum sinal de nosso “conhecido”. Agora ele e nós tínhamos um problema em comum. Consultei o almanaque de páginas amareladas de Méndez, mas não havia dúvida: o hotel assinalado era mesmo o *Timonel*.

– Bem, parece que vamos ter mais trabalho do que imaginamos. Por aqui parece haver muitos

desses... hotéis – disse Maucler, suspirando.

– Mas haveremos de encontrar o lugar correto antes de nosso “amigo”, ou não me chamo Axel Lidenbrock.

– Lidenbrock! – gritou de repente o recepcionista, brindando-nos novamente com a alegria decadente de seus dentes podres – Ah, sim, nós temos aqui um *señor* Lidenbrock!

Começou a folhear alegremente o livro de registros. Eu estava surpreso.

– Tem certeza?

– Claro que sim! Como eu poderia esquecer nome tão imponente? Veja, hospedou-se ontem, deixou sua bagagem, mas é estranho, não retornou para passar a noite...

A caligrafia da assinatura no livro me era totalmente estranha, mas o nome escrito era inconfundível: “Otto Lidenbrock”. Maucler sorriu e acenou com a cabeça, satisfeito. Afinal, Méndez era mais esperto do que havíamos pensado. Sabendo que eu era um dos agentes enviados para contatá-lo, e imaginando a possibilidade de haver problemas, registrou-se com um nome falso, mas que eu pudesse reconhecer: o nome do meu tio, seu amigo de juventude.

Apresentamos nossas credenciais e o atendente, assustado, engoliu em seco. Conduziu-nos imediatamente escada acima até o quarto que ficava mais no alto, sob o telhado. O calor devia ser especialmente forte ali, pois através de um alçapão no teto era possível ver as telhas de zinco. No mais, era um aposento bem pequeno. Tirando a cama estreita e uma mesa com cadeira a um canto, mal havia espaço para nós três do lado de dentro. Não havia sinal da referida “bagagem” deixada pelo hóspede, mas também não havia muitos lugares onde escondê-la. Ajudei Maucler a erguer-se até a borda do alçapão do teto. Ele olhou cuidadosamente do lado de dentro e soltou uma exclamação de triunfo. Puxou cuidadosamente uma caixa comprida de madeira, retangular, com um fecho no centro da parede lateral.

Colocamos a caixa sobre a cama e, antes de abri-la, dispensamos o recepcionista, que nos observava com ar curioso. Ouvimos seus passos na escadaria de madeira e só então abrimos o fecho.

O Dispositivo Ômega não se parecia com uma arma. Não tinha as linhas suaves e adequadas ao manuseio que uma boa arma tem. Esse pensamento me fez retornar à realidade e lembrar que Méndez não havia criado aquilo para ser uma arma. Tratava-se de uma caixa retangular, um pouco mais estreita do que a própria caixa que a continha, com aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento por trinta de largura. Uma das extremidades continuava em um cone comprido e estreito, que ia afinando a partir da base até culminar em uma abertura mais larga, que me fez lembrar o cano de um antigo bacamarte. No topo da extremidade contrária do retângulo, um único botão protegido por uma pequena campânula de vidro, que podia ser levantada para expor o desajeitado gatilho. Ainda com minha imaginação presa ao conceito da arma, pensei que aquela poderia ser utilizada de maneira mais confortável se fosse adaptada sobre um tripé, como as metralhadoras de grande calibre.

Maucler colocou o dispositivo cuidadosamente sobre a mesa e o observou com atenção por todos os ângulos. Encontrou uma pequena presilha na quina da extremidade contrária à do cone e, após destravá-la, tornou possível retirar a madeira superior da caixa, uma tábua fina que deslizava para trás em um sulco, expondo o interior do artefato. O mecanismo interno era chocante em sua simplicidade: uma série de sete pequenos diapasões, pouco mais finos que cerdas, implantados em intervalos desiguais sobre um diafragma de madeira que constituía o

fundo da caixa. Um sutilíssimo arame se estendia e os roçava, formando uma espiral que se estreitava até um diapasão central, de onde o fio metálico seguia em linha reta, sem tocar em mais nada, até a base de um círculo que correspondia, como pude observar, à entrada do cano cilíndrico externo, que era oco. Vi que por dentro, entretanto, era riscado por um sulco também em espiral, e supus que o delgado fio metálico prosseguia por dentro do sulco até algum ponto ao longo do interior do cone. Estreitando os olhos, percebi que o fundo da caixa, sob o trajeto do fio, estava marcado por uma escala milimétrica diminuta, o que sugeria que a distância irregular entre um diapasão e outro havia sido cuidadosamente medida. O botão externo nada mais fazia do que vibrar, através do acionamento de um pequenino pêndulo metálico de borda esférica, o primeiro diapasão. Aquilo era suficiente para desencadear a ressonância ao longo do sistema, direcionando a onda sonora através do cano do dispositivo para o alvo apontado por ele. Muito engenhoso; mas seria efetivo? Se a história sobre só Méndez ser capaz de acioná-lo corretamente fosse verdade, talvez nunca soubéssemos.

Percebi que os mesmos pensamentos torturavam a curiosidade de Maucler. Lançando-me um olhar significativo, ele fechou cuidadosamente a tampa do aparelho e girou a caixa, apontando o cano cilíndrico na direção da janela fechada. Acionou o botão e o quarto foi preenchido por um zumbido grave, que foi gradualmente ficando mais agudo até desaparecer suavemente. Nada mais aconteceu. Dei de ombros e tentei propor uma saída:

– Vamos levar a coisa para os técnicos do departamento científico em Paris. Talvez estudando com mais detalhes o mecanismo...

– Era o que eu tinha em mente, exceto que não pretendia que o destino fosse Paris – disse uma voz à porta do quarto, em um francês impecável, livre de qualquer sotaque. Olhamos simultaneamente naquela direção, apenas para descobrirmos Charles Lawton com o ombro direito encostado ao batente da porta, aliviando o peso sobre a perna artificial. Segurava uma pistola com mão firme, apontada em nossa direção.

– Sua voz não está mais tão trêmula, Lawton. A caminhada pelo bairro parece lhe ter feito bem.

– Nem tanto, prussiano. Isso aqui às vezes ainda dói – disse ele calmamente, fazendo um gesto ligeiro com a arma em direção à perna direita e depois voltando a apontá-la para mim. – O pior foi não conseguir descobrir onde o maldito cientista havia escondido seu brinquedo. Tive de esperar escondido e observar pacientemente cada carruagem que vinha da direção de San Telmo, esperando por vocês. Felizmente fui recompensado. Mas vejo que estiveram bem ocupados, já que descobriram até meu nome verdadeiro.

– Não foi difícil, inglês – disse Maucler, procurando dar um tom irônico à voz. – Eu o julgava criativo, mas vejo que você tende a se repetir.

Percebi um brilho de ódio atravessar como um relâmpago o olhar de Lawton, mas durou apenas um segundo até que ele retornasse à calma anterior.

– Admitam que as violetas negras deram um toque de classe ao procedimento. Flores venenosas, dispositivos desintegradores... Como são criativos esses argentinos em tempos de guerra, não? Nossos agentes infiltrados por aqui se divertem muito com essas ocorrências, mas quanto a mim... – ergueu as sobrancelhas e moveu a cabeça levemente na direção da arma que empunhava –...costumo ser mais tradicional, quando necessário.

– O que o faz pensar que vai escapar dessa, Lawton?

Ele riu.

– Além do fato de que estamos a poucos metros do cais do porto, onde um barco me espera para me levar a um porto seguro na outra margem do Prata, e de que tenho em minhas mãos a única arma disponível que realmente funciona, como vocês mesmos acabam de atestar?

Maucler ergueu gentilmente o Dispositivo Ômega da mesa e, ajeitando-o sob um dos braços, apontou-o lentamente na direção do assassino inglês. Sua voz soou fria como a chuva que voltava a cair lá fora:

– Sempre podemos tentar de novo.

– Você pode tentar, por favor – rebateu Lawton ironicamente, erguendo a arma ameaçadoramente em sua direção.

– Além do mais somos dois e você está sozinho. No momento em que disparar essa pistola, o outro de nós que estiver de pé terá tempo de sacar a própria arma e dar cabo de você. Acredite, temos bastante prática nisso...

– Pois bem, e quem será o voluntário, hum? Pois na verdade eu não preciso mesmo dos dois, apenas do mais sensato para me ajudar a levar essa geringonça até o barco, desde que esse sobrevivente também não decida bancar o engraçadinho. Afinal, convenhamos, ainda tenho meus dois braços, e minhas mãos são bastante ágeis no gatilho. Ei, vocês parecem conhecer meu passado, quem pensam que eu sou?

– Já que perguntou – disse Maucler, estreitando os olhos –, você não passa de um pavão de uma perna só, que se esforça muito para não parecer digno de pena, só porque matou um tio velho covardemente, na calada da noite, como um rato.

Aquilo foi demais para o facinora. Ele trincou os dentes e, com o ódio voltando ao olhar de maneira duradoura, ergueu a arma em direção ao meu colega. Sua voz saiu trêmula, mas desta vez de raiva:

– Parece que temos nosso voluntário, afinal. Adeus, francêss...

Aquele instante era o que eu esperava, com todos os meus músculos em tensão. Antes que ele disparasse, joguei meu corpo para frente e cruzei todo o quarto, que como disse era bem pequeno, com um único salto. Mas Lawton, apesar de todas as bravatas, era de fato ágil e veloz. Seu braço armado girou num arco e ouvi o estampido, seguido de um clarão e de uma queimação terrível em meu ombro, que se prolongou numa sensação de choque que desceu por meu braço esquerdo. Caí estatelado aos pés de Lawton. Ainda tive tempo de olhar para cima e ver o círculo escuro do cano da arma, pronto para o segundo e derradeiro tiro.

Mal percebi o zumbido que preencheu o quarto enquanto eu caía, por isso foi com um susto enorme que vi o rosto de Lawton mudar, do ódio insano para uma expressão de absoluto terror. Numa sequência extremamente rápida, sua cabeça inchou como um balão, adquirindo uma tonalidade vermelha, enquanto seus olhos injetados pareciam prontos para saltar. A explosão fez um som estranho, molhado, e a cabeça de meu adversário desapareceu, substituída por uma fina chuva de gotículas avermelhadas que desceu suavemente sobre mim e salpicou as paredes do quarto.

Permaneci rígido, observando o corpo de Charles Lawton desabar e rolar para o corredor, o alto do pescoço transformado em um chafariz que esguichava uma onda pulsátil de sangue. Olhei assustado na direção de Maucler, que ainda segurava o Dispositivo Ômega apontado, olhando fascinado para um buraco redondo que se abrira na parede do corredor, do lado oposto da porta

do quarto.

– Bem – disse ele, enrugando o queixo em uma careta -, resta-nos aprender a regular a potência desta coisa.

Enquanto me levantava, ouvi passos rápidos que se aproximavam escada acima. Com olhares horrorizados, o comissário Lugones e dois de seus agentes surgiram diante da porta, tentando não pisar nas poças de sangue que se expandiam pelo piso.

– Lamento pelo atraso. Encontramos o velho Sergio Sandes assassinado em sua estufa, cercado de espécimes vegetais absolutamente fascinantes, o que nos tomou certo tempo. Foi só quando retornei a minha casa que fui informado do destino dos senhores.

– Como pode ser isso, comissário? – estranhei – Não me lembro de termos dito ao seu mordomo o hotel para onde nos encaminhávamos...

– De fato. Mas Yzur estava na biblioteca e ouviu toda a sua conversa. Foi ele quem me disse onde encontrá-los.

Olhei para Maucler, que sorriu ao ver minha expressão. Acho que quem ficou doido fui eu.

Após me permitir o benefício de um banho cuidadoso para me ver livre de todos os fragmentos do cérebro de Charles Lawton, Lugones nos levou, no final daquela tarde, ao cais do porto onde o *Pèlerin* nos aguardava para a próxima etapa de nossa viagem. Só então fui informado de que rumaríamos para a Baía da Guanabara, onde deixaríamos o agente Maucler, que deveria partir dali diretamente para uma nova e secreta missão.

Vários marujos locais, que haviam testemunhado há poucas horas a prisão do barco que escondia os associados de Lawton, nos receberam com aplausos. O capitão Servadac nos cumprimentou e informou que, a despeito do forte nevoeiro que se formava na baía, preferia deixar que escurecesse mais um pouco para iniciarmos a jornada, portanto esperamos.

Enquanto nos despedíamos, o comissário Lugones, que fizera questão de trazer o macaco Yzur especialmente para a ocasião, dirigiu-se ao meu colega:

– Antes de partir, *Monsieur* Maucler, rogo para que satisfaça o pedido de um velho escravizado pelo espírito da curiosidade científica. Como disse antes, eu mesmo testei em certa ocasião o Dispositivo Ômega e tive que me render à afirmação de Méndez de que só ele próprio seria capaz de fazê-lo funcionar. Afinal, como foi que o senhor conseguiu acionar o aparelho contra o espião inglês?

Maucler olhou cuidadosamente ao redor e só então abriu novamente a caixa que continha o dispositivo, que decidimos não tirar do alcance de nossos olhos até que estivesse segura nas mãos do comandante Dupin. Deslizou a tampa superior do aparelho, exibindo a espiral de diapasões interconectados.

– Toda ciência em ação parece sobrenatural quando não analisada sob a luz dos conhecimentos adequados, comissário. A afirmação do senhor de que tinha visto o dispositivo funcionar, certamente de absoluta confiabilidade, contrastava flagrantemente com a ideia de que somente o dedo de seu inventor, ao acionar este simples botão, fosse capaz de desencadear a onda destrutiva. Era óbvio para mim que tinha que existir uma trava de segurança, que Méndez pudesse acionar discretamente antes de passar o Ômega a outras mãos. Quando pude observar o mecanismo interno, a solução me saltou aos olhos. Compreendi que a onda sonora era potencializada desde sua origem, no acionar do gatilho sobre o primeiro diapasão, ao longo deste fio metálico que a transmitia para toda a série de diapasões de alta frequência, dispostos nesta

sequência específica. Ora, para interromper o circuito bastava que algo fizesse pressão física sobre algum dos diapasões, impedindo-o de vibrar, e assim de transmitir a onda adiante. Pois observe...

Para meu deleite, contemplei o entusiasmo infantil com que Lugones reagiu quando Maucler empurrou um discreto encaixe quadrado de madeira na parte inferior externa do dispositivo. Do lado de dentro, uma pequena lingueta projetou-se da parede lateral da caixa e ficou comprimida contra o quarto diapasão da sequência, localizado mais próximo dela.

– Na primeira vez em que apertei o botão de disparo, o fiz com a trava acionada, para observar o efeito. Percebi que a vibração se iniciava e se esvaía rapidamente, e me preparava para voltar a disparar o Ômega, agora com a trava desconectada, quando fomos surpreendidos por Lawton. Para seu infortúnio, o canalha acabou servindo como cobaia para nosso experimento definitivo.

– Bravo! – aplaudiu Lugones, enquanto o capitão Servadac fazia sinais para que embarcássemos a fim de levantarmos âncora. – *Señores*, transmitam meus cumprimentos ao comandante Dupin, a quem parabeno sinceramente pela elevada qualidade de seus agentes de campo. E espero que possamos nos encontrar novamente, de preferência em tempos menos belicosos, para que tenham a oportunidade de conhecer melhor as maravilhas de nossa América do Sul.

Maucler e eu subimos ao convés e o barco lentamente começou a se afastar do píer. Lugones, com Yzur ao seu lado, foi lentamente se desvanecendo em meio ao nevoeiro. No final ainda pudemos ouvir sua voz grave:

– Façam uma boa viagem, cavalheiros, e lembranças minhas à bela França!

– *Bon voyage!*

A segunda voz que ouvimos era completamente diferente da do comissário. Era mais rouca e ao mesmo tempo mais aguda. Parecia a voz de um velho que tivesse se privado do dom da fala por muitos e muitos anos, e finalmente, quando decidiu usá-la, a mesma soasse enferrujada e arranhada, como se forçar as cordas vocais resultasse em um esforço hercúleo. Estreitei meus olhos e me inclinei sobre a amurada. Mas no píer não fui capaz de ver mais ninguém, apenas Lugones, que acenava, e Yzur, que dava pequenos saltos e balançava a cabeça, exibindo seu sorriso de inúmeros dentes.

O modo como olhei para Maucler falava por si. Meu companheiro riu e bateu em meu ombro sadio, aquele que não havia sido machucado pelo tiro de raspão da arma de Lawton.

– Lembre-se, Axel, o conhecimento não é, em sua essência, nem bom e nem mau. Ele está disponível na Criação de forma absolutamente democrática para quem for capaz de percebê-lo e assimilá-lo. Quem escolhe a maneira como se o usa, com sabedoria ou com más intenções, é a mente que o manipula.

– Certo, mas o que tem isso a ver com...

– Você ainda está com dúvidas a respeito da sanidade mental de Leopoldo Lugones? Não é capaz de decidir se acaba de ouvir mesmo a voz de um chimpanzé pronunciando palavras humanas, ou se foi apenas o truque barato de um velho comissário adepto da arte do ventriloquismo?

Permaneci em silêncio. Era exatamente aquilo. Ele deu de ombros.

– Bem, confesso que eu também não sei. Não tenho dados que me permitam afirmar uma

coisa ou outra. Mas de algo estou certo: que tal deixarmos que outros se habilitem a proferir o veredito, já que me parece uma questão de menor importância se aquele bom e diligente comissário se dedica ou não a testar as teorias mais obscuras? Afinal, seja qual for a forma como ele utiliza os conhecimentos que adquire... bem, me parece que o verdadeiro ônus disso será apenas dele.

De uma forma ou de outra, as palavras de Maucler tiraram um peso de minha mente. Senti que a partir de agora eu era capaz de deixar a Confederação Argentina para trás e me preocupar com as duas grandes perspectivas que me aguardavam do outro lado do oceano, uma feliz e outra triste: a primeira, a de reencontrar minha amada Grauben; a segunda, a de dar a meu tio Otto a notícia da morte de seu amigo. Meu tio Otto...

Uma ideia percorreu minha mente e me fez girar a cabeça, fitando a caixa que guardava o Dispositivo Ômega.

– Sabe de uma coisa, Maucler, por falar em dar uso adequado aos conhecimentos... A existência desse aparelho, que de acordo com Lugones é capaz de pulverizar granito, abre algumas perspectivas interessantes. Não sei se já mencionei uma ideia de meu tio Otto Lidenbrock, a de construir um túnel sob o Canal da Mancha para nos dar uma vantagem estratégica, no caso da necessidade de uma invasão das Ilhas Britânicas...

– E você acredita que isso seja mesmo possível? – riu ele, divertido com a ideia.

– Com o uso de uma máquina como esta? E por que não? No mínimo, teremos mais um experimento com base sólida, que mesmo que não nos leve aos costados dos ingleses, certamente nos levará até um pouco mais perto da verdade.

– Hum. Você precisa me falar um pouco mais sobre essa ideia...

– Com uma condição: quero saber tudo sobre aquela maluquice de atravessar o território indiano a bordo de um elefante blindado movido a vapor.

– Negócio fechado, Axel. Com o tempo de viagem que temos pela frente até o porto do Rio de Janeiro, um pouco mais de maluquice não nos fará nenhum mal.

Descemos com nosso prêmio para o camarote inferior, enquanto o *clipper* rasgava bravamente as ondas e o nevoeiro em direção ao Brasil.



Éramos considerados uma dupla de homens estranhos. Ninguém ousava dizer isso abertamente, é claro, mas não passavam despercebidas, aos meus olhos experimentados de soldado, as expressões irônicas ou de desaprovação, fossem nos salões iluminados, fossem nas esquinas enevoadas de Londres. Fato é que eu não me importava nem um pouco, nem Utterson, se é que meu primo sonhador efetivamente se dava conta de algo.

Nossas caminhadas dominicais eram quase um ritual. Há vários anos, salvo quando o clima desfavorável nos contraindica a atividade de forma mais incisiva, repetíamos nosso compromisso formal, jamais sacramentado de maneira explícita, pelo menos duas ou três vezes em cada mês.

Alguns, melhor conhecedores de nossas raízes, diriam que se tratava de uma necessidade íntima de convivência, já que por razões casuais ou trágicas a família que tínhamos se resumia em um ao outro.

Muitas vezes, nessas caminhadas, nós quase não nos falávamos. Eu respeitava a introspecção de Utterson, que afinava de maneira perfeita com minha misantropia. A simples companhia um do outro já nos bastava. A cada domingo percorríamos um trajeto pelas ruas de Londres, que com o tempo acabaram se convertendo em percursos “oficiais”.

Por sua vez, os caminhos tortuosos da vida acabaram nos impondo uma separação forçada, quando a indignação perante as barbaridades que nos chegavam na forma de notícias me levaram, impulsivamente, a me alistar para a Campanha da Índia. Ironicamente, foi um mesmo episódio o responsável por nossa separação: o afundamento do *Príncipe de Gales*, trágico incidente que gerou uma onda de alistamento voluntário nas forças armadas, quando ficou mais claro que nunca que a *Pax Britannica* havia morrido e que as disputas com o Império Francês,

nos quatro cantos do mundo, continuavam sangrentas como não queriam admitir nossos políticos e diplomatas. Estive fora, combatendo no Raj, por longos e sangrentos três anos. Nesse interim, Utterson foi obrigado a se confrontar com seu quinhão pessoal de tragédia, já que seu pai, último parente vivo, fora morto no trágico episódio do *Príncipe de Gales*. Enquanto eu pegava em armas, meu primo assumia o comando solitário do escritório de advocacia da família.

Foi com imenso alívio que, assim que retornei à Inglaterra, retomamos nosso hábito das caminhadas dominicais e senti que os laços que nos uniam encontravam-se mais sólidos do que nunca. Preservamos nossa maneira tradicional de nos referirmos um ao outro pelo nome de família, cuja formalidade era um dos maiores motivos de estranhamento por parte dos que conosco conviviam; não nos tratávamos como “Rick” e “Gabe”, como seria de se supor diante de tamanha intimidade, mas como Enfield e Utterson. Havia, entretanto, uma diferença marcante em nossas caminhadas pós-retorno: uma necessidade íntima de falar, de trocar impressões pessoais que dessem vazão a nossa perplexidade diante dos rumos que o mundo tomava. Os reveses da vida haviam nos mostrado, de maneira aguda e profunda, que mais além da frágil aparência de ordem e civilização em que vivíamos, no coração do Império Britânico, existia uma realidade brutal, selvagem, sangrenta, que parecia arrastar a humanidade de forma inexorável para o abismo. Nossas conversas passaram gradualmente da fase de constatação estupefata para a de reflexão filosófica sobre o assunto, e nessa seara se mantinham em sucessivas marés de descrença alternada com esperança, marés que pareciam não vislumbrar seu fim, tal a volatilidade inerente ao tema.

– A tragédia humana, Enfield, que decreta a inevitabilidade de seu destino – disse Utterson, pensativo, em um de seus momentos mais pessimistas – reside no fato de que o ser humano tem dentro de si duas naturezas em permanente luta, sem chances de reconciliação, tal é a diferença de objetivos a que nos pretende arrastar: por um lado, sua natural inclinação para o Bem; pelo outro, a ânsia de domínio e submissão de seu semelhante, que o conduz automaticamente à violência nos âmbitos físico, moral e psicológico.

– Você usou bem a palavra “naturezas”, Utterson, já que a meu ver trata-se de duas tendências inerentes a sua própria constituição, tão humanas como são seus sistemas biológicos. Essa conduta instintiva, que conduz ao conflito, foi essencial ao ser humano algum dia, quando era obrigado a lutar diariamente por sua própria sobrevivência contra as ameaças da Natureza. A necessidade de vencer obstáculos corriqueiros como a fome, o frio e a defesa da prole conduziram naturalmente a uma postura egoísta e individualista.

– Atitude que deveria, a meu ver, ter sido amenizada quando as conquistas da civilização permitiram ao homem desfrutar de uma segurança maior no que concerne à sobrevivência e dedicar-se, assim, à maior aproximação emocional e intelectual em relação a seu semelhante. A união por ideais nobres deveria cumprir igualmente, num mundo civilizado, o papel de assegurar a sobrevivência mútua. Mas compreendo que deixar uma postura em prol da outra não seja tarefa simples. A natureza instintiva é como uma fera erigida em monarca, que obviamente tende a lutar com todas as forças para manter-se no trono. O problema é que essa conduta belicosa, tendo perdido no mundo moderno seu sentido de preservadora da sobrevivência, agora age em sentido contrário, conduzindo a humanidade cada vez mais em direção ao precipício da aniquilação. Por que parece ser tão difícil para o homem moderno perceber isso?

– Porque o selvagem moderno aprendeu todos os artificios que lhe permitem fingir-se de

civilizado, meu caro – respondi, com um amargo sorriso irônico. – No momento em que rotulamos nossos clássicos adversários na luta pela supremacia mundial, os franceses, como “comedores de rãs”, vai por trás dessa expressão um conteúdo muito mais que pouco lisonjeiro. Era bem claro, na Índia, como a resistência dos grupos rebeldes estava soberbamente fortalecida por seu apoio financeiro e bélico. Eles, por outro lado, que nos chamam pejorativamente de “rosbifes”, nos acusam de condutas bárbaras inspiradas por nossa aliança com os aztecas, a qual nos garante a supremacia nas Américas.

– Que ninguém nos ouça, meu primo, mas é inegável que nossa proximidade com um povo de cultura tão brutal cause, mesmo aqui às margens do Tâmis, uma considerável apreensão. É de se pensar o que seria de nós se os ibéricos, vassalos do Império Francês e exploradores pioneiros das Américas, houvessem se aliado aos aztecas em nosso lugar...

Aquela suposição motivou algumas quadras de silêncio pensativo. Escavando nas catacumbas da memória em busca de meus conhecimentos de História, acabei respondendo:

– Talvez fosse um mundo bem diferente, sem dúvida. Os ibéricos, na época divididos em espanhóis e portugueses, brigando entre si pela supremacia no continente ocidental, tendiam a uma conduta mais agressiva em relação aos povos colonizados, fazendo largo uso da escravidão e do genocídio. Talvez os aztecas nem houvessem sobrevivido à colonização se não ocorresse a *Noche Triste*, quando Cortéz e seus homens foram inteiramente dizimados como represália contra um massacre de indígenas. Aproveitando a oportunidade proporcionada pelo domínio daquele riquíssimo império em aberto, nossos antepassados propuseram uma união entre ingleses e aztecas contra a Espanha, o inimigo em comum. Trocar os recursos naturais mexicanos por conhecimento e tecnologia foi um estratagema genial, que acabou transformando o Império Azteca em aliado e vassalo do Império Britânico. Convenhamos, nossos rapazes mereceram a vitória naquela disputa...

– Se os espanhóis houvessem prevalecido, talvez sequer houvessem enfraquecido a ponto de serem assimilados pelos franceses em sua expansão territorial pelo continente europeu. Talvez uma Península Ibérica forte lograsse equilibrar melhor as forças no mundo.

– Ou talvez não, Utterson. Veja que tudo não passa de um jogo de interesses, tanto as alianças quanto as disputas sangrentas. Se hoje somos aliados dos aztecas e os franceses de russos e prussianos, acredito que tudo não passa de uma conjunção de conveniências mútuas, que pode quebrar-se como cristal ante o menor sacolejo. Os franceses nos temem e temem os aztecas. Nós tememos franceses e prussianos, mas como você bem disse, encaramos os aztecas com desconfiança. Os aztecas, pode ter certeza, odeiam os franceses e ibéricos que teimam em invadir suas terras ao sul, e nos respeitam em grande parte por temerem, eles também, nossa supremacia bélica.

– E talvez os prussianos respeitem os franceses apenas por verem em nós, ingleses, uma ameaça maior. – riu Utterson.

– Assim como aconteceu com os ibéricos no passado remoto. É justamente isso, meu caro: por baixo da cartola e das polainas o ser humano continua sendo pouco mais que um selvagem reprimido pela educação.

– O que leva a acontecimentos surpreendentes, como o episódio recente daquele tenente de seu pelotão... como era mesmo? Newton?

– Lawton. Charles Lawton. É um triste exemplo, mas bastante apropriado. Chegamos juntos ao

Raj, mas ele rapidamente chegou ao posto de tenente. Era o mais destemido entre todos nós, beirando as raias da insanidade. Quando foi ferido, retornou à Inglaterra como herói. Quem diria que, meses depois, estaria confessando o assassinato do próprio tio por motivos absolutamente mesquinhos? Você acompanhou o julgamento...

– Jamais constatee tamanha frieza ao confessar um crime hediondo. Se não fosse macabro demais, eu afirmaria que ele parecia sentir orgulho enquanto confessava aquilo. É assustador pensar que você esteve lutando ao lado dele, ombro a ombro.

– Quando era um dos mais queridos camaradas, naquele front infernal repleto de selvagens de turbante. Eis que retornamos ao ponto inicial de nossa conversa: o ser humano carrega dentro de si o fardo da luta entre duas naturezas. Por mais que durante algum tempo o homem civilizado predomine, a qualquer momento corre o risco de que o monstro deflagre seu golpe fatal e assumo o controle.

Por coincidência, o acaso em nossa perambulação nos havia conduzido naquele dia, de maneira inédita, a uma rua secundária num bairro movimentado de Londres. Tinha um próspero comércio nos dias úteis, mas aos domingos se transformava em uma passagem relativamente vazia. A duas portas da esquina, em um pátio já quase inteiramente tomado pelas sombras, naquele fim de tarde em que os últimos raios de sol penavam para superar a atmosfera nevoenta, ainda podia-se vislumbrar a silhueta de uma porta metálica sem sineta ou aldrava. O próprio prédio que se erguia ao redor da porta, um paredão de dois andares sem janelas aparentes, e notável por seu aspecto de sujeira e prolongada negligência, dominava o pátio e lhe conferia um clima ainda mais sinistro. Quando passávamos pelo outro lado da rua, bem na linha de entrada do pátio e diante da porta, Utterson me fez estacar e apontou a bengala na direção da mesma.

– Por falar em coisas macabras, Enfield, alguma vez já reparou naquela porta?

Coei o queixo por um momento e respondi com um abano de cabeça:

– Confesso que não. Nas vezes em que passo por aqui, geralmente com as lojas abertas e o comércio efervescente, sempre encontro vitrines mais atraentes às quais dedico minha atenção. Por quê?

– No período em que você esteve fora, por algumas vezes acrescentei este trecho do trajeto às minhas caminhadas solitárias e, em uma ou outra oportunidade, tive a chance de vislumbrar o estranho morador daquele edifício.

– Hum. Alguém conhecido?

– De forma nenhuma. Longe de mim ter entre minhas relações um indivíduo tão sinistro...

Olhei para meu primo com curiosidade e, para minha surpresa, constatee pela sua expressão que ele estava sendo totalmente sincero. Sem perceber minha perturbação, prosseguiu:

– Uma vez quase nos esbarramos logo ali, na esquina, e ele me lançou um olhar que literalmente me paralisou, fazendo o suor brotar em minha fronte. Ele parece... como direi? Talvez o mais preciso que eu consiga ser seja afirmando que ele *não parece ser um homem!* Era pequeno e se vestia de maneira comum, mas sua presença evocava algo estranho, pelo menos foi o que aconteceu comigo; uma sensação indefinida, mas incômoda e desagradável, provocando um efeito fortemente negativo em quem com ele se confronta. Era pálido, mas de uma forma estranha, doentia. Esverdeada, não seria exagero afirmar. Sua imagem em movimento sugere alguma deformidade, embora eu não seja capaz de apontar precisamente a que má-formação possa estar me referindo. A fronte pronunciada terminando em sobrelanceiras

espessas e negras reforça seu aspecto troglodítico e, sob as mesmas, destaca-se o brilho de um par de olhos selvagens. Eu me desculpei imediatamente pelo encontrão. Num primeiro momento ele me olhou com ódio profundo, que passou a desprezo logo depois. Inesperadamente ele sorriu, ou melhor, arreganhou seus dentes tortos em um sorriso desagradável e, com uma voz sussurrante, entrecortada e rouca que me fez gelar até os ossos, respondeu: “É preciso tomar cuidado nas esquinas de Londres. Os tempos andam perigosos...” Reconhecendo aquelas palavras uma espécie de ameaça, retruquei que eu acabava de pedir desculpas pelo que havia sido um mero acidente e que essa era a melhor conduta a ser adotada entre cavalheiros. Para minha consternação ainda maior, ele sibilo: “Cavalheiros... ética... Sistemas efêmeros, que se esvaem como espuma.” E deixando-me estupefato, virou-me as costas e avançou a passos rápidos em direção à porta. Ainda no meio do caminho sacou do bolso uma chave, que com toda intimidade girou na fechadura, abrindo-lhe passagem. Segundos depois, havia desaparecido.

Só então ele se deu conta do estranhamento com que eu o fitava. Decidi esclarecer logo:

– Não acredito que você seja tão distraído, meu primo! Repare bem na localização desta casa. Até mesmo eu, que não desfruto do mesmo grau de intimidade que você, sou capaz de reconhecer que essa casa misteriosa fica exatamente nos fundos da propriedade de seu grande amigo, Henry Jekyll! Foi por isso que, num primeiro momento, tive a impressão de que era dele que você falava!

Uttersson agora olhava boquiaberto para a casa, os olhos arregalados por trás das lentes de seus óculos. Havia empalidecido de forma notável.

– Raios me partam se você não tem razão, Enfield – disse, em tom sonhador. – O que explica outras coisas, mas não posso crer que seja verdade...

Seu rosto recobrou a cor, ou melhor, enrubescceu de maneira excessiva quando ele se deu conta de meu olhar inquisidor. Uttersson, ainda visivelmente abalado, olhou para os próprios pés e balbuciu:

– E, no entanto, não sei se tenho liberdade para compartilhar com você certos detalhes. Afinal, além de meu amigo, Jekyll é também meu cliente...

Naquele momento a luz do sol já desaparecera. Na rua principal, logo adiante, as lamparinas a gás dos postes haviam sido acesas. Foi por essa razão que vimos quando a sombra de um homem usando cartola surgiu, antes que o mesmo emergisse por trás da esquina. Instintivamente, empurrei Uttersson para as sombras na entrada de uma loja, bem a tempo de nos ocultarmos da visão da figura atarracada que, envolta em uma capa barata, surgiu apressadamente, olhando nervosa para todos os lados. Seguiu esbaforida na diagonal em direção à porta metálica e, quando passou sob um fecho de luz, percebi que segurava um bastão fino e curto. Pelo reflexo metálico no topo, parecia ser uma bengala quebrada. Àquela distância, sob a iluminação precária, não pude divisar detalhes de sua fisionomia, mas ainda assim compreendi o que meu primo quis dizer quando mencionou o mal-estar que aquela figura inspirava. O homenzinho, do mesmo modo como Uttersson havia descrito um pouco antes, desapareceu na escuridão que se destacou quando abriu a porta. Ele mal a havia fechado atrás de si quando ouvimos o som de apitos alguns quarteirões adiante. Todos conhecíamos o significado daquilo. Algum agente da Scotland Yard soava o alarme.

Uttersson e eu nos entreolhamos em um entendimento mudo e corremos juntos na direção do barulho. Em um beco, duas quadras adiante, dois guardas de capacete alto debruçavam-se sobre

um corpo caído. Uma poça escura, que se espalhava sob sua cabeça repleta de fios grisalhos, não deixava dúvidas para um soldado com minha experiência em campos de batalha: aquele homem estava morto, com a cabeça partida.

Um dos guardas virou o corpo, que se encontrava de bruços, e ao ver o rosto emitiu uma exclamação de reconhecimento:

– Meu Deus, é Sir Danvers!

Ficamos imediatamente consternados. Sir Danvers Carew era um dos homens mais conhecidos e atuantes no Parlamento Inglês. Porém o que mais me chocou foi um detalhe, que mal pude divisar na penumbra do beco. Cutuquei Utterson com o cotovelo e apontei com o queixo em direção ao rolo pedaço de madeira lisa que se encontrava caído ao lado do cadáver; a perfeita metade de uma bengala, lascada em pontas irregulares no local onde se partira após um violento impacto.

Na volta para casa, dentro do cabriolé, Utterson retornou a sua habitual introspecção e não disse uma palavra sequer. Apenas quando desceu em frente a sua propriedade, quando eu me dispunha a seguir no mesmo carro em direção a minha própria residência, ele pediu que eu ficasse mais um pouco, pois tinha algo importante a me relatar.

Seguimos diretamente para seu escritório, onde ele muito solenemente retirou um envelope da parte mais protegida de seu cofre. Antes que o abrisse, olhou-me com seriedade e fez uma advertência:

– Entenda, caro primo, que sem pretender menosprezar a confiança existente entre nós, devo ressaltar que só divulgarei essas informações sigilosas, quebrando o que considero mais sagrado em termos de ética profissional, devido à gravidade dos recentes episódios e ao temor que os mesmos fazem crescer em minha alma. Este é o testamento de meu grande amigo Henry Jekyll, que ele passou a minhas mãos, por ser eu seu advogado, há poucas semanas. Eu o guardo por força de meu dever profissional, a despeito dos protestos que, como amigo, manifestei em relação ao seu conteúdo.

Utterson retirou alguns papéis do envelope e, com o cenho carregado, procurou determinado trecho. Pigarreou e, a despeito do desconforto que sentia, disse:

– Aqui Henry Jekyll, médico, doutor em Direito Civil, doutor em Leis, membro da Sociedade Real, estabelece claramente que, em caso de sua morte, todas as suas posses deverão ser passadas para seu “amigo e benfeitor Edward Hyde”, livremente de qualquer condição ou obrigação, exceto pelo pagamento de pequenas quantias para os empregados de sua casa. Ora, sou um de seus amigos mais próximos desde a juventude e jamais ouvi falar de nenhum Edward Hyde que pudesse fazer parte de suas relações! Mas meu estranhamento passou a indignação quando Jekyll se recusou terminantemente a me dar qualquer explicação sobre a identidade de tal beneficiário, ou sequer acerca do tipo de relação que porventura houvesse alguma vez tido com ele. Pensei que se tratasse de algum tipo de loucura, mas diante do que hoje presenciamos, começo a temer por alguma desgraça...

– Você acredita que aquele estranho personagem que vimos se esgueirando para dentro daquela porta seja o famigerado Edward Hyde?

– E quem mais seria? Ou será possível que Jekyll cometeria a dupla insanidade de ceder a chave da porta dos fundos de sua casa a mais de um estranho misterioso?

Confirmei com um gesto de cabeça, sem conseguir evitar a expressão grave em meu

semblante.

– Compreendo a origem de seus temores, Utterson. Se Hyde for mesmo, como tudo parece indicar, o assassino de Sir Danvers, Jekyll pode estar correndo grande perigo de vida ao dar abrigo ao criminoso.

– Principalmente se supusermos que Hyde conhece a existência deste documento!

– De acordo. Proponho que amanhã bem cedo você faça uma visita a Jekyll e o informe acerca dos acontecimentos desta noite.

– Sim, e gostaria imensamente que você me acompanhasse à casa dele, Enfield. Pode ser útil ter outra testemunha à mão, caso eu precise reafirmar o que já sabemos com maior veemência.

Concordei com ele e marcamos um encontro nas primeiras horas da manhã, na esquina da rua onde ficava a entrada principal da casa de Henry Jekyll. Fomos recebidos à porta por um solene e bem vestido serviçal, que Utterson cumprimentou com um breve sorriso.

– O Doutor Jekyll está disponível, Poole?

– Vou verificar imediatamente, *Mister* Utterson.

O mordomo nos conduziu até um átrio confortável, revestido de lajotas e decorado com ricos armários de carvalho. Retornou pouco depois e declarou que Jekyll receberia Utterson em seu escritório. Permaneci onde estava e Poole me ofereceu uma xícara de chá, que prontamente aceitei. Curiosamente, percebi alguma turvação na fisionomia do serviçal, que evitava me encarar diretamente, como se sua mente estivesse ocupada com preocupações alheias a minha pessoa. Fiquei com uma forte impressão de que Utterson e eu não éramos os únicos a suspeitar de que algo de terrivelmente errado estivesse acontecendo naquela casa. Decidi que era uma boa oportunidade para tentar obter alguma informação adicional.

– Seria impressão minha, Poole, ou foi mesmo *Mister* Edward Hyde a pessoa que vi um dia desses, entrando pelo prédio dos fundos desta propriedade?

A mão do homem tremeu brevemente no momento em que servia meu chá, e percebi que ele engoliu em seco antes de responder:

– É possível que sim, *Mister* Enfield. *Mister* Hyde tem uma chave, já que está temporariamente hospedado no edifício do laboratório.

– Seu patrão parece ter uma grande confiança naquele homem, Poole – retruquei, com meu melhor sorriso.

– Sim, senhor, isso lá ele tem. Todos temos ordens para obedecê-lo.

– Será possível que eu já tenha me encontrado com Hyde alguma vez nesta casa?

– Creio que não, senhor – negou ele, prontamente. – Ele começou a frequentar esta casa no período em que o senhor esteve fora da Inglaterra. Além disso, nós pouco o vemos deste lado da casa, pois na maior parte das vezes ele entra e sai pelo laboratório.

Poole pediu licença, como se polidamente pretendesse escapar do incômodo interrogatório e saiu do átrio. Mas não demorou muito para que retornasse, seguindo preocupado os passos de um enfurecido Utterson, que seguiu diretamente para a porta de saída, obrigando-me a me apressar para alcançá-lo.

– Bem, tenha um bom dia, Poole.

Foi tudo o que ele disse antes de se retirar pisando duro. Tomamos um tálburi juntos, rumo a sua residência. No caminho ele me inteirou do conteúdo da rápida entrevista que teve com Jekyll.

– Já no princípio da conversa apelei para a confiança de que me julgo merecedor, após tantos

anos de leal amizade. Como ele não fez qualquer objeção a esse fato, roguei para que ele me dissesse quem, afinal de contas, é o misterioso Edward Hyde de seu testamento. Imediatamente percebi a mudança em sua fisionomia, normalmente plácida e cordial. Jekyll ficou pálido e seus olhos escureceram. Seu tom de voz ficou ligeiramente ríspido quando retrucou: “Entendo onde você pretende chegar, Utterson, mas já lhe disse mais de uma vez que não posso nem pretendo fazer nenhuma alteração em meu testamento. Você não compreende minha posição, que é difícil e muito estranha. É um daqueles casos que não podem ser resolvidos em palavras.” Não tive alternativa a não ser relatar o que vimos na noite passada e sobre nossas suspeitas, de que Hyde fosse o responsável pelo brutal assassinato de Sir Danvers. Diante do que eu disse Jekyll ficou ainda mais pálido, mas quando eu esperava que suas palavras também se tornassem mais agressivas, ele me surpreendeu pousando sua mão suavemente sobre meu ombro e dizendo, em tom sereno e amigável: “Você sabe que confio em você, e agradeço suas preocupações, mas acredite: a coisa não é tão grave quanto você imagina, e para dar um descanso ao seu coração vou lhe dizer que, no momento em que eu assim desejar, posso me livrar de Hyde. Caso se confirme sua suspeita e ele seja mesmo culpado pela morte de Danvers, com certeza vai pagar por isso. No mais, peço que receba estas últimas palavras sem qualquer mágoa: isso ainda é um assunto particular, e peço-lhe que o deixe adormecido.”

Utterson parou de falar abruptamente e me fitou com olhos cortantes, como se esperasse que eu me manifestasse reforçando sua indignação. Mas eu não sabia o que dizer, porque as palavras de Jekyll me pareciam mais enigmáticas do que ofensivas. Eu não era capaz de sequer vislumbrar o que poderia haver por trás daquele bizarro relacionamento entre ele e Hyde. Diante de meu silêncio, Utterson voltou a se refugiar dentro de si mesmo, embora resmungasse em voz alta para quem quisesse ouvir:

– Maldito Harry! Só pode estar envolvido em uma enorme confusão! Ele foi um tanto selvagem quando jovem, mas perante a lei de Deus não existe prescrição. Tem que ser algum pecado antigo, o câncer de alguma desgraça escondida. Mas o castigo nesses casos ainda é inexorável, mesmo depois da falta ser esquecida e perdoadada pelo amor próprio.

– Só consigo ver um caminho a seguir – disse eu, interrompendo seus devaneios. – Temos que descobrir por que Hyde assassinou Sir Danvers. Só assim poderemos ter uma ideia de quais podem ser suas motivações, e se Jekyll corre de fato algum perigo real ao desfrutar de sua presença.

– E como podemos fazer isso?

– Tenho uma ideia que pode funcionar. Enquanto estive na Índia, servi sob o comando do Capitão Jack Chaney...

– Lembro-me dele. Era o albiense que você me apresentou certa vez, no julgamento de Charles Lawton.

– Ele mesmo. Chaney, filho de um inglês com uma azteca, nasceu em Nova Albion, no Outro Mundo. Sofreu muito para sobreviver, graças a sua origem humilde e seu espírito rebelde, mas encontrou seu lugar no exército. Destacou-se no combate aos bandos guerrilheiros apaxicas, na fronteira com o México. Os ingleses o designaram para servir como oficial aqui na Inglaterra, o que ele viu como uma grande honra. Adotou nosso país como seu lar adotivo e acabou servindo conosco no Raj. Um grande homem, sem dúvida. Recordo-me que certa vez, ainda na Índia, eu o vi conversando com ninguém menos que Sir Danvers Carew. Rumores diziam que este viajara

até lá a fim de recrutar um homem para servir em uma missão secreta, numa ilha remota da costa africana. De fato, quando finalmente ele se foi, levou junto o sargento Montgomery, de nossa unidade, que jamais voltamos a ver. Diziam que Montgomery havia sido uma sugestão pessoal de Chaney. Como fiquei curioso e desfrutava de alguma amizade com o Capitão, tentei sondá-lo discretamente em busca de maiores informações, mas foi inútil. Só consegui apurar que Chaney conheceu Sir Danvers em uma viagem deste último à América, e que havia sido muito útil a ele em alguma missão obscura.

– Muito bem, e você acha que Chaney pode nos dar alguma informação relevante que nos leve a entender no que Sir Danvers estava metido e como isso pode estar relacionado ao Hyde?

– Não é muito, reconheço – dei de ombros –, mas é um caminho viável...

– E você por acaso sabe onde encontrar Chaney em Londres?

– Na última vez em que nos vimos, ele me disse que estava participando da mesa de uíste do Ministro Phileas Fogg no Reform Club.

– Hum! – surpreendeu-se Utterson – Um grupo seleta!

– Sim. A despeito de sua origem humilde, o destaque alcançado por Jack Chaney nos meios militares fez dele o único mestiço a ser admitido no Reform. Apesar da rigidez do clube na seleção de seus associados, a ausência de antecedentes e parentes ilustres é por vezes mais auxílio do que impedimento à ascensão social e a marcada personalidade do capitão recomendava-se por si. Sei que você também é um sócio ativo, primo Utterson, graças ao seu saudoso pai...

– Embora não muito assíduo, é verdade. Mas frequento o suficiente para saber que o grupo de Fogg segue sua disciplina rígida de horários e rotinas, e a reunião dos jogadores de uíste ocorre nas terças-feiras à noite, precisamente às nove horas.

– Como amanhã, por exemplo. Penso, portanto, que tenhamos uma boa chance de encontrar Jack Chaney no Reform Club, se você desfrutar de prestígio suficiente para me levar como convidado.

– Creio que isso não será problema. É frequente que o clube admita convidados ocasionais apresentados por sócios, principalmente depois que o Diógenes Club foi destruído naquele ataque terrorista e vários de seus membros eméritos acabaram migrando para o Reform. Homens destacados como Mycroft Holmes e o próprio Sir Danvers frequentaram o Reform, pela primeira vez, como convidados.

– Alguns rumores afirmam que a bomba que demoliu o Diógenes estava destinada a eliminar Danvers Carew. Sua sobrevivência naquele episódio foi uma derrota para os franceses, portanto, que Hyde parece ter-lhes feito o favor de corrigir.

– Você acredita que os atos de Hyde tenham a ver com os franceses? – surpreendeu-se Utterson, arregalando os olhos.

– Não faço ideia. Entretanto, a hipótese de que Sir Danvers possa ter sido o alvo de uma bomba terrorista sugere que ele tenha sido um homem com muita coisa a esconder, não acha?

Entramos em acordo e marcamos nosso encontro para a entrada do Reform Club na noite seguinte, às sete horas. Se Chaney estivesse presente, haveria tempo de sobra para conversarmos.

Eu não gostava de ambientes como o do Reform Club. Sentia-me como um gato de rabo comprido numa loja de cadeiras de balanço. Sentei-me em uma mesa do canto, enquanto Utterson circulava pelo salão à cata de informações úteis. O assunto do momento nos pequenos grupos, que contribuía para que o ambiente do salão estivesse mais carregado que o normal, como uma nuvem de tempestade, era o enterro de Sir Danvers Carew, que ocorrera naquela tarde. Eu não havia comparcido graças à necessidade de tratar de assuntos pessoais, mas Utterson relatou-me que o sepultamento havia se convertido em um grande evento, com toda a pompa merecida por um Cavaleiro da Ordem antiga e prestigiada a que ele pertencia. Centenas de pessoas presentes, entre nobres, autoridades diversas, familiares, amigos, curiosos, jornalistas e completos desconhecidos. Utterson havia visto Chaney de relance na multidão, mas não se preocupou em aproximar-se dele devido ao nosso encontro pré-combinado. E ali estava eu, encolhido em uma mesa, olhando desconsolado ao redor em busca de um rosto amigo.

Havia, com efeito, alguns rostos familiares no salão. O grupo do Ministro Fogg se destacava, tendo entre outros seu inseparável secretário John Withmore, dois ou três parlamentares e alguns industriais locais, além do astuto Mycroft Holmes, todos acompanhando em silêncio o discurso repleto de caretas e gestos grandiloquentes de um jovem loiro e corpulento que eu sabia ser Lorde Redcar, grande latifundiário de Swathinglea, que com toda certeza estava se lamentando das queixas “injustas” dos trabalhadores de suas minas de carvão e de suas reivindicações trabalhistas “absurdas”. A Grã-Bretanha vivia os dias mais difíceis de uma grave crise econômica, e as lamentações dos empresários, principalmente dos ramos ligados à indústria, já se tornavam corriqueiras naquelas reuniões. Phileas Fogg, aparentemente alheio a tudo aquilo, mas fiel a seus rígidos hábitos que todos conheciam, vez por outra consultava discretamente as horas em seu relógio de bolso.

Meu primo Utterson trocava confidências, logo adiante, com um grupo de advogados. Na mesa à minha frente, do outro lado do salão, uma figura digna de pena atraía meu olhar, talvez pela maneira como suas vestes finas, mas descuidadas, contrastavam com o restante dos associados. Quando chegamos Utterson me disse que se chamava Moore, e que chegara ao fundo do poço depois que perdeu um ente muito querido no naufrágio do *Príncipe de Gales*, o mesmo que vitimara seu pai. Naquele dia Moore chegara ao clube mais cedo que o habitual e já se entregara à bebida, o que Utterson receava significar um mau momento em sua vida torturada. O pobre coitado ergueu por um instante seus olhos escuros, sumidos no rosto mal barbeado, para olhar em minha direção, e não pude deixar de cumprimentá-lo com um aceno solidário de cabeça. Ele pareceu sequer ter percebido e voltou, novamente, o olhar perdido em direção ao copo de uísque sobre a mesa.

Foi naquele momento que vi o Capitão Jack Chaney adentrar o salão trajando um impecável terno escuro. A linha reta da boca, o queixo quadrado e proeminente e as sobrelanceias arqueadas, que davam aos olhos um aspecto de permanente preocupação, eram inconfundíveis. Acenei imediatamente e ele estacou, surpreso com minha presença inesperada naquele ambiente. Veio imediatamente em direção a minha mesa e mal tive tempo de me levantar antes que me cumprimentasse, usando suas duas mãos para sacudir meu punho em um balanço efusivo.

– Cabo Enfield, quem diria vê-lo novamente em um campo de batalha tão diferente daquele a que estamos ambos acostumados!

– Eu diria o mesmo, Capitão. Ainda mais não sendo o senhor nativo destas ilhas, e conhecendo os critérios de exigência que tornam famosos os clubes como o Reform, penso que sua presença aqui tenha um valor especial...

Chaney descartou meu comentário com um gesto de descaso.

– Nada demais, Enfield! Há muito a Inglaterra tornou-se minha pátria adotiva e nunca me canso de declarar abertamente meu amor por esta cidade em especial. Sei que pelas costas já andam me chamando de “Jack London”...

– De qualquer forma o prazer em revê-lo é todo meu, Capitão. Mas devo adiantar que nosso encontro aqui não se deve absolutamente a uma coincidência, e sim a uma tentativa deliberada de encontrá-lo o mais rapidamente possível.

A expressão de preocupação nos olhos de Chaney acentuou-se ainda mais.

– Bem, meu caro, e que tipo de problema motivaria tamanha urgência?

Fiz um sinal para que se sentasse e ele o fez prontamente, sem desgrudar os olhos de mim. Olhei brevemente para Utterson, que de longe me fez um sinal encorajador e permaneceu onde estava.

Relatei-lhe os acontecimentos daquela noite fatídica, quando meu primo Utterson e eu julgamos ter visto a fuga do assassino de Sir Danvers. O capitão sobressaltou-se e perguntou por que diabos ainda não havíamos procurado a Scotland Yard. Confidenciei-lhe nossas suspeitas de que o suposto assassino seria, por algum motivo misterioso, protegido de Henry Jekyll, um dos melhores amigos de Utterson e um cavalheiro que desfrutava de elevado conceito em nossa comunidade. Aquilo deixou meu antigo oficial absolutamente chocado. Jekyll era, ele mesmo, sócio do Reform Club, embora pouco frequente às reuniões regulares.

– Antes de tomarmos providência tão drástica, uma vez que rapidez e prontidão não servirão para trazer nosso Sir Danvers de volta à vida, optamos por tentar esclarecer o que pode estar acontecendo por trás dessa insanidade antes de colocar em risco, talvez, até a vida mesma de outro homem de valor. Eis porque recorri ao senhor, Capitão. Além de ser um homem de minha total confiança, sei que conhecia algo sobre a vida e as atividades de Sir Danvers. Sei que corremos o risco de estar incorrendo em alguma imprudência indesculpável, pedindo algo que pode significar uma indiscrição, ou colocando-o em uma situação difícil de quebra de decoro, e se for o caso já peço desculpas antecipadamente, em meu nome e no nome de Utterson. Mas espero que em sua bondade compreenda o que nos move: não só a proteção do nome de Jekyll, mas talvez, como já disse, de sua própria vida.

Assim terminei meu relato e procurei, ansiosamente, ler suas repercussões no olhar de Chaney. O capitão manteve silêncio por alguns segundos, suspirou e colocou os dedos polegar e indicador em pinça na base de seu nariz, apertando as pálpebras como se tivesse dor ou cansaço nos olhos. Um garçom passou por perto e ele pediu uma dose de rum. Permaneceu sentado, com o olhar perdido e os lábios comprimidos, tamborilando na mesa com os dedos magros. Sua luta interna parecia ser tão intensa que era como se eu não estivesse ali, e comecei a sentir-me incomodado, como se não tivesse o direito de estar presenciando aquela convulsão interna de um homem que eu tanto respeitava.

Quando recebeu sua bebida, Chaney deu um longo trago e limpou a boca na manga do paletó. Começou a falar olhando para o infinito, como se fosse para si mesmo.

– É verdade que conheço algo sobre a vida e as atividades de Sir Danvers. Eu diria mais: sei de

fatos que nem sequer teria o direito de mencionar para quem quer que fosse, não estando presente neste mundo, como agora, o protagonista dos mesmos, para apresentar sua justificativa para tudo o que foi dito e que foi feito. Entretanto, você me apresenta um argumento de peso, meu amigo. O dever de homens de bem é, em primeiro lugar, defender a honra e a integridade de seus pares. E nesse caso, admito, os vivos têm a preferência.

Chaney deu outro gole em seu rum e prosseguiu, dessa vez olhando fixamente para mim.

– O fato de você mencionar especificamente Jekyll me parece bastante significativo. Fez-me lembrar de um episódio anos atrás, quando eu ainda era um arrojado e inconsequente soldado na defesa das fronteiras de Nova Albion. Naquele então eu servia em uma unidade relativamente tranquila, na fronteira mexicana. Vez por outra enfrentávamos alguma escaramuça contra algum bando de selvagens apaxicas, não mais que isso. Um belo dia, recebemos um pelotão proveniente de Tenochtitlan, com notícias alarmantes sobre uma doença que se alastrava em algum lugar remoto da América Central, um mal tão terrível que a simples perspectiva de que atingisse os grandes centros populacionais aztecas era motivo de verdadeiro pânico entre a população local. De acordo com os homens, um vilarejo, felizmente remoto, próximo à costa oriental do México, havia sido o ponto de partida da doença misteriosa, que em poucas semanas havia dizimado inteiramente o tal povoado e duas ou três vilas de pequeno porte ao redor dele. Você conhece bem nossos amigos aztecas. Estabeleceu-se uma fronteira militar a uma distância segura em torno dos locais infectados. As cidades acometidas foram impiedosamente bombardeadas e incendiadas até o último edifício. Pessoas provenientes da região, apresentassem ou não sinais visíveis da doença, eram abatidas mortalmente à distância e os corpos deixados para apodrecer sob o sol inclemente daquelas latitudes, pelo tempo suficiente para que, segundo se acreditava, não houvesse mais o risco de contaminação pelos cadáveres. Por mais cruel que isso possa parecer, aparentemente foi eficaz no sentido de impedir que a praga se espalhasse pelo Império Azteca e além.

– Mas, Capitão, que terrível doença é essa, que levou a medidas de contenção tão drásticas?

– O nome que a doença recebeu, se traduzida do idioma *nahuatl* para o nosso, poderia ser “praga escarlate”.

– Parece bastante dramático...

– Mas nem por isso menos apropriado. A principal característica da doença era uma coloração vermelha no rosto e em todo o corpo. Na verdade, o primeiro sintoma era a aceleração do ritmo do coração, seguida de um grau maior ou menor de febre. A erupção avermelhada surgia simultaneamente, em grande parte dos casos, com episódios de convulsões, estas de menor gravidade. Porém, quem sobrevivia a essa fase da doença começava a perceber uma insensibilidade generalizada que subia com rapidez a partir dos pés: calcanhares, pernas, quadris e quando a insensibilidade atingia o coração sobrevinha a morte. Assim – estalou os dedos –, sem dores ou delírios. Um aspecto terrível da doença era que a mente permanecia absolutamente lúcida e tranquila, acompanhando a insensibilidade crescente até a morte.

– E qual o motivo para uma solução tão drástica por parte dos aztecas para controlar essa praga? Talvez, se isolassem os indivíduos que apresentavam sintomas...

– Você não compreendeu, Enfield! – disse ele enfaticamente, segurando meu antebraço com força – Simplesmente não havia tempo! A doença evoluía infinitamente mais rápido que a própria cólera. Uma pessoa aparentemente saudável podia chegar ao óbito em um prazo entre

quinze ou vinte minutos até algumas horas! A maioria deles durava uma hora ou duas. Isso explica tamanho pânico, que induziu os aztecas a optarem pelo genocídio.

– Mas o que tem essa “praga escarlate” a ver com Sir Danvers? E com Jekyll?

Chaney suspirou e lançou outro olhar cauteloso ao redor do salão, antes de prosseguir em tom de confidência:

– Poucas semanas após a chegada do pelotão com as notícias alarmantes da praga escarlate, recebemos a ilustre visita de Sir Danvers Carew no quartel. Foi a primeira vez em que o vi pessoalmente. Foi-nos apresentado como emissário especial do Ministério das Relações Internacionais, cujo titular encontra-se ali, logo adiante – fez um gesto discreto em direção ao Ministro Phileas Fogg, que mais uma vez consultava seu relógio. – Nosso comandante reuniu a tropa na presença do lorde e, em seu nome, solicitou voluntários para uma missão de alto risco no território do México. Um murmúrio generalizado percorreu nossas fileiras. As notícias sobre o bloqueio militar por causa da praga, pouco tempo antes, nos pareciam um indício mais que óbvio do que se tratava. Obviamente foram-nos oferecidas diversas regalias, tanto em termos de soldo como de outras vantagens consideráveis, próprias do dia a dia na caserna, caso nos apresentássemos para a missão. Mesmo assim houve apenas três voluntários.

– E o senhor, claro, era um deles.

Chaney riu em voz alta e ergueu o copo em minha direção.

– Você continua me conhecendo muito bem, Cabo. Sim, claro que eu me ofereci como voluntário. Nem tanto pelos prêmios oferecidos, mas pela própria excitação que proporciona o perigo e a imensa curiosidade que me corrói, e que por certo algum dia selará minha sina, foi o que mais me motivou. Havia cerca de trinta homens, de diversas guarnições diferentes, já que em cada posto apenas um número ínfimo de voluntários se apresentava, além dos temíveis cavaleiros-jaguars do exército azteca. Embarcamos no trem para o México em companhia de Sir Danvers, que no trajeto nos explicou do que tratava a missão. Na realidade, um jovem azteca conseguira escapar do bloqueio militar à zona de contaminação da praga. Saíndo de uma das vilas acometidas pela doença, foi capaz de chegar próximo à cidade costeira de Tuxpan e embarcou num vapor de carga no Golfo. Não se sabia se já manifestava sinais da doença. Pelo tempo decorrido, poderia até mesmo já estar morto. Mas diante dos riscos, caso o rapaz chegasse a um centro populoso, eles precisavam ter certeza. Estavam reunindo um pelotão especial com voluntários de várias unidades para uma varredura em massa ao longo da costa e nas águas do Golfo, à caça do que chamavam de “indivíduo zero”.

– Mas é estranho... Por que Sir Danvers se deslocaria da Inglaterra para o Outro Mundo apenas para empreender essa caçada humana?

Chaney sorriu maliciosamente.

– Muito bom, cabo Enfield, muito bom! Vamos retornar à minha história para esclarecermos esse ponto. Como eu dizia, seguimos de trem até a cidade de Tuxpan, onde embarcamos num vaso de guerra a vapor que deveria participar da patrulha do Golfo, impedindo o cargueiro de se aproximar do território albiense, ou mesmo dos Estados Unidos. Bem, não demorou mesmo para que encontrássemos nosso “indivíduo zero”. Três dias depois de zarparmos da costa, encontramos o navio.

Retesei o corpo em minha cadeira, curioso quando ao desfecho daquilo.

– O rapaz estava a bordo? Havia outros doentes?

Chaney suspirou e seu olhar mergulhou no fundo do copo de rum, como se fossem as águas do Golfo do México que retornavam para assombrá-lo.

– O barco estava à deriva. Pelas lunetas, não parecia haver nenhuma alma viva a bordo. Provavelmente estava rumando para o norte quando a praga acometeu a tripulação. Sir Danvers aproximou-se de mim, que era o oficial mais graduado entre os soldados naquele navio. Ao seu lado, um distinto médico inglês que eu nunca tinha visto, chamado Fulton Trask. Esse nome é familiar?

Balancei a cabeça negativamente.

– Estou seguro de jamais ter ouvido esse nome.

– Sir Danvers queria que eu destacasse um homem para acompanhar Trask e seu ajudante ao navio. Obviamente usaríamos roupas especiais para nos proteger da contaminação.

– A julgar pelo comportamento anterior dos aztecas, seria mais fácil torpedear o cargueiro à distância e mandar o “indivíduo zero” e seus contatos para as profundezas do Golfo.

– Foi o que pensei na ocasião. No entanto, não costumo questionar ordens. Julguei que eu mesmo deveria ir, ao invés de submeter algum dos meus homens ao risco. Fomos os três enfiados dentro de nossas “roupas especiais”, que nada mais eram do que escafandros de mergulho adaptados; o macacão de borracha impermeável sem costuras terminava em sapatos cuja sola de chumbo foi retirada, para facilitar a deambulação. As mangas terminavam em luvas flexíveis, que não impediam os movimentos das mãos. O enorme capacete de ferro com uma viseira redonda na parte dianteira, coberta por um vidro como uma escotilha de barco, era conectado por uma mangueira de borracha no topo, por onde se bombeava o ar em seu interior. Era absurdamente pesado, principalmente fora do ambiente aquático para o qual fora desenhado, mas deveria proporcionar o isolamento adequado para evitar nossa contaminação. Seguimos em um escaler até junto do casco do cargueiro. Dois marinheiros remavam, um terceiro controlava a bomba que havia sido adaptada na popa para nos abastecer de ar, e outros dois fixaram uma escada de corda muito grossa na amurada do convés usando arpêus. A tensão e o medo em seus rostos eram evidentes. Assim que eu, o doutor Trask e seu ajudante subimos a bordo, afastaram o escaler até a distância máxima permitida pelas mangueiras que nos forneciam o oxigênio. O espetáculo, já no convés, era aterrador. Vários cadáveres jaziam caídos por todos os lados, em avançado estado de decomposição. Era impossível, mesmo para um especialista como Trask, determinar há quanto tempo tinham ocorrido aquelas mortes a partir do estado dos corpos, pois uma das características marcantes da praga escarlata era a rápida decomposição após a morte, em ritmo notavelmente acelerado em relação ao que seria considerado normal. No final da proa, na ponta onde se encontravam os dois flancos da amurada, como se estivesse acuada no ponto mais distante ao qual pudera chegar, encontramos nosso “indivíduo zero”. Encolhido, acuada como um animal. E vivo. Não parecia exibir, nos espaços expostos de seu corpo pelas roupas esfarrapadas, nenhum sinal da praga. Chegando mais perto, percebi que não devia ter muito mais de vinte anos. O rapaz tremia incontrolavelmente e, quando nos aproximamos, ergueu as duas mãos, que seguravam uma pistola, em nossa direção. Fiz um gesto para Trask e interrompemos nosso avanço. O cenário indicava que, embora aparentemente saudável, o rapaz era seguramente um portador do germe responsável pela praga escarlata. Provavelmente essa fosse a situação de um indivíduo em meio a algumas centenas, mas nem por isso parecia ser considerada sorte. Caso disparasse aquela arma, mesmo que não nos atingisse mortalmente,

certamente seria capaz de furar nossas vestes protetoras, o que seria o mesmo que decretar nossa morte. Ouvi uma voz abafada, que reverberava como se a pessoa que gritava estivesse dentro de um sino. Era a voz de Trask, falando em nahuatl: “Não tenha medo. O governo desenvolveu um soro contra a doença. Estamos aqui para encontrar sobreviventes e administrar o tratamento. Precisamos colher um pouco do seu sangue para verificar se reage bem ao soro, e então poderemos levá-lo de volta para a segurança da terra firme.” Olhei para ele, surpreso. Eu não sabia nada sobre nenhum soro. Entretanto, reconhecia que uma amostra de sangue de um indivíduo imune ao germe da praga poderia ajudar a desenvolvê-lo. “Baixe a arma”, dizia Trask, “e deixe-nos colher uma pequena quantidade de sangue. Não queremos lhe fazer mal”. Ainda relutante, visivelmente desconfiado, o jovem baixou os braços, ainda olhando alternadamente para mim e para o médico com olhos aterrorizados. Chegamos mais perto e vi quando o médico, com movimentos lentos e anunciados, sacou de um dos bolsos do macacão um pequeno estojo escuro. Era feito de chumbo e dentro dele havia duas ampolas de vidro lacradas e uma seringa. O rapaz suava muito e tremia, quando Trask gentilmente ergueu seu braço direito e amarrou o garrote, procurando uma veia. A pistola, que eu não perdia de vista, ficou caída ao seu lado, no piso do convés. O doutor encheu as duas seringas com o precioso líquido cor de rubi e lacrou cuidadosamente a caixa de chumbo. O que houve a seguir foi muito rápido. Trask ergueu-se de uma vez, a despeito do peso do capacete sobre seus ombros, e em sua mão reluziu o brilho do sol sobre o cano da pistola que há pouco estivera nas mãos do jovem azteca. Desarmado o garoto, Trask fez um sinal para seu ajudante, cujo nome estou tentando inutilmente lembrar, desde que iniciei este relato. Era um homem sinistro, mal-encarado, não parecia ser médico ou mesmo ajudante de um, como nos havia sido apresentado. O homem havia ficado um pouco para trás quando eu e o doutor nos aproximamos do jovem azteca, mas ao sinal de Trask ele avançou sem pestanejar e apanhou a arma nas mãos do doutor, que se afastou dois passos. O tiro único e certo abriu um furo redondo entre os olhos do garoto, cujo corpo escorreu sem vida em direção a nossos pés. Enquanto eu o encarava, paralisado pelo choque, Trask apenas lançou um olhar em minha direção e disse: “Missão cumprida. Vamos.”

– O ajudante assassinou friamente um garoto indefeso? – retruquei, com horror.

– Também foi minha primeira impressão. Mas olhando a coisa de um ponto de vista mais prático, Einfeld, aquele garoto era um potencial assassino, ainda que involuntário, de milhares de inocentes, talvez milhões. Não, não havia nenhum soro ou nenhuma cura. A missão de Trask, para a qual servi de escolta, era a de colher amostras daquele sangue, que poderia servir, de fato, para que se tentasse obter o tratamento. Com efeito, chamamos o escalor para nos recolher e, quando estávamos de volta em segurança ao nosso barco, Sir Danvers deu ordens para que o cargueiro fosse torpedeado. Rapidamente foi descansar no fundo do Golfo, levando consigo os corpos da infeliz tripulação e de nosso “indivíduo zero”.

– Que história terrível, Capitão! E qual foi o destino das amostras de sangue contaminado?

– A princípio eu não soube. Sir Danvers agradeceu muito pela nossa ajuda, elogiou sobejamente nossa atuação e nos prometeu grandes recompensas. De fato, graças a sua recomendação, fui promovido e consegui minha almejada transferência para Londres, antes de me alistar para a Campanha da Índia, obviamente. Mas não disse nenhuma palavra sobre o destino das amostras e nenhum de nós voltou a ver o estojo de chumbo... pelo menos por algum tempo.

– O senhor está insinuando que viu a caixa de chumbo novamente...

– Por uma incrível coincidência. Cerca de duas semanas depois da terrível missão no Golfo do México eu chegava a Londres de mudança e já na primeira noite escolhi um bom restaurante para comemorar meu retorno à Inglaterra. Eu jantava com dois amigos ingleses quando divisei, do outro lado do salão, uma mesa ocupada por um grupo que continha uma figura familiar. O homem que me chamou a atenção era meu benfeitor, Sir Danvers Carew. Em sua companhia, dois cavalheiros bem distintos. Cheguei a me levantar para cumprimentá-lo, mas quando já estava a meio caminho Sir Danvers retirou do paletó, sem que me visse, um objeto retangular escuro. Sim, era o mesmo estojo que vi nas mãos de Trask Carew o colocou sobre a mesa delicadamente e o empurrou na direção de um dos cavalheiros, que o escondeu no próprio bolso com todo cuidado. Dei meia volta e retornei a minha mesa, sem que Carew houvesse sequer percebido minha presença.

– O senhor não conhecia os dois homens...

– Não até aquele momento. Cerca de um mês depois, quando fui admitido no Reform Club, vi um deles neste mesmo salão, não o que recolheu a caixa de chumbo, mas o outro. Era seu amigo, o bom doutor Henry Jekyll.

– Jekyll! – Eu não sabia o que pensar. Mas uma suspeita me assaltou, e perguntei:

– O terceiro homem no restaurante, capitão, como ele era?

– Bem... – disse Chaney, virando o resto de sua dose de rum e franzindo a testa, procurando se lembrar – Como eu disse, parecia ser bem distinto. Média estatura, rosto avermelhado, com os cabelos embranquecidos, a despeito de aparentar uma idade insuficiente para tanto. Enquanto os observei, pareceu-me uma pessoa alegre e de gestos um pouco impetuosos. Lamento não poder lhe dizer mais sobre isso.

Não havia necessidade. Para mim as peças se encaixavam perfeitamente. A descrição servia como uma luva para definir o doutor Hastie Lanyon, médico atuante em Cavendish Square, amigo inseparável de Jekyll e do próprio Utterson desde os tempos de colégio.

Naquele momento aproximou-se da mesa o solícito John Withmore, secretário do Ministro Phileas Fogg. Após nos cumprimentar com um sorriso e um aceno de cabeça, dirigiu-se a Chaney:

– Perdoe-me a interrupção, Capitão Chaney, mas o Ministro Fogg pediu-me para informar a todos que a partida de uíste deverá começar em dezessete minutos, na sala contígua.

– Agradeço, Withmore. Estarei lá pontualmente.

Chaney observou enquanto o secretário se afastava. Depois sua expressão facial voltou a endurecer e ele se dirigiu a mim, uma vez mais em tom de confidência:

– Uma informação de última hora, Cabo Enfield: há cerca de uma semana recebi notícias perturbadoras de Nova Albion. Amigos que participaram comigo daquela missão no Golfo reportam que o doutor Fulton Trask faleceu, vítima de um misterioso incêndio em seu laboratório de pesquisas nos Estados Unidos. Entretanto, rumores que se espalham à boca pequena sugerem que o homem já estava morto antes do incêndio consumir o prédio.

– O senhor fala de assassinato?

– Ou talvez não. Talvez apenas um procedimento de segurança para eliminar mais um corpo contaminado pelo germe da praga escarlata. Não acredito que, depois de todo aquele trabalho, Trask abdicaria da oportunidade de pesquisar melhor aquela amostra de sangue. Mas isso, claro,

é apenas mais uma especulação a que me atrevo graças à amizade que nos une.

– Uma última pergunta, Capitão, se me permite o abuso: diante de tudo que viu, de tudo que sabe... qual pode ser, em sua opinião, o interesse das forças por trás de Sir Danvers na coleta da amostra de sangue? Seria algo humanitário, como a busca de uma vacina? Ou o senhor suspeita de um plano para uso militar da praga escarlata?

Antes de responder Chaney lançou mais um olhar grave para o fundo do salão, onde Fogg e seu seletor grupo começavam a deslocar-se em direção à sala de jogos.

– Eu queria muito acreditar na primeira opção, Enfield. Porém, voltei a me encontrar com Sir Danvers na Índia, onde ele apareceu um dia para recrutar especificamente o Sargento Montgomery, por razões que desconheço, para outra de suas missões ultrassecretas, dessa vez em alguma remota ilha da costa africana. Danvers procurou-me em particular para certificar-se sobre as referências que, de alguma forma, já trazia a respeito do sargento. Queria um homem leal, com conhecimentos de biologia e que tivesse resistência para um severo trabalho de vigilância. Naquele então espalharam-se rumores de que Danvers chefiava, sob a insígnia do Ministério das Relações Internacionais, uma divisão secreta destinada a ações ligadas à pesquisa de novas armas com fins militares. Por isso recomendo-lhe muito cuidado, meu amigo. Se uma daquelas duas ampolas de sangue adentrou o território da Inglaterra, não apenas seu amigo Jekyll pode estar se expondo a um terrível perigo, mas esse perigo estende suas asas negras sobre as cabeças de todos nós.

– Guerra biológica... Pelos deuses, isso é inconcebível!

Chaney já fazia menção de se afastar, mas hesitou e retornou por um instante.

– Escute bem o que lhe diz este soldado de vários fronts, cabo Enfield: por mais paradoxal que pareça, a guerra é uma das experiências mais democráticas que podem se abater sobre a espécie humana, seja ela aberta e franca, como ocorre no alto mar e nas fronteiras, seja ela cínica e hipócrita, como ocorre entre nossos gabinetes secretos e seus correspondentes nos corredores institucionais franceses. Democrática, sim, pois dá a visão mais brutal, mais eloquente e aguda da desgraça humana, tanto ao camponês miserável como o “indivíduo zero” do Golfo do México, quanto a um cientista emérito como aquele pobre diabo ali adiante – disse, fazendo um gesto de cabeça na direção do homem da mesa em frente, que acabava de derrubar a garrafa de uísque, derramando o resto de seu conteúdo sobre a toalha de linho. – A guerra cria a necessidade, que faz evoluir em ritmo alucinante as teorias filosóficas e sociológicas, a tecnologia de transportes, de comunicações, os avanços da engenharia e da medicina, tudo isso impulsionado por uma das necessidades mais básicas do homem: a sobrevivência. Assim é que os vaidosos filósofos, cientistas e intelectuais curvam suas cabeças sob o jugo do selvagem que existe dentro de cada ser humano, rugindo furioso à espera de uma oportunidade para emergir e subjugar seu semelhante. As atrocidades se repetem dia após dia, com tal frequência que o ser humano se acostuma com sua presença familiar e, para sua tragédia, deixa de sentir a indignação que exige a suposta nobreza original de sua alma. Vê aqueles distintos senhores ali adiante? – falou, fazendo um gesto sutil com a cabeça em direção ao grupo de Fogg. – Dois deles são proprietários de grandes fundições em Londres, cujos negócios sofreram um duro golpe no recente episódio de “dumping” promovido por aquele célebre industrial prussiano. Faz poucos dias os ouvi discutindo, e o mais estupefecedor era que falavam *a sério*, sobre como seria benéfica para suas atividades comerciais a deflagração de uma guerra total contra a França.

– Eles certamente nunca estiveram no front como nós, Capitão. Não sabem do que estão falando...

– Por certo que não. No entanto, meu caro, por mais aviltantes que possam ser tais ideias aos ouvidos dos homens de bom senso, aqueles que as estão sugerindo são os seres que têm, em suas mãos, o poder para colocá-las em prática. Homens se convertem facilmente em monstros, Enfield, e caminham sobre a linha fina que tem, de um lado, o progresso das civilizações, e do outro, a própria destruição. Por isso volto a lhe dizer, como oficial superior de outras batalhas e como amigo: tenha muito cuidado! A guerra transforma as pessoas. Não deixe que elas te surpreendam.

Chaney parou de falar para recuperar o fôlego. Sua fisionomia voltou a suavizar-se e ele disse, com um sorriso sincero:

– Agora, se me dá licença... Não é uma boa ideia deixar o Ministro Phileas Fogg esperando além da conta.

Observei enquanto ele se afastava em direção à sala se jogos, sem olhar para trás. Fiz um sinal para que Utterson, que me encarava do bar transbordando de curiosidade, seguisse-me até uma das sacadas que circundavam o salão principal do clube. Longe de ouvidos curiosos, repeti toda a história relatada por Jack Chaney, e ele escutou atentamente, esboçando vez por outra um franzir de sobrancelhas ou um leve aceno de concordância. Ao final, falou em tom pensativo:

– Tudo isso faz muito sentido. Hastie Lanyon é um dos mais entusiasmados seguidores de Edward Jenner, que há quase cem anos inventou a vacina contra a varíola. Estudos envolvendo doenças infecciosas estão entre os seus prediletos. Quanto a Jekyll, sempre foi um pesquisador dos mais entusiasmados, disposto a avançar além de todas as barreiras do conhecimento médico. Eu conheço muito bem aqueles dois patetas e posso lhe afirmar que não seria difícil ver a curiosidade suplantar seu bom senso e sua prudência. Não seria a primeira vez, embora os anos da impetuosa juventude já cavalguem bem longe de nossos campos.

– Essa história fortalece minha impressão de que o bizarro Edward Hyde esteja agindo sob o comando dos franceses. Se a manipulação desse sangue contaminado por parte de nossos compatriotas pode representar um risco excessivo, a hipótese de que essa amostra caia nas mãos dos franceses seria uma calamidade inconcebível. Temos que advertir Jekyll e Lanyon.

– É verdade, mas com cautela. Alarmar o inimigo agora poderia ser muito perigoso. Sugiro que falemos primeiro com Lanyon, que parece encontrar-se mais afastado do círculo de ação de Hyde. Podemos fazê-lo logo pela manhã.

Foi o que fizemos. Chegamos bem cedo à casa de Lanyon, mas fomos informados por um criado de que o perdemos por pouco. Ele havia saído cerca de meia hora antes para seu laboratório de pesquisa, anexo ao consultório em Cavendish Square. Assim sendo, rumamos diretamente para lá.

A antessala estava deserta, possivelmente por ser ainda muito cedo, já que Lanyon contava com uma clientela vasta e regular. Uma porta secundária conduzia ao interior do consultório, e outra, em frente à primeira, ao laboratório. Mal havíamos olhado em volta, decidindo em qual bater, ouvimos um estrondo por trás da porta do laboratório. Era como se uma estante inteira houvesse desabado, quebrando diversos recipientes de vidro. Utterson e eu saltamos juntos e abrimos a porta com violência, chamando em voz alta por nosso amigo.

O cenário com que nos deparamos era aterrador. Duas das estantes maiores, que abrigavam

diversos vidros grandes com todo tipo de medicamentos e substâncias químicas, estavam tombadas, e os cacos misturavam-se por todo o piso com líquidos de diversas cores, formando obras de arte bizarras e involuntárias. Havia várias folhas de papel boiando naquela mistura química em movimento e, por trás da escrivaninha, podíamos avistar um par de pernas parcialmente cobertas por um longo avental branco, cujo usuário certamente, embora não pudéssemos vê-lo acima dos joelhos, encontrava-se deitado no chão. Ao fundo, por trás daquela confusão, um vulto escuro destacava-se de costas para nós, revirando freneticamente as gavetas de madeira do amplo móvel que Lanyon mantinha ali para armazenar ordenadamente suas misturas e infusões. Mas assim que irrompemos dentro do laboratório o invasor voltou-se com rapidez, e sua face angulosa e doentia era inconfundível.

– Hyde! – gritei, o terror e a raiva misturados na voz – Pare onde está!

A criatura encolheu-se como um animal selvagem e exibiu os dentes escuros e irregulares, enquanto franzia o nariz em uma careta medonha, emitindo um silvo que me fez pensar em um grande réptil acuado.

Uttersson viu as pernas no chão por trás da escrivaninha e gritou o nome de Lanyon. Avançou dois passos em sua direção, mas estacou ao perceber que avançava igualmente na direção de Hyde. Este interpretou o movimento como um ataque. Retirou uma das gavetas do encaixe e atirou-a pelos ares em nossa direção, demonstrando uma força insuspeita para alguém tão franzino. Uttersson e eu saltamos um para cada lado e a gaveta passou voando pela porta, indo espatifar-se na antessala. Hyde saltou de lado, passando por trás da estante caída e indo parar por trás da grande mesa repleta de pipetas e outros instrumentos, onde Lanyon realizava suas experiências. Corri para o mesmo lado, tentando cercar seu avanço, enquanto Uttersson corria diretamente para o corpo caído de Lanyon, aproveitando o caminho livre.

Hyde tinha diante de si um arsenal generoso para usar contra nós e vi que havia percebido isso quando as peças de vidro e de metal começaram a voar em minha direção. Eu me esquivava como podia, defendendo o rosto com um braço e procurando às cegas, com a outra mão, algum objeto com que pudesse contra-atacar. Eu ouvia os grunhidos e rosnados ininteligíveis de meu adversário e um arrepio percorreu-me a espinha diante de tanta ferocidade, que sequer parecia humana.

Do outro lado do laboratório, ouvi o grito assustado de Uttersson:

– Enfield! Socorro, depressa!

Hesitei por um instante, mas meu bom senso me fez recuar em socorro do meu primo, sem, entretanto, perder Hyde de vista, encolhido como estava nas sombras. Contornando a escrivaninha, compreendi a aflição de meu companheiro. Um jato pulsátil de sangue jorrava da garganta de Lanyon, que nos fitava com olhos injetados e a face muito pálida. Uttersson sacara um lenço do bolso e tentava inutilmente conter a hemorragia.

– Calma, Lanyon – tentava ele acalmar o ferido, com a voz trêmula. – Estamos aqui, vamos ajudá-lo...

Os lábios pálidos de Lanyon se mexeram, tentando dizer algo. Na segunda tentativa, sua voz soou rouca e muito baixa:

– Jekyll... Por favor, Jekyll...

Em seguida sua cabeça pendeu de lado, enquanto sua consciência se esvaía. Como o homem agonizante atraía integralmente nossa atenção, perdi de vista por um momento seu algoz, o que

me custou caro. Antes que me levantasse, senti uma pancada por trás da cabeça que me fez cair sobre o corpo de Lanyon, a visão escurecida e uma dor aguda descendo pelas minhas costas. Ouvi vagamente um grito ameaçador, que parecia ter vindo de Utterson. Foi a última percepção que tive antes de perder os sentidos.

Não sei quanto tempo se passou até que eu despertasse, com a cabeça latejando e dores no pescoço. Quando minha visão recobrou o foco, vi diante de mim a fisionomia consternada de Utterson e um homem desconhecido, ostentando um volumoso bigode castanho e uma expressão grave no rosto. Usava um terno de corte simples, mas de boa qualidade, e um chapéu de abas curtas. O aspecto geral não me deixava dúvidas: Scotland Yard.

– Seja bem-vindo de volta, *Mister Enfield*, espero que esteja bem. Sou o Inspetor Newcomen, responsável pela investigação da morte de Sir Danvers Carew e agora deste novo homicídio – disse ele, ao mesmo tempo confirmando minha suspeita e um de meus maiores temores.

Olhei de relance para Utterson, que confirmou com um olhar minha pergunta silenciosa. O Doutor Lanyon não havia sobrevivido ao violento ataque. A presença de Newcomen também tornava um fato evidente: a polícia já fazia a correlação entre os dois crimes; já estavam à caça de Edward Hyde.

– Apesar das dores creio que poderia estar bem pior, inspetor. Obrigado pelo interesse.

– Desculpe não esperarmos por seu completo restabelecimento, mas o tempo se esvai entre nossos dedos. Dois homens dignos já morreram nas mãos de um selvagem e precisamos evitar que essa insanidade prossiga.

– De pleno acordo – falei, sentando-me com um gemido no leito improvisado em um sofá do próprio laboratório, onde três policiais uniformizados vasculhavam os escombros como perdigueiros, colhendo pistas e impressões digitais.

– Pois bem, *Mister Enfield*, que tal começar nos dizendo o que aconteceu aqui?

Relatei minuciosamente tudo que se passou desde que irrompemos dentro do laboratório de Lanyon. Utterson confirmava cada frase com um aceno de cabeça. Eu estava reproduzindo fielmente o que ele já contara a Newcomen enquanto eu estivera inconsciente. O inspetor pareceu satisfeito com meu depoimento e então indagou:

– E que razões trariam os dois cavalheiros à casa do doutor Lanyon tão cedo pela manhã?

Dei outra rápida olhada em direção a Utterson, que agora tinha o olhar perdido em algum lugar distante. Pelo que eu conhecia de meu primo, duvidava que ele houvesse dito à polícia alguma coisa que pudesse comprometer Jekyll, pelo menos antes que pudesse estar com ele pessoalmente.

– Como já deve saber, Inspetor, Lanyon e meu primo Utterson são velhos amigos do tempo dos bancos escolares. Não creio que seja necessária alguma razão extraordinária para uma visita, mesmo em horários pouco ortodoxos.

– O senhor tem razão nisso – rebateu ele, alisando o bigode. – Por outro lado, fui informado de que os senhores foram as primeiras pessoas a chegarem ao local do crime após o assassinato de Sir Danvers. Do alto de minha vasta experiência considero, digamos, absurdamente pouco ortodoxo que sejam as primeiras testemunhas de dois assassinatos consecutivos, ainda mais que a descrição do homem que foi visto fugindo do local do crime é a mesma nos dois casos. Não fosse esse simples detalhe, senhores, asseguro-lhes de que estariam no topo de minha lista de suspeitos. Por outro lado, as evidências me indicam que os senhores sabem mais do que estão me dizendo

até agora, o que lhes advirto que pode ser uma posição perigosa.

Ele tinha toda razão. Diante dos rumos tomados pelos acontecimentos, crescia em mim o temor de que nossa vacilação custasse outras vidas, e o pior, tudo indicava que a próxima vítima seria mesmo Jekyll. O nome dele havia figurado duas vezes nas últimas palavras proferidas por Lanyon no momento de sua morte. Um homem, eu suponha, daria a essas últimas palavras o maior valor entre todas as proferidas ao longo de sua vida, por isso as de Lanyon haviam soado, perante meu julgamento, como um pedido de socorro. Ele tentava, em seu suspiro final, salvar a vida de um amigo. Teríamos o direito de atrasarmos esse socorro? Olhei para meu primo com expressão de súplica e ele compreendeu. Suspirou com os olhos cerrados e finalmente falou, deixando as palavras fluírem como um desabafo:

– Ao inferno com tudo isso! Sim, Inspetor, nós conhecemos a identidade do assassino. Temo que talvez sejamos, inclusive, capazes de indicar seu provável esconderijo.

Nos minutos seguintes Utterson relatou com detalhes ao inspetor os acontecimentos que nos levaram a identificar Hyde como o criminoso, falou de sua misteriosa ligação com Jekyll, mas evitou mencionar nossas suspeitas de que o patife estivesse agindo a serviço dos franceses, tentando apreender material biológico de altíssimo poder letal. Tudo indicava que não havia encontrado a ampola de sangue no laboratório de Lanyon, o que fazia de Jekyll seu provável alvo na próxima investida.

Newcomen decidiu que deveria visitar Jekyll imediatamente e solicitou que o acompanhássemos, como testemunhas dos crimes anteriores. Quatro policiais nos escoltaram, sendo que dois deles ficaram postados na entrada principal da residência e os outros dois na soturna porta dos fundos, que levava diretamente ao prédio que abrigava o laboratório químico e o de anatomia, onde Jekyll realizava seus experimentos.

O amável mordomo nos recebeu, dessa vez, com olhos aflitos e uma voz da qual transbordavam uma enorme preocupação e urgência:

– *Mister Utterson!* Mister Enfield! Graças ao bom Deus!

– Poole, este é o Inspetor Newcomen, da Scotland Yard. Temos motivos para acreditar que a vida de Jekyll esteja em grande perigo. Mas, antes de tudo, diga-nos o motivo de tanta aflição...

– Bem, é possível que tenha alguma relação com o que o senhor acaba de me relatar. O doutor Jekyll trancou-se no laboratório de química ontem à noite, quando o deixei pela última vez. Hoje pela manhã fui levar-lhe o desjejum, mas ele se recusa a abrir a porta. O pior é que está falando de modo muito estranho, usando palavras grosseiras para ordenar que eu me afaste e que ninguém mais o incomode. Ouvi barulhos muito estranhos saindo lá de dentro, senhores. Temo que algo esteja muito errado.

– Diga-me, Poole – adiantou-se Newcomen -, por acaso Edward Hyde se encontra nesta propriedade?

– Não o vejo já faz alguns dias, Inspetor – respondeu o mordomo, dando de ombros. – Mas é difícil afirmar com certeza, já que ele usualmente transita pela porta dos fundos, que leva dos laboratórios à rua de trás.

– Permita-nos tentar conversar primeiro com Jekyll, Inspetor – pediu Utterson. – Acredito que nossa presença inspirará confiança suficiente para que ele abra a porta.

– Vão em frente, *Mister Utterson*. Enquanto isso, se me permitem, eu e um de meus homens vamos fazer uma vistoria na casa, em busca de pistas deixadas pelo nosso homem.

Newcomen chamou um dos guardas que se postavam na entrada principal e começou a ditar instruções. Utterson e eu seguimos Poole pelos tortuosos corredores até os fundos da propriedade. Atravessamos a passarela gradeada que conduzia ao anfiteatro, onde se realizavam necropsias e outros procedimentos relacionados à anatomia. Subimos um lance de escadas em curva e atravessamos o gabinete, que terminava na porta do laboratório de química. Poole colocou um dedo indicador diante dos lábios e fez sinal para que nos aproximássemos da porta, para escutarmos o que acontecia em seu interior. Com o burburinho de Londres ao fundo, vindo da rua de trás, ouvimos o som incessante e irrequieto de passos, que o tempo todo cruzavam o laboratório denotando certa urgência.

– Fica sempre assim? – indagou Utterson, sussurrando.

– A maior parte do tempo – acedeu Poole. – Em certo momento o ouvi chorando.

– Chorando? Como assim? – indaguei, horrorizado.

– Chorando como uma mulher ou como uma alma penada. Carreguei aquele som em meu coração e quase chorei também.

Utterson olhou ao redor e apontou para um machado, usado no corte da lenha para a lareira ou para o fogão. Poole o apanhou na parede do fundo e o deixou sobre a mesa próxima, para ser usado na invasão em caso de necessidade. Utterson bateu na porta de maneira forte e decidida. Sua voz soou com autoridade:

– Jekyll! Eu exijo vê-lo. Temos graves suspeitas e advirto que irei vê-lo de qualquer maneira. Estou avisando: se não for por bem, será por mal. Abra a porta imediatamente.

– Utterson! – soou a voz abafada, lá de dentro. – Pelo amor de Deus, tenha piedade!

– Foi meu último aviso, Jekyll! Se não tiver seu consentimento, entrarei usando a força bruta!

– Vá embora, Utterson! – agora Jekyll encontrava-se bem próximo, logo atrás da porta – Você está correndo grande perigo. Não faz ideia do que está acontecendo aqui! Imploro para que parta agora e fique o mais distante possível deste lugar, até que...

– Não há mais tempo para negociações, Jekyll. Se não pretende abrir a porta, para sua própria segurança, peço que se afaste dela.

Fez um sinal para Poole, que apanhou o machado e o girou habilmente por sobre a cabeça e o desceu contra a madeira grossa junto à fechadura. O choque fez tremer o edifício, as dobradiças rangeram dolorosamente. O machado subiu novamente e o próximo golpe provocou um estalo e o desprendimento de um grande pedaço de madeira. Foi só no quinto golpe que a porta finalmente cedeu, espalhando destroços no tapete interno. Utterson empurrou a folha de madeira arruinada e entrou no laboratório, seguido por mim. Vimos o doutor Jekyll encolhido no fundo do aposento, o rosto contraído em pálido terror. As mãos, encolhidas junto ao peito, seguravam alguma coisa que não podíamos ver dali.

– Jekyll...

– Não! Vão embora, eu imploro! Afastem-se, antes que seja tarde!

Enquanto ele falava, moveu as mãos nervosamente. Pude ver um brilho vermelho-rubi cintilar em um tubo cilíndrico entre seus dedos. O sangue correu gelado em minhas veias. Dei dois passos à frente e disse:

– Antes de qualquer coisa, responda: você sabe onde está Hyde?

Foi aí que, para mim, o mundo começou a girar mais lentamente. Pelo menos é a impressão que tenho, quando me lembro de tudo. O olhar que Jekyll exibiu diante da pergunta de Utterson

me atingiu como um punhal. Primeiro, havia surpresa. Era como se ele não esperasse ouvir aquilo naquele momento. Em seguida, seus olhos refletiram compreensão. Ele se lembrou de que havia algo que nós não sabíamos e era algo que ocupava tanto espaço em sua vida e em sua mente que, para ele, já parecia algo corriqueiro. Ao mesmo tempo seus olhos brilharam de tristeza, transbordando toda a infelicidade represada dentro de sua alma. No final, sua expressão era de resignação. A resignação de um homem condenado. Ao mesmo tempo em que Jekyll lançava esse olhar fúnebre para algum ponto atrás de mim e de Utterson, o mundo enlouqueceu. Uma pancada entre nós dois, vinda pelas costas, atirou a mim e a meu primo, violentamente, um para cada lado. Bati com um ombro na parede, rente ao chão. Utterson desabou contra uma estante e uma chuva de livros o soterrou por um momento. Ao mesmo tempo, olhando para o alto, ainda tonto, vi o vulto negro movendo-se a grande velocidade. Seu grito era o de um animal enfurecido e, em sua mão, um bastão longo, que ele agitava sobre a cabeça, terminava em um brilho metálico que se movia em círculos. Jekyll gritou em pânico e saltou para um lado, bem a tempo de escapar do machado que Edward Hyde baixou com fúria sanguinária, estilhando uma cadeira. Hyde recuperou-se com velocidade espantosa e brandiu o machado em um arco horizontal ao nível do peito. Jekyll, mostrando bons reflexos, abaixou-se e rolou uma vez pelo piso, evitando o novo golpe. Agora Utterson já se colocava sobre os joelhos e começava a se levantar. Ele gritou algo para chamar a atenção do agressor e teve sucesso. Hyde olhou para ele, emitindo um silvo reptiliano, e chutou a mesa com grande força. Ela trepidou e enrugou o tapete, mas moveu-se o suficiente para comprimir Utterson contra a estante atrás de si. Enquanto isso eu me levantei e empurrei meu corpo para frente, apoiando os pés no canto entre o piso e a parede, projetando-me sobre o pequeno, mas poderoso corpo de Hyde. Fui recebido pelo cabo do machado contra meu queixo, fazendo-me curvar para trás com uma dor aguda e desabar no chão. Ao meu lado passou o doutor Jekyll, tentando escapar ao logo da parede em direção à porta arrombada. A cena que se desenrolou diante dos meus olhos foi uma das mais terríveis que, ainda hoje, assombram a memória de um soldado habituado ao front de batalha: meio tonto, sentindo o gosto salgado de meu próprio sangue, vi quando Hyde ergueu o machado por sobre a própria cabeça e, com um grito de guerra, o arremessou em direção ao médico. A lâmina penetrou nas costas de Jekyll com um baque surdo, bem entre as omoplatas, e um esguicho de sangue coloriu o papel de parede floral. O pobre homem gemeu, tentando encontrar o fôlego, e ainda apoiado contra a parede lateral do laboratório conseguiu pronunciar, com dificuldade, o nome de Utterson, que finalmente conseguira desvencilhar-se de sua prisão. Enquanto caía, já perdendo os sentidos, vi quando Jekyll arremessou no ar a ampola de vidro cheia do líquido rubro. Porém, certamente devido à situação em que se encontrava, o arremesso não encontrou a direção desejada. O recipiente de vidro girou no espaço e ia passar cerca de um metro além do alcance de Utterson. Para piorar, meu primo, com o terror estampado na face, tentou lançar-se no ar para interceptar o projétil, mas escorregou em uma rugosidade do tapete e perdeu impulso, não alcançando a distância necessária. Vi quando estatelou-se no chão, e de onde me encontrava percebi que a ampola ia se espatifar a poucos centímetros além do alcance de seu braço. Quando parecia ser o fim de tudo, a presença de espírito de Utterson uma vez mais me surpreendeu, o que não era frequente, admito, mas não podia ter acontecido em momento mais adequado. Num movimento rápido, ele arrancou a cartola da cabeça e esticou-a para frente com toda força. A ampola mortal em queda livre mergulhou em cheio no interior da cartola, como uma rede de

apanhar borboletas colhendo seu espécime mais valioso.

Não tive tempo para expressar meu alívio, pois o vulto de Hyde passou sobre mim rosnando. Ergui a mão e o segurei pela ponta da capa, contendo seu avanço em direção a Utterson. Furioso, ele se voltou para mim e contemplei diretamente, como uma ave de rapina descendo das alturas, seus olhos faiscando de ódio e seu nariz longo e pontudo, enrugado numa máscara terrível. Dos cantos de sua boca escorria uma baba espumosa. Fiquei paralisado quando o facinora ergueu o machado novamente, dessa vez mirando diretamente minha cabeça.

Ele não chegou a baixar os braços no golpe fatal. Dois estampidos quase simultâneos soaram na direção da porta e o corpo de Hyde retesou-se em dois espasmos rápidos, desabando em seguida para trás, seguindo a trajetória determinada pelo peso do machado. Virei o rosto e vi, sob o batente, o inspetor Newcomen e um de seus homens como duas estátuas gêmeas, os braços ainda erguidos para frente e segurando as pistolas de canos fumegantes.

Enquanto eu tentava colocar-me de pé, vi Utterson depositando cuidadosamente sua cartola sobre a mesa e depois correndo na direção de Jekyll. Virou cuidadosamente o corpo, que se encontrava de bruços, e vi quando duas lágrimas escorreram de seus olhos.

– Está morto – disse ele, com voz embargada.

Newcomen e seu agente encontravam-se de pé em torno do corpo caído de Hyde, os olhares graves, mas as armas guardadas. Pela sua vasta experiência, sabiam que era o fim do monstro. Ele, entretanto, ainda respirava, mesmo que com grande dificuldade. Os dentes arreganhados, fitava intensamente o teto, e voltou os olhos injetados para nós quando eu e Utterson nos aproximamos com cautela.

– Bom trabalho, *Mister Utterson* – soou sua voz rascante.

– Não agradeça, Hyde – retrucou Newcomen com desprezo, acreditando erroneamente que o monstro se referia à epopeia que culminara em sua derrota. – É um prazer para todos nós livrar o mundo civilizado de uma fera bestial como o senhor.

– Mundo civilizado – repetiu Hyde, em tom zombeteiro e irrompeu numa risada que me fez recuar com asco. Um espasmo de dor interrompeu seu riso e ele ofegou algumas vezes antes de falar, olhando fixamente para Utterson:

– Mundo civilizado... Ética científica... Sistemas efêmeros, *Mister Utterson*, que se esvaem como espuma.

Em seguida, seu corpo enrijeceu novamente e ele irrompeu em uma tosse convulsiva, expelindo seu próprio sangue em gorgolejos agonizantes. Aquelas foram as últimas palavras de Edward Hyde, que morreu ali, caído ao lado do corpo de Henry Jekyll, sua última vítima.

O que aconteceu então foi realmente espantoso, fazendo com que todas as testemunhas, atônitas, recuassem um passo. Após a morte, o corpo de Hyde começou a se transformar. Inicialmente parecia estar inchando, mas depois ficou evidente que estava crescendo, ganhando volume e arredondando formas. O próprio rosto se encheu, na medida em que as faces ganhavam substância e o cabelo diminuía, enquanto a calva tomava toda a parte anterior do crânio. Fui o primeiro a reconhecer a pessoa que emergia da surpreendente transformação e não pude conter uma exclamação sufocada:

– Meu Deus, é Poole, o mordomo.

– Senhor, que bruxaria é essa? – gemeu o policial que acompanhava Newcomen, segurando o chapéu com as duas mãos e contraindo os dedos nervosos.

– Não é bruxaria, policial, é ciência. Não que seja menos terrível... – disse Utterson, os olhos ainda marejados.

Depois daquilo, os agentes da Yard encarregaram-se da cena do crime. Utterson apanhou, com discrição e muito cuidado, a cartola que continha a ampola com o agente da praga escarlate. Retirou também, quando ninguém mais além de mim observava, um caderno grosso de uma gaveta na escrivaninha de Jekyll. De posse daqueles objetos, nos retiramos daquele cenário trágico.

Utterson falou muito pouco no caminho de volta para casa. Chegando lá, conduziu-me diretamente ao porão, onde acendeu a caldeira que providenciava o aquecimento central. Enquanto o fogo crescia, sentamo-nos ao redor da mesa e acendemos um lampião, para que examinássemos o caderno de Jekyll, que nada mais era que o mais recente volume de seu diário pessoal. Utterson passou as páginas com ar solene e começou a ler alguns trechos de anotações dos últimos dias. Assim como o fogo clareava paulatinamente o porão, a leitura começou a clarear efetivamente nosso entendimento sobre toda – ou quase toda – a trama.

Fiquei surpreso ao ouvir longas dissertações de Jekyll sobre as duas naturezas humanas: a instintiva, rasteira e mesquinha, voltada para o próprio umbigo e a superior, altruísta e ampla, que busca todo o tempo o bem maior. Era uma teoria semelhante à que Utterson discutira comigo havia pouco tempo, na noite da morte de Sir Danvers. Tudo indicava que, longe da minha presença, ele também se entretinha trocando semelhantes devaneios filosóficos com Jekyll. Mas havia uma diferença, que me levava a crer que a semente daquele discurso viera originalmente do médico: ele escrevia sobre o assunto com muito mais paixão, evocando diversas teorias científicas, pseudocientíficas e até esotéricas para ilustrar o assunto. Em dado momento ele se atrevia a especular se, sendo as duas naturezas tão distintas, não seria possível separá-las fisicamente, da mesma forma como um anatomista é capaz de dissecar e isolar os diferentes órgãos físicos com diferentes características e funções. Ele chegava a mencionar um determinado sal especial, cujo nome não mencionava por questão de segurança, originário do Oriente e que, misturado em uma fórmula que Jekyll já vinha desenvolvendo em suas extrapolações alquímicas, acreditava que talvez fosse efetivo para tão ousado objetivo.

Em outra anotação, ficava clara a irritação de Jekyll por não conseguir obter, nos mercados de Londres, o mencionado sal com a pureza necessária para seu experimento. Culpa, dizia ele, dos embargos e outras dificuldades impostas pela ebulição política no caminho entre o Oriente e a Grã-Bretanha, frutos do milenar conflito entre os impérios Britânico e Francês.

Mais adiante, o humor e a vibração de Jekyll alcançam o extremo oposto. Ele afirma que o doutor Lanyon, em um recente encontro, propôs que ambos se associassem em um projeto sigiloso patrocinado pelo governo. Lanyon afirmava que, caso Jekyll aderisse ao projeto, teria abertos os canais para obter quaisquer substâncias, por mais difíceis que fossem de encontrar, graças aos contatos que fariam com os fornecedores mais remotos, através de nada menos que a estrutura de importação do Ministério das Relações Internacionais. Isso, obviamente, sem mencionar a polpuda compensação financeira.

Utterson lançou-me um olhar significativo e avançou as páginas, detendo-se em uma anotação feita logo depois do encontro entre Sir Danvers, Lanyon e Jekyll, testemunhado por Jack Chaney. Naquele dia o narrador parecia lutar para conter a própria ansiedade, mas fazia um evidente esforço para manter-se racional. Sir Danvers propusera à dupla, Jekyll e Lanyon, chefiar uma

das duas frentes de pesquisa a respeito de uma nova doença, de evolução clínica rápida e letal, que tivera seu primeiro e desastroso foco em algum recanto do Outro Mundo. Queria que os dois cientistas isolassem o agente infeccioso, supostamente para que se desenvolvesse uma vacina que protegesse os súditos do Império Britânico de uma possível epidemia mundial. Jekyll não era ingênuo e sabia que uma pesquisa dessa índole, patrocinada pelo gabinete de Carew, certamente poderia resultar no desenvolvimento de uma arma bacteriológica. No entanto, seu entusiasmo irrefreável o obrigava a deixar a responsabilidade sobre essa hipótese no ombro de Sir Danvers. Argumentava que seu papel era desvendar os mistérios e iluminar o assunto do ponto de vista científico. O uso que seria feito daquilo, à revelia de seu conhecimento e participação, seria responsabilidade de outros. Na mesma reunião, Carew concordara em providenciar a busca e importação do misterioso sal especial do Oriente para o projeto pessoal de Jekyll. O médico havia convencido o a princípio relutante Cavaleiro argumentando que, caso obtivesse êxito em sua pesquisa, o Império poderia contar, em potencial, com soldados mais eficientes em combate: homens mais fortes, mais agressivos e adaptados para a atividade da guerra. A condição imposta por Sir Danvers foi de que a pesquisa sobre a doença contagiosa tivesse toda prioridade, que Jekyll mantivesse essa investigação sempre em primeira linha, mantendo-se focado até que obtivesse resultados, para depois, então, poder dedicar-se integralmente ao seu projeto pessoal.

Passaram-se algumas anotações, onde a ansiedade de Jekyll crescia visivelmente. Em dado momento, um estágio do estudo levou a amostra para o laboratório de Lanyon. Sem ter nada de mais imediato para fazer, Jekyll sentiu-se tentado a dar início a seu projeto, uma vez que o sal especial já se encontrava em seu poder. Entretanto temia que, ao usar a fórmula em si mesmo, prejudicasse a clareza de sua razão científica, tais eram os potenciais efeitos sobre o físico e sobre a psique. Assim sendo, Jekyll fez o impensável: misturou a bebida na comida de seu mordomo Poole, sem que o pobre serviçal soubesse. Os efeitos foram quase imediatos; o pobre homem caiu em terríveis e dolorosas convulsões, sofreu assustadoras mudanças físicas diante dos olhos atônitos do cientista, e pela primeira vez surgiu neste mundo a figura hedionda de Edward Hyde. O monstro foi mantido em uma jaula, que Jekyll mantinha nos fundos do laboratório a fim de conter animais para pesquisa, até que o efeito passasse e Poole retornasse ao estado original. Obviamente o mordomo mostrou-se indignado e profundamente ressentido com o ato do patrão a quem servia diligentemente havia tantos anos, mas Jekyll procurou acalmá-lo, mostrando que o efeito da fórmula revertera sem sequelas, como ele, aliás, antecipava. Jurou que jamais faria aquilo, se por um momento suspeitasse estar colocando a vida ou a saúde de Poole em risco. Fez, então, uma proposta ao mordomo: que ele prosseguisse como cobaia para o experimento da fórmula e, uma vez que Jekyll não possuía herdeiros naturais, faria de Poole herdeiro universal de seus bens após sua morte. Embora receoso e relutante, afirmava que o homem acabou concordando. As doses da fórmula foram ajustadas e intensificadas. Hyde ganhou aos poucos a confiança do médico, a ponto deste permitir que ele circulasse pelas ruas de Londres, na maioria das vezes à noite e em locais com pouco movimento de transeuntes. Jekyll relatava, nas anotações do diário, seu entusiasmo crescente com os efeitos da pesquisa.

Seu tom mudava mais adiante e, pela primeira vez desde o início, meu primo e eu éramos mencionados. Utterson leu, preocupado, um trecho onde Jekyll mencionava sua profunda perturbação com um efeito adverso de sua experiência: “Algo imprevisto e inquietante aconteceu: meu bom amigo Utterson procurou-me hoje e surpreendeu-me com preocupações a

respeito de meu testamento, onde deixo todos os meus bens em herança ao *alter ego* de Poole. Diante de minha resistência a modificar o documento, fez-me uma revelação chocante: Sir Danvers acaba de ser assassinado e Utterson suspeita que o assassino seja Hyde, que ele viu entrando em minha casa logo depois do crime! Ao ouvir isso faltou-me o chão sob os pés, por um motivo muito simples: nos últimos dias não submeti Poole à fórmula. Isso só pode significar que a droga está se integrando de maneira inesperada ao metabolismo de meu paciente; a transformação em Hyde está acontecendo de forma espontânea! A questão é: será que Poole tem controle sobre ela, ou tem sido algo inesperado mesmo para ele? Precisamos conversar. Caso Poole esteja se transformando espontaneamente, o assassinato de Sir Danvers pode ter sido algo deliberado. Temo em pensar que isso possa ter algo a ver com minha associação com ele e Lanyon na pesquisa sobre a praga escarlate, embora não consiga atinar para as razões disso. Preciso ter muito cuidado.”

– A morte de Lanyon confirma essa suspeita e a do próprio Jekyll, ao final de tudo. Mas o que teria levado Hyde a essa sequência de crimes? – indaguei.

– Vejamos se descobrimos algum indício – respondeu Utterson em voz baixa, voltando a folhear o diário.

Pouco à frente, Jekyll encontrava-se profundamente assustado. Lanyon o havia procurado em casa e mostrava-se muito preocupado. Desconfiava de que, nas sombras da noite, alguém rondava sua casa. Temia que aquilo tivesse relação com a pesquisa da praga escarlate, e temia que a ampola de sangue caísse em mãos erradas. A notícia da morte de Sir Danvers havia sido a gota d'água. Lanyon trouxe a ampola para Jekyll, cuja residência contava com melhores condições de segurança, e propunha que aquela transferência ficasse em absoluto segredo. Após a saída de Lanyon, Jekyll convocara Poole a sua presença e o interrogara a respeito dos supostos atos de Hyde à margem de seu conhecimento. Mais uma vez Jekyll assistiu, mais apavorado que nunca, a transformação de seu serviçal em Edward Hyde. O monstro o segurou pela garganta e o ameaçou. Ele não sabia como, mas Hyde estava ciente da pesquisa secreta do grupo envolvendo a doença mortal e exigia que parassem com as experiências. Confirmou que havia eliminado Sir Danvers Carew, o mentor do que considerava uma “aberração da pesquisa científica”, e afirmou que iria às últimas consequências para deter Jekyll e Lanyon. Deu-lhe um ultimato para que entregasse a ampola de sangue e retirou-se com uma gargalhada selvagem. Jekyll entrou em pânico. Juntou algumas provisões às pressas e trancou-se no laboratório. Quando Poole batia à porta, chamando-o para fora, Jekyll o ameaçava, afirmando estar armado e disposto a reagir a qualquer tentativa de invasão. “Que Deus me perdoe – terminava ele a anotação – mas desta vez fui longe demais. Eu criei um monstro.”

– Então Poole nos usou para invadir o laboratório. Ele não tinha certeza se Jekyll estava mesmo armado e, ao não encontrar a ampola no laboratório de Lanyon, deduziu que ali seria o verdadeiro esconderijo da amostra.

– E assim que entramos, voltou a se transformar em Hyde e atacou.

– Meu Deus... O tempo todo o culpado era o mordomo.

– Não creio, Enfield. Para mim o pobre Poole foi mais uma vítima da irracionalidade daquele grupo de homens, com tanto conhecimento e tão pouco bom senso. Uma mistura perigosa e explosiva, se me permite dizer.

– Mas uma questão permanece nebulosa: quais os motivos de Hyde ao insurgir-se contra a

pesquisa? Estava sozinho, ou alguém agia por trás dele?

– Os franceses, você quer dizer? – Utterson exibiu um sorriso triste. – Não, dessa vez creio que não. O que posso argumentar, em relação a isso, é que Hyde era a personificação do lado primitivo, selvagem, de Poole. Lembre-se, a natureza inferior é voltada essencialmente para a própria subsistência. A ambição, como parece ter sido o caso de nossos pobres cientistas, é um incentivo poderoso que leva a ações temerárias, mas existe um estímulo que é esmagadoramente superior a ela: a autopreservação. Enquanto Jekyll e seu grupo usavam argumentos racionais, seguindo uma lógica tortuosa para justificar os riscos do que estavam realizando, a alma de Hyde era, em essência, o mais puro instinto de sobrevivência. Ele pressentia, de alguma forma, que a manipulação daquele sangue, se saísse de controle, poderia representar a extinção da vida humana nestas ilhas, quicá no mundo inteiro. E uma fera, ao sentir-se ameaçada, não hesitaria em cometer os atos que Hyde perpetrara.

– Faz sentido, Utterson, mas ainda não atinamos com uma resposta: quem teria contado a Poole a respeito da experiência secreta do grupo e de seu perigo potencial?

– Isso eu temo que jamais saibamos – disse ele, suspirando e fechando o diário. – As anotações terminam aqui.

Utterson ergueu-se solenemente e apanhou, com todo cuidado, a ampola dentro da cartola. Caminhou até a caldeira, cujo calor e brilho dourado agora tomavam todo o ambiente e atirou o vidro com precisão no meio das furiosas chamas. Houve um breve estalo, e nada mais. A seguir, meu primo atirou nas chamas o livro que continha o diário de Jekyll, levantando uma nuvem de fagulhas que se desvaneceu em instantes.

– Por que fez isso, Utterson? Por que destruir o diário?

– A honradez e a busca do bem pontuaram a maior parte da vida de Jekyll e Lanyon. Que a perda dessas vidas seja o preço máximo para os últimos e temerários atos que cometeram. Deixemos que essas páginas tristes se apaguem dessa história definitivamente.

– De acordo – assenti solenemente. – Essa história se encerra aqui.

Despedi-me de Utterson em clima de grande tristeza, mas ao mesmo tempo de alívio. Retornei para casa refletindo sobre quantos monstros ainda se escondem por baixo de ternos bem desenhados e sorrisos benevolentes, na agitada Londres e em todo o mundo. Aquilo, eu tinha certeza, ainda me traria muitos pesadelos.

* * *

Utterson esperou que anoitcesse. Ainda havia algo a ser feito para colocar um ponto final naquela história trágica. O tilbury deixou-o à margem do Tâmesa e ele caminhou a pé os últimos metros até o ponto de encontro. À sua esquerda destacava-se a silhueta magnífica da recém-inaugurada Tower Bridge, nessa noite abençoada por uma rara e magnífica lua cheia. Sozinho, ouvindo a suave e ritmada batida das águas contra as pedras do cais, recordou o momento em que tudo aquilo começou.

No primeiro momento julgou que se tratava de um assalto. Estava saindo do Reform Club naquela noite, quando dois homens corpulentos o cercaram dos dois lados, vindos de trás. Um deles enfiou um saco de pano negro em sua cabeça, e seguraram seus braços firmemente. Ele tentou protestar, mas um minuto depois estava sendo enfiado à força em uma carruagem que parou subitamente diante do grupo. A carruagem arrancou com um solavanco e Utterson, atordoado,

sentiu que estava sentado em um dos bancos de madeira, esmagado entre os dois brutamontes.

– Fique calmo, Mister Utterson, e tudo terminará bem – disse uma voz que vinha do banco em frente. Atônito, Utterson reconheceu na mesma um forte sotaque francês. Fez as únicas perguntas que lhe ocorriam:

– Quem são vocês? O que querem de mim?

– Creio que o senhor já desconfia de quem somos, n'est-ce pas? E estamos aqui para pedir sua ajuda.

– Lamento profundamente, Monsieur. Não sou um traidor.

– Ah, mas nós sabemos disso, Mister Utterson. E sabemos também que é um homem sensato e que ama o seu país. Por isso acreditamos que será sensível a nossas demandas.

– Ah, então são franceses que querem o bem do povo britânico! Parece que, além de tudo o mais, também me tomam por idiota.

– Talvez mude essa impressão e compreenda, depois que me ouvir.

Utterson deu uma sacudida nos braços e as mãos dos dois brutamontes fecharam-se em torno deles como duas prensas.

– Parece que não tenho escolha.

– Pois vamos diretamente ao assunto: o senhor provavelmente não ouviu falar, por tratar-se de um segredo de Estado, mas uma amostra de sangue contaminado chegou recentemente a Londres...

– Sangue contaminado? De quem?

– Oh, de algum pobre diabo qualquer, que certamente jaz em alguma cova rasa no México. O importante não é quem, mas o quê. O sangue traz o germe responsável por uma doença terrível e fatal, chamada popularmente de “praga escarlata”.

– Nunca ouvi falar.

– Poucos ouviram. A doença dizimou algumas cidadezinhas aztecas e aparentemente foi contida. Mas duas amostras de sangue contaminado foram resgatadas pelo seu governo. Uma delas ficou no Outro Mundo, aos cuidados de um médico chamado Trask. A outra foi trazida para Londres por Sir Danvers Carew, que presta serviços muito interessantes ao seu governo.

Utterson ignorou a insinuação sobre Carew, embora para os frequentadores do Reform Club o suposto papel de Carew como agente secreto do governo fosse mais que um simples boato.

– E esse sangue é tão perigoso assim?

– Uma vez contaminado, o indivíduo tem, a rigor, menos de 24 horas de vida. A paralisia dos músculos é acompanhada por um exantema cutâneo e atinge rapidamente os músculos respiratórios e o coração. Uma morte rápida, mas terrível. E não existe cura conhecida.

– Pelos deuses...

– Horrível, não é? Bem, imagine se essa praga escarlata se disseminasse aqui, na Inglaterra. Imagine se o agente contaminante escapasse da amostra que veio para Londres. Afinal, como já deve ter deduzido, o objetivo dessa pesquisa não é outro senão a fabricação de uma arma biológica.

– E vocês sabem onde está essa amostra?

– Mais perto do que o senhor supõe. A amostra foi entregue a dois médicos amigos seus: Henry Jekyll e Hastie Lanyon.

– Isso não pode ser verdade! Eles jamais se envolveriam em algo assim! – Utterson gritou, fazendo menção de levantar-se. Outro puxão dos brutamontes o fez lembrar-se de suas limitações momentâneas.

– O senhor os conhece há anos, Mister Utterson, muitos anos! – falou o francês, em tom irritado – Acredita mesmo nisso?

O inglês permaneceu mudo, as palavras entaladas em sua garganta. Lembrava-se dos excessos e das loucuras juvenis de Jekyll e Lanyon, que não eram muito diferentes das dele mesmo. Conhecia também a irrefreável curiosidade científica dos dois amigos. A questão era: será que, como ele, a dupla haveria mesmo amadurecido o suficiente?

– É claro que eles não aceitaram isso à toa. Pode crer que as promessas de compensação de seu governo foram mais do que proporcionais aos riscos pessoais.

– Ainda que os riscos sejam grandes, confio na responsabilidade e no senso ético de meus amigos. Desculpe, mas não acredito que tenham se envolvido em algo desse gênero sem se assegurarem de todas as garantias e normas de segurança.

– “Responsabilidade”, o senhor diz – o tom do francês era irônico. – Bem, talvez seja o caso de eu lhe dar um exemplo da “responsabilidade” com que agem seus amigos. Tem a ver com uma das compensações oferecidas ao doutor Jekyll...

Uttersson ouviu pela primeira vez, naquele momento, a inacreditável história do projeto pessoal de Jekyll, da aquisição de componentes químicos especiais vindos do Oriente, e o mais aterrador e inacreditável, de como transformara deliberadamente seu mordomo Poole em sua cobaia, sem a consulta e a concordância do mesmo.

– Você não pode estar dizendo a verdade. Eu não acredito...

– É fácil provar, Mister Utterson. Basta que o senhor monte guarda na saída dos fundos da propriedade de Jekyll nas horas da noite. Não será difícil ver a hedionda criatura que ele está gerando em seu laboratório saindo para as ruas, e garanto-lhe que isso não reflete a menor preocupação do bondoso doutor Jekyll com a segurança do amável povo inglês!

– Supondo que seja verdade, o que esperam que eu faça?

– Queremos a ampola com o sangue. A amostra que ficou na América está, infelizmente, além do nosso alcance. Não queremos que seu governo desenvolva uma vacina que proteja os britânicos da praga e sinta-se à vontade para lançar a doença em solo francês.

– Não acredito que fariam uma coisa dessas.

– Nada de hipocrisia, Mister Utterson. Sabemos que o senhor nada tem de ingênuo. A paz que persiste durante essa chamada “Guerra Fria” tem se mantido assim graças ao razoável equilíbrio de forças entre nossos países. Mesmo assim as perdas colaterais são grandes, vitimando pessoas inocentes. Creio que o senhor sabe bem ao que me refiro.

Uttersson trincou os dentes. O francês sabia sobre a morte de seu pai no afundamento do “Príncipe de Gales”. Estava tentando usar isso para comovê-lo, e o que mais odiava era o fato de que não estava conseguindo ficar imune àquelas palavras.

– Se conseguirmos obter uma das ampolas o equilíbrio estará restaurado. Como o senhor é o amigo mais próximo de Jekyll e Lanyon, acreditamos que seja capaz de obtê-la para nós.

– Eu não sou um profissional como vocês...

– Sabemos disso, eis porque está acima de qualquer suspeita. E é inteligente o suficiente para chegar ao objetivo sem levantar desconfianças. Advogados são criaturas ardilosas. Só o advirto de que o tempo é curto. Lanyon e Jekyll estão trabalhando e, se constataremos que terão êxito antes que o senhor os impeça, bem... Compreenda que teremos de ser menos sutis, e que isso pode não ser bom para o senhor, como não será certamente para eles.

Uttersson hesitou. Seria capaz de enfrentar a morte antes de causar o mal a sua pátria e a seus entes queridos. Por outro lado, as acusações contra seus amigos eram terríveis, embora estivessem sendo formuladas por um francês, inimigo do Império Britânico. Sua única certeza era a de que precisava saber mais.

– Preciso verificar melhor o que está dizendo.

– Compreendo perfeitamente. Apenas lembre-se de que estamos lhe dando a oportunidade de

resolver isso com o menor dano possível a seus amigos e, talvez, a seu próprio povo. Não espere demais para dar sua resposta.

– Está bem. E como farei contato?

Naquele momento, Utterson sentiu que a carruagem deteve sua marcha. Ouviu novamente a voz do francês à sua frente:

– Chegamos a um local nas docas. Duas ruas adiante não será difícil encontrar um tilburi que o leve até sua casa. Na varanda, o senhor encontrará uma gaiola com uma ave. É um pombo-correio, treinado para retornar a nossos agentes assim que for libertado. Quando se decidir basta soltar a ave e no mesmo dia venha ter comigo aqui neste exato local, à meia-noite. Compreendeu?

– Perfeitamente.

– Tenha uma boa noite, Mister Utterson. E, por favor, tome a decisão correta.

Da mesma forma bruta como havia sido colocado para dentro da carruagem, os dois homens o jogaram para fora. Utterson rolou no chão molhado e, quando conseguiu ver-se livre do capuz negro, a carruagem já ia longe, dobrando uma esquina na escuridão do cais.

Caminhou a pé por um grande trajeto antes de tomar um tilburi. Tentava digerir o que lhe havia sido dito e não viu diante de si outra escolha além de investigar por si mesmo. Lembrava-se de conversas antigas com Jekyll, em que o médico defendia com fervor a teoria de que o ser humano era composto de uma natureza nobre e outra espúria, que o inclinavam ora para o bem, ora para o mal. Isso combinava com a ideia de que o maldito tolo estudasse uma maneira de testar aquela teoria em seu laboratório. Na varanda de sua casa, Utterson encontrou uma gaiola com um pombo dentro.

Na noite seguinte o advogado montou guarda junto à porta dos fundos da propriedade de Jekyll e foi com decepção e terror que viu, pela primeira vez, a figura deformada de Hyde. Chegou a abordar o estranho homem, e a péssima primeira impressão que teve dele apenas se intensificou. Não se parecia nada com o bom e amável Poole, era uma criatura diferente, uma... coisa! No dia seguinte, ainda sem saber o que fazer, uma coincidência serviu como gota d'água: Jekyll o procurou para registrar seu testamento, onde deixava todos os seus bens para certo Edward Hyde.

Decidido a terminar com aquele absurdo, Utterson começou a elaborar seu plano. Precisava ser cauteloso ao extremo e não se sentia capaz de cumprir a tarefa sozinho. Lembrou-se de que seu primo Enfield, ex-soldado, era grande amigo e admirador de certo Jack Chaney, que servira com ele na Índia. Lembrou-se de que Enfield o apresentara a ele no julgamento de Charlie Lawton, um soldado que se transformara em assassino frio e calculista. No momento em que cumprimentou Chaney, Utterson o reconheceu como o homem que vira alguns minutos antes, ainda durante o julgamento, sentado ao lado de Sir Danvers Carew, em íntima conversa com ele. Talvez fosse a melhor maneira de, sem levantar suspeitas, atualizar Enfield quanto à situação e fazer com que ele o ajudasse, sem colocá-lo em perigo por saber demais. O primeiro passo seria apresentar Enfield à existência de Hyde. Em seguida, confrontando Jekyll pessoalmente com o conhecimento de Enfield, poderia contar ao primo uma mentira decisiva: que o médico confessara a ele que a existência de Hyde era parte de um projeto secreto do governo, destinado a criar uma espécie de supersoldados. O coordenador do projeto seria Sir Danvers. Utterson conhecia muito bem o primo e sabia que esse nome o levaria a se lembrar imediatamente de Chaney. Sendo albiônico, Chaney provavelmente saberia algo sobre a ligação entre Sir Danvers e a pesquisa sobre a praga escarlate. Mesmo que não soubesse, talvez confirmasse para o soldado a relação entre Carew e Jekyll. Em último caso, apenas deixaria em Enfield uma forte sensação de que havia mesmo uma terrível conspiração em andamento. Isso era tudo de que Utterson precisava para forçar uma invasão da dupla no laboratório de Jekyll, onde poderia encontrar a terrível ampola de sangue. Não sabia se era um bom plano, mas era o melhor que conseguia conceber em

tempo tão escasso.

No domingo seguinte, em sua caminhada habitual com o primo, Utterson introduziu a conversa sobre as duas naturezas do homem, enquanto direcionava a caminhada sutilmente na direção da rua que passava atrás da casa de Jekyll. Seu plano caminhava com a precisão de um relógio, quando um fato inesperado virou tudo do avesso: o assassinato de Sir Danvers por Hyde. Aquilo exasperou o advogado, que se viu na necessidade de acelerar as coisas. Naquela mesma noite conduziu Enfield a sua casa e revelou-lhe o conteúdo do testamento de Jekyll. Combinaram a visita ao médico na manhã seguinte. Deixando Enfield com Poole, que para uma pessoa desavisada nada parecia ter a ver com toda aquela trama, Utterson confrontou inutilmente Jekyll a respeito de Hyde. Frustrado com o silêncio impenetrável do amigo, de quem esperara maior confiança, decidiu prosseguir com seu plano e recorrer a Jack Chaney, que tentariam encontrar no Reform Club na noite seguinte.

Naquele mesmo dia, entretanto, Utterson libertou o pombo-correio deixado pelos franceses em sua porta. À meia-noite em ponto esperou pela carruagem do misterioso francês junto ao cais, à beira do Tâmesa. Quando o veículo parou perto dele, um dos brutamontes da outra noite desceu e cobriu sua cabeça com o capuz negro, que impedia toda visão. Dessa vez a entrada na carruagem foi mais suave, por ter sido voluntária.

– Fico feliz que tenha se decidido rapidamente, Mister Utterson – disse logo o francês, sem perder tempo com cumprimentos.

– Hyde assassinou Sir Danvers. O que você sabe a respeito disso? – respondeu, com fúria na voz. Sentiu que a mão do gorila ao seu lado aumentava a força do aperto.

– Compreenda que não estamos brincando. Da mesma forma que recrutamos o senhor para uma missão, nossos líderes optaram por abrir outra frente de ação, contando com um possível fracasso ou discordância de sua parte.

– Você se comprometeu a me dar um tempo...

– Para se decidir sobre sua própria participação no caso. A ação de Hyde nada tem a ver com isso. Procuramos o pobre Mister Poole e lhe oferecemos uma cura para o mal que seu traçoiro patrão lhe causou. Obviamente lhe explicamos as potenciais atrocidades em que Jekyll, Lanyon e Carew estão envolvidos. Nós o convencemos, como fizemos com o senhor, de que aqueles supostos cientistas têm tanta consideração com a vida humana como tiveram para com ele. O homem sentiu os efeitos disso na carne, Mister Utterson, entenda que convencê-lo foi muito mais fácil.

– Você ordenou a morte de Sir Danvers!

– Não exatamente. Tudo que ele tinha de fazer era parar a pesquisa com o sangue contaminado e, se possível, obter a ampola para nós. A forma como faria isso... bem, deixamos a cargo de Poole, ou melhor dizendo, de Mister Hyde.

– Vocês, bastardos comedores de rãs, não são melhores que aqueles homens!

– Nem piores, meu caro. Daí resulta o equilíbrio que impede que nossos países destruam um ao outro, compreende? Bem, veja pelo lado bom: você ainda tem tempo para salvar seus amigos. A ampola tem que estar com Lanyon ou com Jekyll. Creio que nem Hyde ainda sabe sua localização. Seja rápido, e me comprometo a conter a fúria vingativa do mordomo, que a propósito foi armada por seu próprio patrão, não pelos odiados franceses.

– Uma última coisa a esse respeito: vocês podem mesmo impedir de forma definitiva as transformações de Poole? Podem curá-lo, como prometeram?

O francês riu brevemente.

– Isso é informação privilegiada, Mister Utterson. Lamento que o senhor ainda não esteja credenciado junto a nosso gabinete para ter esse tipo de conhecimento. Tenha uma boa noite e um bom trabalho.

Como da vez anterior Utterson foi atirado para fora da carruagem, que partiu em alta velocidade. Ao chegar à sua casa, uma nova gaiola com um pombo o esperava diante da porta.

A etapa seguinte do plano correu maravilhosamente bem. Provavelmente a morte de Sir Danvers contribuiu para melhorar sensivelmente a disposição de Jack Chaney para falar, e assim ele deu a Enfield todas as informações de que precisava para introduzir o ex-comandado de corpo e alma na cruzada secreta de Utterson, sem levantar a menor suspeita de que este há muito tempo já sabia do que ocorria nos bastidores do complô. Mas Chaney, inadvertidamente, acrescentara uma informação valiosa de que Utterson não dispunha: Trask, o médico da América que participava da pesquisa, estava morto. Possivelmente vítima de um acidente ao manipular sangue contaminado pela praga, o que reforçava o perigo de que o francês o advertira. Porém, o mais importante era que, ao que tudo indicava, só restava uma ampola de sangue disponível para fabricação de armas biológicas. Colocá-la nas mãos dos franceses não consistia mais em um ato para reequilibrar forças, mas simplesmente em um ato de traição que daria poder ao inimigo contra a Inglaterra. Utterson renovou sua disposição em obter a posse daquela amostra, mas com outros fins. Para tanto, propôs a Enfield que visitassem Lanyon logo pela manhã do dia seguinte. Intimamente Utterson nutria a esperança, pelo que conhecia do amigo, de que ele fosse mais sensível que Jekyll aos apelos da razão e aos argumentos que tinha a oferecer. Infelizmente Hyde adiantou-se a eles, e não conseguiram chegar a tempo de salvar a vida do pobre médico.

Quando Newcomen entrou em cena, Utterson sentiu a pressão aumentar em torno de si. Não era militar, não era um espião treinado. Esconder coisas da Scotland Yard o deixava, como é bem compreensível, muito nervoso. Apesar disso, enquanto Enfield se recobrava da luta contra Hyde, deu ao inspetor a menor quantidade de informações necessárias para não levantar suspeitas. Porém, quando Enfield finalmente foi interrogado por Newcomen, Utterson sentiu que o problema estava saindo de controle. Decidiu mandar tudo às favas e trabalhar em conjunto com a polícia para tentar salvar a vida de Jekyll, já que pelo pobre Lanyon ele nada mais poderia fazer.

Na casa de Jekyll, com o apoio da Scotland Yard, Utterson sentiu-se mais seguro para tentar conversar diretamente com Jekyll. A coisa chegara a um ponto em que ele duvidava que o amigo resistisse à pressão. Chegando à mansão, rapidamente constatou que Poole já rondava o laboratório do patrão como um tubarão faminto. Mas se ele, Enfield e a polícia conseguissem chegar a Jekyll antes de Hyde, poderiam protegê-lo. Ele não sabia, porém, que Poole não necessitava mais ingerir a fórmula para se transformar em Hyde. Por isso acabaram sendo pegos de surpresa pelo mordomo transformado em monstro. No último instante, quase por milagre, Utterson foi capaz de resgatar a ampola de sangue atirada por Jekyll e escondê-la da polícia, para que pudesse concretizar seu novo objetivo: destruir aquela amostra diabólica definitivamente.

As recordações à margem das águas escuras do Tâmesa foram interrompidas pela chegada de uma carruagem negra. Era o momento de prestar as contas finais a seus associados indesejáveis. Quando a porta se abriu, o musculoso capanga colocou a carranca para fora, e com um sorriso irônico estendeu uma mão em direção a Utterson, entregando-lhe um capuz negro que o inglês prontamente colocou sobre a cabeça. Foi guiado para dentro da boleia e sentado no mesmo local de sempre. Ficou em silêncio até que o misterioso francês iniciasse o diálogo:

- As coisas andaram movimentadas, Mister Utterson. Sinceramente, lamento por seus amigos.
- Não, você não lamenta. Da mesma forma que eu não lamento a perspectiva de ficar definitivamente livre dos senhores, de uma forma ou de outra.
- Não se preocupe – ri o francês, em tom surpreso –, o senhor atuou com muita competência, apesar de tudo. Não temos nenhuma intenção, até o presente momento, de fazer-lhe nenhum mal.
- Muito bem, e ainda há algo que esperam de mim?
- A ampola, Mister Utterson. Queremos saber notícias da ampola de sangue que o senhor

deveria localizar e apreender.

Utterson respirou fundo antes de responder:

– Ela não existe mais, Monsieur. Nos momentos finais, quando Jekyll viu-se encurralado por Hyde dentro do laboratório, optou por destruir a amostra ante a perspectiva de vê-la nas mãos do monstro que ele criou.

O silêncio preencheu a carruagem por alguns instantes, quando era possível ouvir o barulho suave das águas do Tâmsa contra as pedras.

– Isso é mesmo lamentável, Mister Utterson. Supondo, é claro, que o senhor esteja dizendo a verdade.

– E por que eu mentiria, se me permite? – Utterson deu de ombros – Não tenha dúvidas de que em nenhum momento agradou-me a perspectiva de ter em minhas mãos o perigo que aquela amostra representava. Devo confessar que, apesar de suas expectativas, para mim foi um verdadeiro alívio constatar que ela não mais existe, seja nas mãos do governo britânico, seja em poder da França. Temo que os senhores tenham de concentrar seus esforços para obterem a amostra que restou na América, se forem capazes.

Outra pausa, durante a qual o francês parecia ponderar sobre o que acabava de ouvir. Utterson agradeceu aos deuses por estar usando o capuz, de maneira que não precisava enfrentar seu olhar. Quando voltou a falar, o misterioso personagem parecia mais relaxado:

– Então temo que nossos negócios estejam encerrados. Apesar de tudo, agradecemos por seus esforços. E não tenha dúvidas de que, pessoalmente, lamentamos o que essa aventura lhe custou.

– É o fardo com que serei obrigado a viver daqui por diante.

– Tenha uma vida feliz, Mister Utterson. Apenas não se esqueça: a “Grande France” tem olhos por toda parte. E mãos também. Procure manter-se longe da política internacional, se puder.

– É o que pretendo, Monsieur, caso me permitam.

A porta da boleia se abriu, e dessa vez foi permitido que Utterson desembarcasse sobre as próprias pernas. Ele esperou imóvel que a carruagem se afastasse antes de remover o capuz, e encarou a bela lua no céu. Quanta miséria, quanto horror neste mundo ela era obrigada a presenciar!

Dentro da carruagem, que já ia longe, o misterioso francês perdeu inteiramente o sotaque quando agradeceu a seus dois auxiliares musculosos e, depositando o pagamento devido em suas mãos, deixou-os em algum lugar no cais do porto. Em seguida retirou do bolso do paletó uma luxuosa cigarreira de madrepérola, da qual extraiu e acendeu um cigarro. Se houvesse alguma testemunha, ela poderia perceber na tampa da cigarreira o emblema do Ministério das Relações Exteriores.

Na margem do Tâmsa, Utterson caminhava devagar ao longo dos ancoradouros. Em poucos dias, por melhores que fossem suas intenções diante das circunstâncias, havia assistido a morte de dois de seus melhores amigos, e tinha sido obrigado a mentir e manipular o terceiro deles. O fato de ter destruído a amostra de sangue contaminado e o diário que continha todas as anotações acerca do experimento que dera origem a Edward Hyde, sepultando para sempre a chance de que fosse reproduzido, não lhe servia de conforto. Sob a luz de um lampião Utterson observou a sombra que seu corpo projetava sobre as águas turvas abaixo. O movimento das pequenas ondas contra as pedras do ancoradouro provocava um efeito estranho: a sombra que Utterson projetava parecia-lhe ser a sombra de um monstro.

Demo version limitation, this page not show up.

Demo version limitation, this page not show up.



Quando você é um agente duplo, precisa aprender a conviver com algumas situações desagradáveis. Alguns sentimentos, por exemplo. O primeiro é a culpa; não é fácil agir furtivamente contra o país que considera sua pátria. No meu caso, a Inglaterra, onde nasci. É preciso estar constantemente passando em revista os vários motivos que o levam a agir em favor do inimigo para conseguir ir adiante, e convencer-se deles muitas vezes é difícil. Além disso, existe o medo e a vergonha diante da simples perspectiva de ser descoberto por seus compatriotas. Por outro lado, ao mesmo tempo em que procuro me convencer da nobreza de minhas intenções no momento em que vendi secretamente meus serviços à França, apoiado precariamente nos ombros muitas vezes sólidos das coisas desprezíveis que vi e vivenciei, não há como evitar a baixa autoestima e ignorar o desapontamento pelo desprezo e pelo desdém no fundo dos olhos daqueles que você serve secretamente. Afinal, antes de qualquer outra coisa você é um traidor, e é um nativo de um país inimigo, e eles não conseguem deixar de cogitar se, uma vez traidor, você não vai fazer de novo. Se isso uma vez serviu para salvar minha vida e dar origem à existência dupla que eu hoje levo, ironicamente é um fardo que sou obrigado a carregar em dias perigosos e noites insones.

Todos aqueles sentimentos engalfinhavam-se em minha alma no momento em que cruzei a soleira da porta e o grupo de homens levantou-se em sinal de respeito; respeito a mim, o agente duplo. Eu ainda não sabia por que havia sido convocado com tanta urgência, mas sabia muito bem quem eram os homens que me aguardavam. A presença inesperada de um deles, em particular, era a mais intimidadora.

– *Mister Prendick...*

A melodiosa voz de tenor de Dupin era inconfundível. Ele fez um gesto para que eu me

acomodasse na cadeira vaga à sua esquerda. Obedeci, inconscientemente retirando o lenço do bolso do colete para enxugar as gotículas que brotavam de minha testa.

C. Auguste Dupin, acomodado à cabeceira da grande mesa oval, era o chefe do Serviço Secreto francês e meu superior hierárquico máximo naquele lado sombrio da muralha da Guerra Fria onde eu há meses me aventurava. À direita dele, sentado exatamente diante de mim, estava um homem que, ainda que eu nunca houvesse encontrado pessoalmente, era de reconhecimento obrigatório por qualquer agente do Serviço Secreto inglês, no qual eu obviamente também militava: o Professor Aronnax, eminente naturalista francês, conhecido como um dos homens-chave da elite científica que prestava serviços ao governo da *Grande France*.

Ao seu lado, um jovem loiro de constituição robusta, que foi-me apresentado como Axel Lidenbrock, agente de contato com o Serviço Secreto prussiano. Eu já ouvira sobre suas habilidades como brilhante estrategista, e seus ousados planos de atingir o território britânico através de um suposto túnel escavado por baixo do Canal da Mancha.

Do meu lado direito sentava-se outra figura publicamente conhecida, o cientista Félix Nadar, especialista em navegação aérea e balonismo, grande adversário do Comandante Robur, o estadunidense que comandava a frota das temíveis fortalezas voadoras que assolavam o Atlântico sob a bandeira britânica.

Diante dele, outro personagem que eu desconhecia. Sua constituição física superava em força a do agente Lidenbrock, e os calos em suas mãos volumosas atestavam um passado de trabalho duro. A cabeleira vasta e desgrenhada, associada à barba e ao nariz grande e achatado, faziam lembrar a carranca de um leão. No entanto, retribui meu olhar desconfiado com um amplo sorriso, quase infantil. Naquele momento só me foi anunciado seu nome: Michel Ardan.

Entretanto, o homem que mais me fazia inflamarem os nervos estava sentado na cabeceira oposta da mesa, apoiado sobre um cotovelo e com o olhar, ainda que encoberto pelas vastas sobrancelhas, aparentemente perdido em algum mundo inescrutável além do canto da sala. De sua silhueta inconfundível destacava-se a calva coroada por uma faixa de cabelos brancos e a espessa barba, também grisalha, que havia ostentado durante a maior parte da vida. Era ele em pessoa, o todo-poderoso Ministro da Ciência Jules Verne, um dos homens mais brilhantes do século e o maior responsável por tornar o Império Francês um doloroso osso de peixe na garganta de seus nêmeses britânicos. Fiquei por alguns segundos fitando discretamente aquele homem que era quase uma lenda, e que parecia pairar naquele canto da mesa como uma nuvem de fumaça sobrenatural, um espectro de outra dimensão; definitivamente, como alguém que estivesse acima de todos nós e alheio às preocupações mundanas que nos assolavam. Foi o único que continuou sentado quando entrei no recinto, seu perfil esquerdo voltado para o centro da mesa, aparentando uma inquietante displicência, e não moveu um músculo sequer enquanto Dupin me apresentava aos demais.

O comandante francês saudou-me com sua polidez habitual:

– Espero que sua viagem tenha sido sem contratempos.

Confirmei o que ele de fato queria saber: consegui viajar incógnito da Inglaterra à França, sem levantar suspeitas. Dupin prosseguiu, após dirigir um rápido olhar em torno da mesa:

– Indo diretamente ao ponto, *Mister* Prendick, o senhor foi convocado para esta reunião por ser o homem mais indicado, de acordo com a opinião da maioria, para uma missão de capital importância para o Império Francês...

Permaneci em silêncio durante a pausa, embora cada vez mais curioso. O que veio a seguir foi uma pergunta:

– O senhor já ouviu falar de um homem chamado Impey Barbicane?

Estreitei os olhos, buscando fundo na memória, mas tive que me render:

– Lamento dizer que não, senhor.

– Talvez tenha conhecimento de uma associação denominada “Clube do Canhão”?...

– Ah, sim! – recordei – Uma das agremiações exóticas dos cidadãos dos Estados Unidos da América. Mantiveram um status considerável nos conflitos entre franceses e ingleses nos meados do século, quando o clube foi fundado, fornecendo armamento para o Império Britânico. Se não me engano, os chamados “Anjos Exterminadores” encontram-se ainda profundamente envolvidos na interminável guerra brasileira, entre as forças ibéricas de invasão e os defensores aztecas e maias...

– Precisamente. Ocorre que o mencionado *Mister* Barbicane é ninguém menos que o presidente do Clube do Canhão, com sede em Baltimore, nos Estados Unidos. As únicas preocupações dessa sociedade, desde sua fundação, têm sido a destruição da humanidade – com um objetivo “filantrópico”, é claro – e o aperfeiçoamento das armas de guerra, formidáveis instrumentos de civilização, especialmente quando suas bocas de fogo encontram-se voltadas na direção das cidades francesas.

Não sei se ele esperava alguma reação à ácida ironia, mas permaneci impassível.

– A verdade é que o envolvimento do Clube do Canhão tem sido surpreendido em ocorrências, digamos, “não oficiais”, como nas escaramuças armadas jamais admitidas na ampla fronteira entre os Estados Unidos e Nova Albion.

Dupin fez uma pausa, e enquanto alisava o próprio bigode lançou um olhar furtivo, primeiro para Aronnax, e depois para o ministro Verne. Prosseguiu em tom mais grave:

– O que ocorre, *Mister* Prendick, é que nossos agentes infiltrados no Império Britânico nos brindaram recentemente com notícias no mínimo alarmantes a respeito de uma surpreendente mudança de rumos nas atividades, antes tão truculentas, do famigerado clube. De acordo com elas, o Clube do Canhão estaria colaborando com o governo inglês nos preparativos para uma missão tripulada à Lua.

Ele interrompeu seu discurso observando minha reação, que não poderia ser diferente das mais honestas surpresa e incredulidade. Olhei para cada um dos presentes, mas ninguém demonstrava estar surpreso como eu: Aronnax parecia entretido com alguma coisa minúscula e invisível que teria descoberto sobre o tampo da mesa; Lidenbrocke e Nadar me examinavam com as sobrancelhas arqueadas, o primeiro sem conseguir evitar um meio sorriso irônico; o tal Ardan cruzou os braços e recostou-se na cadeira, abrindo mais um daqueles sorrisos francos e inquietantes; Verne permanecia imóvel, uma estátua de perfil que eu começava a me perguntar se estaria mesmo viva. Dupin interrompeu minha estupefação:

– O senhor certamente ainda não havia ouvido nada a esse respeito...

– Com toda franqueza, há muito tempo não ouvia algo que me parecesse mais despropositado, coronel. Se não bastasse a impossibilidade técnica que a ideia aparenta carregar desde sua concepção, não consigo perceber o proveito que algo assim poderia trazer ao Império Britânico. Por que alguém desejaria viajar até a Lua?

– Porque ela está lá, *Mister* Prendick – Todos se voltaram para o dono da voz de trovão, o

misterioso Michel Ardan, que me fitava com um olhar penetrante. – Muito me surpreende que o senhor, sendo inglês, não considere isso motivo suficiente.

– Franceses como Jean Baudoin e Bernard Fontenelle também trataram desse tema, *Monsieur Ardan* – retruquei – mas tiveram a sensatez de manter o assunto no campo da ficção...

– Mas não podemos esquecer que foi outro grande francês, Cyrano de Bergerac, quem escreveu: “A Lua é um mundo como este, ao qual o nosso serve de lua”. Ou seja, assim como a Terra, a loira Febe está lá – apontou um dedo calejado para cima, – virgem, bela e ansiosa para ser conquistada.

Naquele momento, do outro lado da mesa, Aronnax pigarreou. Estava claro que tinha algo a dizer, porém olhou antes para Dupin de maneira inquisitiva. Este o encorajou com um aceno de cabeça quase imperceptível, e então o cientista disse:

– Quanto à viabilidade técnica, *Mister Prendick*, não há motivos para mostrar-se tão pessimista. Nossos agentes apuraram dados valiosos relativos aos planos do Clube do Canhão, que foram complementados por nossa própria pesquisa, e revistos pelo ministro Verne...

Aronnax mencionara o nome do ministro em tom de absoluta veneração, e esperou um segundo para certificar-se de que o homem não teria nada a dizer. Como ele permanecesse na habitual imobilidade, como se sequer estivesse ouvindo a conversa, prosseguiu:

– De acordo com nossos cálculos, estando o satélite no perigeu, que seria a menor distância entre ele e a Terra, correspondente a 481.000 quilômetros, qualquer projétil dotado de uma velocidade inicial de 11.000 metros por segundo necessariamente alcançará a Lua.

– Pois muito bem, estou certo de que os senhores fazem uma boa ideia do tamanho da arma que seria capaz de impulsionar um projétil a essa velocidade. Isso sem falar no tamanho e peso do tal projétil, uma vez que estamos falando de uma viagem tripulada!

– Na verdade fazemos uma ideia bastante exata – intercedeu Nadar, com uma ponta de orgulho na voz – Tal canhão deverá ter 270 metros de comprimento, diâmetro interno de 3 metros e paredes com 1 metro e 80 centímetros de espessura. Por questões de segurança e viabilidade econômica, teria que ser forjado com ferro fundido, resultando em uma formidável arma com o peso total de 68.040 toneladas.

Lidenbrock emitiu um fino e prolongado assovio. Ainda não estava a par daqueles dados assustadores. Nadar ignorou a manifestação e continuou:

– Quanto ao projétil, a melhor opção por razões de aerodinâmica seria o formato cilindrocônico, e deveria ter cerca de 3 metros de diâmetro. Pesaria por volta de nove toneladas.

– Devo confessar que estou absolutamente atônito e igualmente impressionado com o que dizem, senhores – confessei, – mas principalmente por perceber que tudo isso é um assunto sério. Entretanto, apesar da ignorância dos assuntos científicos que me provoca tamanho espanto diante da ideia, conheço o suficiente de armas de fogo para opor ainda uma objeção à viabilidade desse projeto audacioso: a quantidade de pólvora necessária para impulsionar tal projétil à velocidade requerida, em uma arma dessa envergadura, me parece algo não apenas perigoso, mas simplesmente proibitivo!

– Nesse ponto o senhor está coberto de razão. Para um resultado seguro seriam necessárias cerca de 726 toneladas de pólvora...

Não consegui reprimir uma breve risada de descrença, mas Nadar parecia já estar esperando por isso. Prosseguiu sem sequer pestanejar:

– A não ser que contássemos com uma solução alternativa...

Olhou para Aronnax, devolvendo-lhe a palavra. Este recebeu a incumbência sem ressalvas:

– Em outras circunstâncias, *Mister Prendick*, sendo o senhor um agente britânico eu jamais poderia revelar o que direi a seguir, pois se trata de uma das mais espetaculares invenções francesas nestes tempos de conflito; porém, lamentavelmente, nesse palco inseguro em que se transformou o mundo, a espionagem funciona para todos os lados. Não fomos capazes de capturar os espiões ingleses que roubaram nosso segredo antes que repassassem a informação, portanto já sabemos que os britânicos também já possuem a fórmula da piroxila.

– Piroxila? – indaguei, meneando a cabeça em confissão de ignorância.

– Também chamada de “algodão-pólvora”. O algodão, combinado a frio com ácido nítrico, transforma-se em uma substância insolúvel, altamente combustível e explosiva. É capaz de imprimir aos projéteis uma velocidade quatro vezes maior do que a da pólvora. Além disso, acrescentando a ela uma parte de seu peso em nitrato de potássio, seu poder de expansão ainda aumenta consideravelmente.

– Onde seriam necessárias 726 toneladas de pólvora – voltou a interromper Nadar, – bastariam 181 toneladas de piroxila. Sim, sabermos que ainda assim não é pouco, mas acredite: dessa maneira o projeto se torna perfeitamente viável.

Houve um momento de silêncio, quando todos me fitavam em expectativa. Era minha vez de fazer a pergunta que estavam esperando. Não precisei refletir muito para descobrir qual era:

– Então, ao que parece, a coisa é mesmo séria. O que nos traz ao ponto: por que é que os senhores estão me relatando tudo isso? O que esperam de mim?

O grupo trocou olhares satisfeitos, demonstrando que a reunião tomava o rumo planejado. Foi Aronnax quem retomou a palavra:

– Existe uma questão fundamental em relação à viabilidade desse projeto, *Mister Prendick*, que teoricamente deveria estar trazendo uma dificuldade capital para as pretensões britânicas...

O cientista baixou a mão para algum lugar oculto e retornou com um rolo de papel amarelado. Esticou-o sobre a mesa e, enquanto Nadar ajudava a fixar uma das pontas do pergaminho, vi abrir-se diante de mim uma representação do mapa-múndi, as possessões de cada bloco de poder marcadas em cores diversas. Toda a Europa até a fronteira com a Rússia, além dos países nórdicos e algumas regiões no norte da África e no litoral atlântico da América do Sul, estavam marcadas em azul, simbolizando as possessões da *Grande France*. Excetuava-se obviamente a Grã-Bretanha. A Rússia, aliada até certo ponto relutante dos franceses, era simbolizada por uma enorme mancha cinzenta. Com exceção de uma miríade de cores nos continentes africano e asiático meridional, além dos herméticos e xenófobos reinos do Oriente, o restante do mundo era assustadoramente vermelho. Era a cor do Império Britânico, onde se dizia, com muito orgulho por parte do meu povo, que o sol jamais se punha. A situação era no mínimo curiosa: o Império Francês parecia um monstro azul prestes a abocanhar o pequeno morango vermelho da Grã-Bretanha; entretanto, o monstro se transformava em um pequeno camundongo azul cercado de todos os lados pelo verdadeiro monstro vermelho, ocupando a maioria das porções de terra do planeta.

Aronnax prosseguiu com a explicação:

– Para que todos os cálculos que descrevemos possam dar o resultado esperado, existe uma condição: o canhão precisa realizar seu disparo em uma posição perpendicular à superfície

terrestre, o que só pode ser obtido se estiver localizado entre zero e 28 graus de latitude, norte ou sul. Como o senhor pode observar, apesar da extensão das possessões britânicas no mundo, suas opções nessa faixa são relativamente limitadas.

Debrucei sobre o mapa e examinei as terras dentro dos limites mencionados. Com efeito, a Europa inteira encontrava-se fora da área de exigência, e a Grã-Bretanha mais ainda. Havia possessões britânicas viáveis no norte africano. Entretanto, a célebre instabilidade política daqueles territórios e a proximidade de outras pequenas regiões de litígio dominadas pelos franceses tornariam o empreendimento excessivamente arriscado se colocado em prática na região. A maior parte da América do Sul, excetuando-se pontos isolados onde floresciam as civilizações azteca e maia, era coberta pela natureza em estado selvagem, exceto na parte oriental, na fronteira com o Brasil dos ibéricos, que ia pouco além do antigo e pretensioso Tratado de Tordesilhas, onde aqueles aliados dos franceses travavam uma sangrenta e incansável guerra contra o Império Azteca, na tentativa de embrenhar-se continente adentro. Também não seria um local seguro para a instalação do canhão lunar. Igualmente distante e selvagem seria a Austrália, que também descartei de imediato. Grande parte dos navios de suprimentos e recursos humanos enviados para lá vinham sofrendo “acidentes” no trajeto ao longo da costa africana ou além dela. Falava-se em uma espécie de bloqueio empreendido pelos demoníacos submersíveis franceses.

Observei a América do Norte; no México, uma estrela marcava a posição de Tenochtitlan, a poderosa capital do Império Azteca, braço direito de Londres na conquista do planeta. O restante do continente era dividido ao meio por uma longa linha vertical, dividindo as chamadas “Nações de Janus”: os Estados Unidos, a face voltada para o oceano Atlântico, e Nova Albion, banhada pelo Pacífico. O primeiro havia sido colonizado por imigrantes britânicos, o segundo por uma miscigenação de aztecas e indígenas nativos. A longa fronteira, como já salientara Dupin, era uma região de violentas disputas entre dois povos que não se entendiam, mas viam-se obrigados a conviver razoavelmente em paz por estarem ambos obrigados a servir à Coroa Britânica. Apesar disso havia uma pequena porção de terra, no extremo sul dos Estados Unidos, localizada abaixo do paralelo 28. Apontei para esse local como hipotética opção para a instalação da arma, assim como todo o território mexicano, que me parecia a opção mais adequada. Isso era questão a ser respondida por Lidenbrock, o estrategista, com seu carregado sotaque prussiano:

– Procure se colocar no lugar de um inglês, *Mister Prendick*. Creio que conseguirá fazê-lo com certa facilidade...

Ele olhou ao redor, deixando clara a tentativa de fazer humor. Ninguém pareceu ter achado graça, mas ele não se importou nem um pouco com isso. Prosseguiu:

– Com o passar do tempo o Império Britânico tem ficado cada vez mais famoso pela sua brutalidade, inclusive no tratamento condenável que costuma dispensar a seus prisioneiros. Sabemos que isso é uma herança de sua prolongada associação com os selvagens aztecas, cuja presença entre as fileiras dos exércitos britânicos já tornou a violência uma rotina jamais questionada, tal é a maneira agressiva com que aqueles bárbaros emplumados se comportam em relação a seus inimigos. Por outro lado, o Império Francês cresceu formando alianças; não vamos discutir aqui se alguma vez os franceses se aproveitaram do terror dos povos ameaçados pelo potencial invasor inglês ou azteca. A imagem mundial da França é a de um império civilizado. Para aumentar ainda mais essa impressão, a França nomeia como seu Ministro da

Ciência ninguém menos que o honorável Jules Verne, aqui presente, que com suas ideias fez aumentar em escala vertiginosa a qualidade de vida nas possessões da *Grande France*, e que promete ainda muito mais.

O prussiano olhou para o velho ministro em busca de algum sinal de simpatia, mas viu-se frustrado completamente. Assim ele não teve outro remédio senão continuar se dirigindo à minha pessoa.

– É sintomático que, tentando equilibrar essa balança, os britânicos hajam nomeado também um gênio como seu próprio Ministro da Ciência. A fama do ministro Herbert George Wells o precede, não julgo necessário ficarmos exaltando as concepções que ele introduziu para melhorar a vida e a autoestima do cidadão britânico. Mas todos sabem, dos dois lados do Canal da Mancha, que ainda falta algo para que Wells seja de fato consagrado, e saia da sombra do gigante Verne. Eis porque, *Mister Prendick*, a conquista da Lua precisa ser um feito inquestionavelmente britânico! Mas como isso seria possível? Como permitir que o cidadão de Londres vibre e se inflame com uma realização que não lhe pareça apenas outra dessas histórias mal contadas que perdem sua credibilidade no tortuoso trajeto entre as colônias e a Metrópole? Ora, o projétil carregando em seu bojo os conquistadores da Lua precisa decolar do território da Grã-Bretanha! O inglês comum precisa avistar seu rastro de fogo e ouvir o estampido do lançamento, levando a glória da Rainha para além do planeta!

– Concordo com sua análise psicológica da situação, *Herr Lidenbrock*, porém as dificuldades técnicas para tal realização ainda me parecem intransponíveis.

– É fácil encontrar os motivos para descartar os Estados Unidos como local de lançamento: Nova Albion jamais aceitaria essa afronta, tal o grau de rivalidade entre as duas nações irmãs. Tudo que os ingleses não precisam hoje é de um recrudescimento das animosidades naquele país de índios. É óbvio que a solução mais fácil seria lançar o projétil do território mexicano. Eu diria mais, a proverbial susceptibilidade dos filhos de Quetzalcoatl poderia fazer estremecer laços de união historicamente tão caros, se percebessem que os britânicos estariam desprezando as evidentes vantagens de se levar a cabo o projeto em território azteca por uma simples questão de vaidade e prepotência inglesas.

– Os britânicos têm sido engenhosos – interveio Dupin – louvando a bravura de seus aliados aztecas, para assim colocá-los em maioria entre os soldados das suas tropas de infantaria nas regiões de conflito mais sangrentas, obviamente comandados por oficiais ingleses na retaguarda. “Bucha de canhão”, para dizer a verdade. Exaltar assim a vaidade desses indígenas poderia tornar-se um tiro pela culatra, se agora os britânicos decidissem negligenciar as óbvias vantagens geográficas para negar o sítio de lançamento ao Império Azteca.

– Imagine então – continuou Lidenbrock – que a Rainha decida “adoçar a boca” de Moctezuma III. Como? Bem, o projétil será lançado de solo inglês, mas levará em seu bojo uma tripulação azteca! Isso daria ao empreendimento a aparência de uma ação conjunta entre as duas principais forças do Império Britânico. Mais ainda, apareceria aos olhos dos aztecas como uma distinção e uma prova de confiança. Claro que o comandante da missão deverá ser um inglês legítimo, mas para viagem tão arriscada, nada como preencher o restante do espaço do projétil com, como bem destacou *Monsieur Dupin*, “bucha de canhão”.

– Sua análise continua bastante plausível, mas ainda não atinei com sua solução para um grave obstáculo para o sucesso dos planos que o senhor descreve: a barreira do paralelo 28. A distância

entre as ilhas britânicas e o equador, pelo que os senhores descreveram, simplesmente inviabilizaria o projeto.

Um silêncio mais tenso preencheu o ambiente como uma nuvem escura. Como presidente daquele encontro, Dupin decidiu assumir a responsabilidade de tocar em um ponto delicado.

– Talvez, *Mister Prendick*, o senhor já tenha ouvido falar em um cientista chamado Cavor.

– Já li algo a seu respeito nos periódicos ingleses, mas não me recordo do que se tratava...

– Certamente nada relacionado às últimas informações que reunimos a respeito desse homem, que trabalha estreitamente vinculado à máquina de guerra britânica. De acordo com rumores recolhidos por nossos agentes em território inglês, Cavor teria sido capaz de um feito espantoso: a criação de uma liga metálica permeável à força da gravidade, que o homem modestamente teria denominado “cavorita”.

Balancei a cabeça, sem compreender.

– O senhor disse “permeável à força da gravidade”? O que isso quer dizer?

– Veja bem – interveio Aronnax em socorro do comandante, – existem várias formas de energia radiante: a luz, o calor, a radiatividade, a gravidade. Quase todas as substâncias têm algum grau de “permeabilidade”, digamos assim, a essas formas de energia. O vidro, por exemplo, é bastante permeável à luz, que o atravessa com facilidade, mas retém o calor, demonstrando uma impermeabilidade relativa. Portanto, uma substância permeável à gravidade seria aquela que a força de atração atravessa livremente sem exercer qualquer efeito sobre ela. Usando outra metáfora cientificamente incorreta, mas esclarecedora para leigos, é como se a tal cavorita fosse total ou parcialmente “invisível” para a força da gravidade, que tem um efeito diminuído ou nulo sobre ela.

– Se ainda não o fiz com adequada suficiência, volto a destacar que meus conhecimentos científicos estão muito aquém relativamente aos dos senhores. Apesar disso, me parece que tal substância não pode existir...

– O fato é que registamos um estranho incidente em uma localidade próxima a Canterbury – voltou a relatar Dupin, – uma explosão que a imprensa atribuiu a um suposto “ciclone”, ainda que as condições climáticas daquele dia praticamente inviabilizassem essa hipótese. Foi assim que localizamos o laboratório secreto de Cavor e desde então seguimos de perto as pistas relativas a suas atividades. Não há certeza, mas existe uma razoável possibilidade de que a substância realmente exista. O entusiasmo incontido que o ministro Wells vem manifestando em seus círculos mais íntimos relativamente à tal cavorita...

– Esse homem é um mentiroso!

Não houve quem não se sobressaltasse ao ouvir a voz profunda, que irrompeu na outra extremidade da mesa como a lava de um vulcão que estivesse inativo por anos a fio. Pela primeira vez pude ver o rosto de Jules Verne por inteiro, e ele estava vermelho de indignação. Seus velhos olhos faiscavam por baixo das sobancelhas grisalhas, e ele se apoiava no tampo da mesa como se a qualquer momento fosse saltar sobre ela à moda de um grande felino. Por falar em “energia radiante”, senti como se raios de calor emanassem de seus olhos na medida em que ele fitava cada um de nós, enquanto falava lenta e pausadamente:

– Herbert Wells é um mentiroso. Enquanto eu coloco em prática a ciência, esse homem a inventa. Preenche as lacunas de sua ignorância com as sandices que ousa imaginar. Se o plano de enviar um projétil à Lua depender de algo chamado “cavorita”, está condenado ao fracasso

desde o berço. Acreditem, senhores, vocês só terão algo a temer caso estejam deixando passar alguma informação da qual nem desconfiam, mas que, tenho certeza, nada tem a ver com substâncias milagrosas abortadas pela imaginação de um tolo. Agora, se me dão licença...

O ancião ergueu-se como um antigo leviatã que houvesse despertado e emergido das águas de um oceano. Irradiando respeito e dignidade como se mobilizasse ondas contra os presentes, deu as costas à mesa da tertúlia e, com os passos lentos de quem nada mais deve ao tempo, caminhou em direção à grande porta, desaparecendo através dela.

Cada um dos que ficaram para trás conservava no rosto uma expressão grave. Aronnax enxugava gotas de suor que inundavam sua testa enrugada. Félix Nadar olhou para os próprios joelhos com uma sombra de tristeza diante dos olhos. Foi Dupin, evidentemente, quem reiniciou os trabalhos:

– Como pode ver, *Mister Prendick*, o ministro Verne rejeita totalmente a teoria da cavorita. A verdade é que ele fez questão de estar presente neste encontro, unicamente para deixar clara tal opinião. Uma opinião de peso, evidentemente. Mas por outro lado... – fez uma pausa, como se hesitasse, e por um fugaz instante seus olhos cansados pareceram haver mergulhado em algum passado conturbado e longínquo – Eu mesmo confesso já ter visto, com meus próprios olhos, coisas das quais a maioria dos homens são que conheço duvidariam veementemente. Foi assim que aprendi a não confundir o incomum com o abstruso. É por meio desses desvios do plano ordinário que a razão deve se conduzir, se é que existe algum caminho, em sua busca da verdade. Além do mais, é bem sabido que as ideias de Wells têm se revelado bastante originais e inovadoras. Sim, ele tem seus delírios, que acabam virando motivos de ironia nas páginas dos periódicos ingleses e, principalmente, nos franceses. Mas após muito deliberar, decidimos que neste caso não podemos correr riscos. Todos os indícios apontam para uma convergência das pessoas envolvidas nesse projeto em torno das ilhas britânicas, e como penso já haver ficado bem demonstrado, o lançamento a partir dessa latitude seria inviável sem alguma coisa com as propriedades da cavorita, pelo menos até que alguém nos ofereça outra solução menos improvável. Imagine as consequências da existência da substância; por mais que a pretensa permeabilidade à gravidade seja parcial, um projétil cujas paredes estejam construídas com placas dessa liga metálica modificaria radicalmente as perspectivas em favor dos britânicos! Com peso reduzido e menor resistência ao impulso em direção à Lua, o lançamento poderia de fato ser realizado em pontos distantes do equador terrestre, inclusive do território inglês. As especificações do canhão, como peso e comprimento, poderiam ser menos dramáticas, e a quantidade de piroxila gasta para o impulso inicial seria muito reduzida!

– A partir da infinidade de cálculos e informações aqui trazidos nesta tarde, coronel Dupin, deduzo que vocês, franceses, também estão tentando construir seu canhão lunar...

– Eu não esperava menos de sua inteligência, *Mister Prendick*. Obviamente, sua localização tem que permanecer um segredo de Estado e estamos sendo obrigados a seguir com o maior rigor possível as especificações que enumeramos, pois não contamos com nenhum milagre semelhante à cavorita, mas o senhor pode dizer que estamos vivendo uma verdadeira “corrida espacial”. O comandante de nossa missão e líder da tripulação, que já se encontra em treinamento, será o senhor Michel Ardan, que inúmeros serviços já prestou em sua associação espontânea às missões de nossos exércitos e se apresentou como voluntário.

– Tudo por uma boa aventura, e sem motivos para temores – decretou o leão sorridente. Dupin

prosseguir como se não houvesse sido interrompido:

– Chegar ao satélite terrestre antes dos ingleses representaria um “tiro pela culatra” de seu portentoso canhão, abalando sua imagem e sua autoestima. Isso, numa guerra travada não apenas com armas, mas também com ideias e conquistas de homens de valor, representa muito.

– Existem indícios que favorecem nossas teorias a respeito do lançamento a partir da Inglaterra – voltou a falar Lidenbrock, mais relaxado com a ausência de Verne. – Recentemente surpreendemos a viagem sigilosa de um grupo de oficiais do exército azteca para Londres, acompanhados pessoalmente por Barbicane, do Clube do Canhão. Infelizmente perdemos seu rastro por trás das cortinas da segurança inglesa, mas suspeitamos que entre esses homens esteja a tripulação do projétil. O comandante seria um certo capitão Bedford, amigo pessoal de Cavor e homem de sua total confiança. O incidente de Lympne, próximo a Canterbury, já foi relatado pelo coronel Dupin, mas poucas semanas depois disso perdemos a pista de Cavor, e portanto do local escolhido para a montagem do canhão. Perdemos muitos agentes de valor logo que começavam a se aproximar de alguma informação realmente útil.

Ele parou e olhou para mim atentamente. É claro que reprimi o sorriso de satisfação pelo que foi dito. Sim, estou trabalhando para o inimigo, mas não deixo de sentir orgulho de minhas origens, de minha formação e de meus companheiros de farda.

– Mas nem tudo está perdido – era Dupin retomando a palavra em tom grave, e tentando fazer arrefecer meus brios. – Nosso principal agente ainda está ativo em Londres, e parece estar próximo de descobrir a localização do canhão e a data provável do lançamento do projétil. Suspeitamos que tal data deva estar próxima ao dia 4 de dezembro, quando a Lua estará ao mesmo tempo próxima ao zênite e em sua maior aproximação à Terra. É por isso que precisamos dos seus serviços, *Mister* Prendick como agente da Inteligência inglesa, o senhor pode avançar mais profundamente do que qualquer francês infiltrado, com menores riscos.

– Dia 4 de dezembro... Isso nos deixa pouco mais de uma semana. E o que exatamente o senhor espera que eu faça em tempo tão escasso?

– Descubra a localização do canhão e a data de lançamento. Além disso, descubra o que puder sobre a tal cavorita. Se ela existir mesmo, esperamos que o senhor consiga fazer algo para atrasar o programa espacial britânico, se não interrompê-lo definitivamente.

– O senhor está falando de sabotagem.

– Sim, mas de uma maneira mais eufemística. Na melhor das hipóteses, gostaria que o senhor, se possível, nos trouxesse uma amostra da cavorita, uma vez que ela efetivamente exista. Isso ajudaria a diminuir as tensões recentes surgidas entre este gabinete e o ministro Verne, como deve imaginar. Nem preciso dizer a respeito da urgência da missão; temos motivos para supor que nosso prazo está se esgotando.

– Certamente. E quando é que eu parto?

– Seu transporte o esperará amanhã em Le Havre.

Dupin estendeu a mão de dedos longos e passou-me alguns papéis.

– Aqui estão as instruções formais. E quero deixar bem claro, *Mister* Prendick estou bem familiarizado com os sentimentos que o levam a colaborar conosco. Saiba que o bom êxito nesta missão contribuirá para o que o senhor almeja e, além disso, será tido em alta conta pelo próprio Imperador. Assim sendo, para o bem de todos nós, desejo-lhe boa sorte.

Parti imediatamente. Durante a viagem de trem para o porto de Le Havre repassei cada

detalhe da missão e reconsiderarei cada palavra ouvida no escritório de Dupin. Por mais que a ideia de enviar um projétil tripulado à Lua me parecesse uma sandice e que a concepção de algo como a tal cavorita soasse como uma tolice descomunal, a seriedade com que os franceses estavam tratando o assunto merecia o meu respeito. Afinal eu não era um cientista, e a atuação desses homens na guerra eterna que se travava entre nossos povos já trouxera diante dos meus olhos coisas que eu só seria capaz de conceber em sonhos ou pesadelos.

Aquela reflexão evocou memórias antigas, lançando-me até poucos anos no passado, quando minha vida e minha concepção do mundo mudaram para sempre. Eu ainda era um fiel e idealista agente do Serviço Secreto britânico, quando fui escalado para uma estranha missão; um eminente cientista francês, cujo trabalho pioneiro estava sendo impedido de avançar pelo excesso de zelo e pudores de seus compatriotas, havia decidido oferecer seus serviços aos ingleses, que pelas razões apontadas por Axel Lidenbrock ou outras quaisquer, cada vez mostravam-se mais flexíveis em relação aos limites éticos dispensáveis ao tratamento com o ser humano ou ao avanço da ciência. O homem foi acolhido e enviado secretamente a uma ilha remota na costa africana, onde lhe foram dadas todas as garantias e condições para prosseguir com seus experimentos. Entretanto, os ingleses não forjaram seu vasto império confiando às cegas em um ex-adversário. O cientista, cujo nome era Moreau, tinha como único companheiro um sargento inglês chamado Montgomery, que deveria acompanhá-lo como sua própria sombra. Com o passar do tempo, porém, os relatórios de Montgomery começaram a perder a regularidade e até mesmo a sanidade do homem parecia estar ficando comprometida. Suspeitava-se que a pressão da função a ele atribuída naquele fim de mundo estava afetando seus nervos, e que o pobre diabo estivesse sendo consumido pela bebida. Foi assim que entrei em ação; enviado sob disfarce para a ilha secreta, cheguei como sendo um náufrago de um navio pesqueiro. Nem mesmo Montgomery sabia minha verdadeira identidade, mas com habilidade consegui ser acolhido por ele, e depois pelo próprio Moreau. O que vi naquela ilha esquecida por Deus até hoje me assombra nas noites de pesadelo. O chamado “trabalho” do cientista dissidente envolvia a vivisseção de animais de toda espécie, tentando aproximar sua aparência e inteligência à dos humanos! Ele pretendia, e esse era o grande interesse que lhe garantia o apoio dos britânicos, criar em laboratório um novo tipo de soldado, mais forte, mais feroz e mais eficiente na arte de matar. As criaturas que vi e as coisas que presenciei quase roubaram minha sanidade, e só posso atribuir à Providência Divina o momento em que suas experiências começaram a sofrer reveses. A deterioração psicológica de Montgomery e sua entrega ao álcool eram reais, o que funcionou como um catalizador quando tudo ruiu. Por razões pessoais relativas ao meu próprio equilíbrio emocional não posso entrar em detalhes, mas confesso que, assim que vi a oportunidade, sabotei o trabalho de Moreau condenando-o definitivamente ao fracasso. Destruídos os registros científicos e eliminado o cientista, e àquela altura já livre do pobre e falecido Montgomery, foi fácil para mim plantar “evidências” de que Moreau não era nenhum dissidente, mas um espião que pretendia, como meus superiores temiam, ajudar a destruir o Império Britânico por dentro. Por essa missão fui condecorado e promovido, mas minha vida nunca mais foi a mesma. Passei a sentir um constante desconforto na companhia de meus semelhantes, como se tomado por uma convicção irracional de que eles eram, como aquele povo-fera que conheci na ilha, bestas humanizadas que a qualquer momento poderiam regredir a seu estado selvagem original. Essa sensação acentuava-se em meu trabalho junto ao Serviço

Secreto, levando-me a incontroláveis reações de pânico. O pior era saber que as experiências de Moreau poderiam eventualmente ter dado certo, e então teríamos uma guerra muito mais impiedosa e desumana do que a hipócrita Guerra Fria que vivemos hoje, repleta de combates armados e escaramuças cuja dura realidade é reduzida com palavras de um revoltante eufemismo pelos periódicos dos dois lados. Eu reconhecia que a atitude dos ingleses e seus aliados aztecas era a mais feroz, o que em assuntos de guerra se traduz em um perigo considerável. Decidi então, buscando uma chance de salvar minha alma, oferecer meus préstimos aos “civilizados” franceses, atuando dos dois lados e sempre buscando um equilíbrio de forças. Eu via claramente que eles estavam longe de vencer a guerra, e sabia que seria catastrófico para o mundo se os ingleses, meus compatriotas, assumissem a supremacia. Essas foram as condições que ofereci a Dupin, e a atual missão estava dentro de seus limites: não visava submeter meu povo ou provocar derramamento de sangue inocente, mas sim tentar corrigir um desequilíbrio que ameaçava irromper, equalizando as forças naquele “cabo-de-guerra” de alcance mundial.

Peguei no sono sentado no trem, e acordei sobressaltado na entrada do porto de Le Havre, com a sensação fugaz de que duas patas peludas terminadas em garras haviam estado há pouco cravadas em torno da minha garganta.

* * *

A costa norte da França ao longo do Canal da Mancha era algo impressionante de se ver. De Dunkerque, próxima da divisa com a província da Bélgica, até Brest, no Oceano Atlântico, toda a costa era praticamente uma única fortaleza, uma muralha fortificada com quilômetros de extensão, guarnecida por centenas de canhões permanentemente apontados para o arqui-inimigo do outro lado do canal, ocupada por milhares de soldados bem treinados e permanentemente alertas. A chamada “Linha Bonaparte”, em homenagem ao célebre general que iniciou sua construção logo após consolidar a aliança do Império Francês com o czar da Rússia, era considerada a fronteira mais vigiada do mundo. É claro que a muralha bélica tinha seu correspondente à altura do lado inglês, mas os franceses adoravam vangloriar-se de sua segurança e inexpugnabilidade. Em Le Havre, situada aproximadamente no meio de seu comprimento total, estava o principal porto francês, e a base da espetacular frota de navios submersíveis comandada pelo célebre Almirante Nemo, que patrulhava incansavelmente o Canal da Mancha e toda a costa atlântica do país. Com seus mísseis balísticos, lançados dos submersíveis que apareciam de surpresa em qualquer ponto do oceano, Nemo era o principal antagonista das fortalezas voadoras do americano Robur. Ele continuava sendo um mistério, desde que surgira como fiel aliado da *Grande France*. Ninguém parecia saber ao certo sua nacionalidade, mas sua aparência física sugeria algum país do norte da África ou do sudeste asiático. Diziam alguns que era um indiano cuja família havia sido chacinada por invasores ingleses no seu país, daí seu ódio pelo Império Britânico. O velho marinheiro de barba negra, como eu, era um homem fora de sua terra natal, o que talvez explicasse a simpatia com que sempre me tratava.

Assim que cheguei ao porto, encontrei-o no cais olhando pensativo para o horizonte.

– Muito trabalho, Almirante?

– Não muito, meu caro, o que não estou certo de que seja uma boa coisa. As coisas parecem estar especialmente tranquilas nas ilhas e há semanas não nos deparamos com um dos charutos voadores daquele estadunidense. É como se o Império Britânico estivesse em suspenso, esperando por... alguma coisa.

– A famosa calmaria antes da tempestade?

– Que todo bom marinheiro é capaz de reconhecer. Mas paciência, estaremos preparados quando eles sentirem saudades de nós lá no Outro Mundo.

– “Outro Mundo” era uma designação em tom depreciativo que os europeus do continente se acostumaram a usar para referirem-se às Américas, depois que souberam que os americanos se referiam à Europa como o “Velho Mundo”, dando à palavra “velho” uma conotação igualmente pouco lisonjeira.

– Quanto a você – prosseguiu Nemo, – destaquei o submersível *Calamar* para levá-lo até o ponto de encontro, na costa próxima a Winchester. Existem alguns desfiladeiros litorâneos onde poderemos desembarcá-lo com maior segurança.

Agradei ao Almirante e me dirigi para o submersível. Começava ali, numa progressão ascendente, a parte mais arriscada de minha missão.

* * *

Subi por uma trilha íngreme e acidentada, e do alto do penhasco pude ver a sombra do *Calamar*, como uma enorme baleia, retornando para as águas profundas do canal. Caminhei por dois quilômetros até alcançar a estrada, onde permaneci durante quarenta minutos até avistar a coluna de fumaça que denunciava a aproximação de meu transporte. Esses veículos movidos a eletricidade e vapor, dispensando a tração animal, ainda me fascinavam. Embora a invenção fosse francesa, sua tecnologia já começava a popularizar-se também por toda a Grã-Bretanha. Aquele, em particular, ostentava o brasão do Ministério das Relações Internacionais. O motorista estava sozinho, e sorriu quando abriu a porta do passageiro a fim de me acolher. O homem simpático e atarracado usava o nome de John Withmore, e atuava como secretário do ministro. Mas embora não demonstrasse o menor vestígio de sotaque, seu nome verdadeiro era Jean Passepartout, o principal agente francês infiltrado na Inglaterra. Enquanto fazia o veículo retornar em direção a Londres, colocou-me a par da atual situação relacionada ao mistério do canhão lunar. Eu tinha algumas perguntas a fazer:

– Então você esteve pessoalmente em Lympe?

– Sim, mas infelizmente já era tarde. Algumas pessoas no Ministério, ligadas diretamente a Wells, haviam deixado escapar que Cavor estava desenvolvendo no local algo secreto e extraordinário. Mas antes que eu inventasse um pretexto para viajar a Canterbury houve a tal explosão e por pura sorte Cavor e Bedford não se encontravam no laboratório. Aparentemente alguns operários locais, gente ignorante paga por hora que nem fazia ideia de com que estavam lidando, estavam realizando algum trabalho de rotina nas forjas quando tudo foi pelos ares. Três mortos e não sobrou muita coisa para investigar. Uma coisa me pareceu estranha...

Agucei os ouvidos. Após essa frase, pela minha experiência, costumava vir algo relevante em casos nebulosos desse tipo.

– Um sobrevivente, que escapou apesar das queimaduras graves, relatou que seu trabalho

consistia na montagem de uma geringonça complexa, feita de lentes e espelhos. Mas ele obviamente não sabia para que aquilo iria servir, apenas que era parte de algo maior.

– Lentes e espelhos...

Não, no momento aquilo não me dizia nada. Mudei o rumo das perguntas:

– Dupin disse que você estava prestes a descobrir o local e a data do lançamento...

Passepartout franziu a testa e coçou a cabeça, o que não prenunciava boas notícias.

– Esse é nosso problema mais urgente, Prendick, e confesso estar bastante apreensivo. A agente que conseguiu essa informação preciosa é Marie Jeanette Kelly, que atua em Whitechapel sob o disfarce de uma prostituta irlandesa chamada Mary Jane. Conseguiu atrair, como cliente, um militar do alto escalão que teria dado com a língua nos dentes após algumas taças de brandy. Marie deveria ter se encontrado comigo esta manhã para repassar a informação, mas simplesmente não apareceu. Na última vez em que nos falamos ela estava preocupada, com medo de ser descoberta e chegou a me pedir remoção para outro trabalho. Diante dessa suspeita, julguei por bem aguardar sua chegada antes de agir. Se algo estiver errado, um inglês legítimo pode ter melhores chances de safar-se...

– Fez muito bem. Como posso encontrar essa tal “Mary Jane”?

– Ela aluga um quarto modesto em uma viela próxima a Dorset Street. Posso deixá-lo nas proximidades, e nos encontramos após o cair da noite no Reform Club, onde às terças o ministro habitualmente joga algumas partidas de uíste. Sei que você tem acesso ao clube, e é possível que lá possamos colher alguma informação relevante.

Era um bom plano. Passepartout deixou-me em Dorset Street, região miserável repleta de imigrantes e fugitivos de áreas de conflito, e caminhei a pé até encontrar o endereço indicado: Miller’s Court, número 13.

Não me surpreendi com o que vi logo que me aproximei do edifício. Na verdade, era o que eu temia. Dois agentes da Scotland Yard guardavam a porta, impedindo a entrada de um pequeno grupo de curiosos maltrapilhos. Apresentei minha credencial e tive a passagem imediatamente liberada. À porta do quarto de Mary Jane encontrei uma figura conhecida: o Inspetor Lestrade era um dos mais competentes investigadores da Yard, e sua presença naquela cena de crime indicava que eu deveria tomar muito cuidado com atitudes e palavras.

– Agente Prendick? Bem, se o Serviço Secreto tem interesse em um aparentemente simples caso de homicídio, ele não pode ser tão simples assim...

– Já conseguiram apurar alguma coisa por aqui, Inspetor? – falei da forma mais desinteressada possível, arriscando uma olhada para dentro do quarto.

Havia pouca mobília: uma pequena mesa com duas gavetas a um canto, encimada por um espelho trincado; um pequeno sofá e um abajur; uma mesinha de centro manchada. Meu olhar se deteve sobre a cama no canto oposto, e não consegui reprimir um gemido. Eu realmente não estava preparado para o que vi. Lestrade riu do meu susto.

– O paraíso de um investigador criminal, não concorda?

Toda a roupa de cama estava encharcada de sangue. Sobre a mancha rubra, o corpo de uma jovem que não devia ter mais de 25 anos, com um talho profundo no pescoço que quase lhe decepara a cabeça, sendo contido apenas graças à resistência da coluna espinhal. Uma abertura ampla e vertical ia do espaço entre as clavículas até o púbis, as costelas abertas como se quisessem abraçar de volta as vísceras que já não mais se encontravam ali, na cavidade

abdominal. Tirei um lenço do bolso e o comprimi contra minha boca e nariz.

– Eu entendo – Lestrade bateu amigavelmente no meu ombro. – Tive uma reação semelhante na primeira vez...

– Primeira vez? Você já tinha visto algo assim antes?

– Bem... Quatro vezes, na verdade. Esta é a quinta vítima nos últimos três meses e meio, todas elas prostitutas mortas e evisceradas de forma semelhante. Parece que temos um *serial killer* à solta em Whitechapel, e o mais curioso é que, apesar da exuberância dos crimes, ninguém jamais conseguiu vê-lo. Esta moça chegou aqui sozinha na noite passada, de acordo com o senhorio, que se recolheu por volta das dez. Só voltou a ser vista por ele nesse estado, por volta das dez da manhã, quando foi surpreendido com a presença de um policial da Yard já correndo pelas escadas. Mas se você não sabia dos outros crimes... por que o Serviço Secreto se interessaria por esta vítima em particular?

Pigarreei antes de responder.

– Isso é informação sigilosa, Inspetor, mas recebemos denúncias de que esta moça em particular poderia ser uma espiã, atuando em Londres a serviço dos franceses.

Lestrade arqueou as sobrancelhas, olhando de volta para o cadáver mutilado. Sua mente, como de costume, funcionou com rapidez.

– O que nos leva à pergunta: será que o assassino sabia disso ou seria uma coincidência? Um assassino de prostitutas que pegou a moça errada? Ou quem fez isso estava procurando por esta senhorita em particular?

– Se me permite, gostaria de dar uma olhada mais de perto.

Ele fez uma mesura e abriu caminho para minha entrada no quarto. Respirei fundo e caminhei até junto da cama. Usei o lenço para enxugar o rosto, pois comecei a suar frio. Não era o aspecto do corpo que me impressionava; eu já presenciara coisas assim antes muitas vezes, e esse era justamente o problema. Em minha mente, imagens de animais vivissecionados sobrepunham-se alternadamente à da pobre moça morta. Senti a presença de Lestrade atrás de mim, olhando por sobre meu ombro.

– Como pode ver, as vísceras desapareceram; estômago, intestinos...

– Em minha opinião trata-se de uma infeliz coincidência, Inspetor. O *serial killer* não devia desconfiar de sua dupla identidade.

– Claro que não. Se fosse assim, poderíamos desconfiar de uma execução, não é? Talvez algum agente inglês encarregado de caçar essa tal espiã francesa...

– Se fosse assim, por que eu estaria aqui hoje?

– Boa pergunta. Somando a isso o fato de que você não sabia das outras vítimas, concluímos que o Serviço Secreto está sendo pego de surpresa assim como nós, da Scotland Yard.

– Muito bem pensado, Inspetor. Agora, se me dá licença...

Caminhei resolutamente para a porta. A voz de Lestrade me deteve no batente:

– O desaparecimento das vísceras me faz pensar que esse assassino procurava alguma coisa, e não queria perder tempo fazendo uma busca minuciosa no local do crime, correndo o risco de ser surpreendido. Já que você também veio até aqui à procura de algo, Prendick... será que não faz ideia do que seria esse prêmio, valioso a ponto de levar um monstro doentio a fazer isso com uma jovem indefesa?

Voltei-me sobre os calcanhares com minha expressão mais inocente no rosto.

– Não faço ideia do que seria, Inspetor. Mas estou certo de que, se realmente houver algo tão importante, a Scotland Yard logo descobrirá e compartilhará a informação conosco, não é?

Ele riu em voz alta. O som não combinava com o ambiente daquele cenário, era quase uma afronta. Lestrade ergueu a aba do chapéu e acenou para mim.

– Até mais ver, agente Prendick

Desci as escadas e ganhei a rua. Apesar do cheiro pútrido das vielas, acolhi de bom grado em meus pulmões a brisa que soprava ao ar livre. Alguém de fato estava à caça da espia francesa, e a encontrou pouco tempo antes de mim. A brutalidade e a capacidade de entrar e sair incógnito era quase uma impressão digital do responsável: *Griffin*! Tinha que ser Griffin!

Ninguém sabia seu primeiro nome. Ninguém sabia sequer se “Griffin” era um sobrenome verdadeiro. A partir do segundo escalão do Serviço Secreto, não havia quem fosse capaz de fazer uma descrição física do homem. Ele era como aquelas criaturas terríveis que as mães utilizam para ameaçar os filhos que não querem tomar a sopa ou ir para a cama. Quando o Serviço Secreto queria um resultado “a qualquer custo”, ele era o agente convocado. Para Griffin não parecia haver limites morais ou humanos de nenhuma espécie. Sua brutalidade e a porcentagem de êxitos em suas missões eram infinitamente mais conhecidas que sua aparência física. Todos no Serviço Secreto o temiam e fora dele mais ainda. O fato de ninguém que tenha sobrevivido a ele era capaz de descrevê-lo lhe angariou o apelido de “Homem Invisível”. Se ele estivesse atrás de você, você só saberia tarde demais, e da pior maneira. Quanto a uma coisa Lestrade estava certo: Griffin matara as cinco prostitutas à procura da verdadeira espia; provavelmente o militar que dera com a língua nos dentes era um cliente habitual de Whitechapel e o único crime das garotas anteriores foi terem se relacionado com ele. O desaparecimento das vísceras também era facilmente explicável: o procedimento padrão entre os espões como Marie Jeanette Kelly era escrever a informação a ser repassada em um pequeno canudo de papel, que ia no interior de uma cápsula metálica diminuta até ser entregue a outro agente mais graduado ou a uma estação de telégrafo. Caso corresse perigo, a espia deveria engolir a pequena cápsula metálica, na esperança de escapar e poder recuperá-la posteriormente. Se Griffin não houvesse encontrado a cápsula entre os pertences de seu alvo, sua mente doentia não hesitaria em remover todo o trato digestivo da vítima para procurar o objeto com mais calma em outro lugar. Nas quatro primeiras vítimas ele não encontrara nada, mas eu suspeitava de que dessa vez as mortes do *serial killer* de Whitechapel cessariam misteriosamente. Aquela linha de investigação parecia estar completamente malograda. Retornei para minha casa em Londres, e após algumas horas de descanso esperei pelo pôr-do-sol para me encaminhar ao Reform Club, onde deveria dar as más notícias a Passepartout.

O Reform Club era um reduto tradicional dos endinheirados ingleses. Eu tinha livre acesso ao local porque minha família era detentora de algumas posses, o que tornava minha presença algo aceito com naturalidade. Ali eu convivia com pessoas importantes sem que muitos sequer se lembrassem de onde eu trabalhava, o que era muito útil quando se buscam informações.

O chefe de Passepartout, o ministro Phileas Fogg, era um homem absolutamente previsível, graças à pontualidade legitimamente britânica com que cumpria suas atividades. No momento em que adentrei o salão ele se encontrava, como sempre naquele horário, sentado junto ao bar bebendo drinks com outras celebridades da vida política local e comentando os assuntos do dia. Em breve eles se deslocariam para o salão anexo, onde já estava preparada sua mesa de uíste.

Encontrei Passepartout em uma das discretas sacadas que davam para o rio, e conversamos como dois cavalheiros que casualmente tivessem se retirado para fumar um charuto. Ele evidentemente não gostou das novidades. Meses de trabalho haviam sido perdidos por muito pouco tempo. Se tivéssemos nos adiantado a Griffin em doze horas que fossem...

Naquela tarde o ministro tivera mais uma de uma série de três reuniões supersecretas, juntamente com autoridades políticas, cientistas e militares, mas o sigilo acerca dos assuntos tratados era absoluto. O homem do Clube do Canhão, vindo especialmente da América, estivera presente. A sensação de que o tempo se esgotava era muito forte. Precisávamos encontrar alguma outra pista rapidamente.. Passepartout estava disposto a tentar forçar uma conversa sobre “assuntos confidenciais” entre as autoridades do grupo de uiste, na medida em que o teor alcoólico da mesa de jogo baixasse as defesas. Talvez fosse mesmo o momento de um lance arriscado naquele jogo perigoso.

Eu já sabia por onde eu iria tentar. Olhando pelo salão, vi duas figuras conhecidas sentadas em uma mesa afastada. Um era meu amigo de longa data, Mycroft Holmes, um grandalhão que expandiu os lábios entre as duas bochechas de buldogue em um sorriso sonolento assim que me viu chegando. O outro não era propriamente um conhecido, mas alguém que eu era capaz de reconhecer por força de meu ofício: Melvin Moore, um dos cientistas do campo da física que, de acordo com a Inteligência, fazia “pesquisas secretas” para o governo. Embora se vestisse com bom gosto sua aparência era deplorável, com as roupas finas em desalinho e a barba por fazer. Seu olhar estava perdido em algum lugar distante e seus dedos brincavam com um copo de uísque, proveniente de uma garrafa cujo conteúdo já ia bem abaixo da metade. Passepartout me alertou que via o homem no Reform Club quase diariamente, e ele rivalizava com o próprio Fogg em termos de rotina, embora a sua fosse muito mais triste: sentava-se na mesma mesa às nove horas, bebia e fumava sozinho até cerca de meia-noite, e então se retirava, geralmente solitário. O comentário geral era que o homem havia se transformado naquele farrapo desde que sua noiva morrera no ataque ao *Príncipe de Gales*, um navio de passageiros que havia ido a pique perto do Mediterrâneo após ser atacado por um submersível francês, supostamente comandado pelo próprio Nemo. Estar naquela noite em companhia de meu amigo Holmes era um golpe de sorte que decidi aproveitar, apesar dos altos riscos. Meu amigo Mycroft era um homem com poderes de observação e dedução brilhantes. Muitos afirmavam que essas qualidades excediam até mesmo as de seu irmão caçula, um dos maiores detetives de Londres da atualidade. Ele poderia ter se dado muito bem na carreira policial ou militar, se não fosse um indolente incorrigível, um investigador sedentário que quase nunca continuava o desenvolvimento de suas brilhantes deduções até o final. Acabou encontrando seu lugar como um dos principais conselheiros das autoridades do Império, inclusive da família real. Como seu amigo de longa data, eu não precisava encontrar subterfúgios para uma boa conversa durante a qual poderiam escapar informações úteis. Desta vez, entretanto, era diferente. Ele não passava de uma ponte para o verdadeiro alvo. Eu só tinha que cuidar para não deixar isso tão óbvio.

– Ora, veja só o que o gato do mordomo trouxe para dentro do clube...

– Também estou feliz em revê-lo, Mycroft.

– Já conhece o meu amigo Melvin?

– Não creio. De qualquer forma é um prazer, senhor.

Moore me respondeu com um sorriso forçado. As olheiras lhe davam a impressão de ser mais

idoso do que provavelmente era.

– E você, Edward, de qual canto do mundo está chegando de volta?

– De um *tour* por algumas colônias africanas, My. Uma aventura de alto risco nos dias atuais. Você sabe que aquelas águas estão infestadas por tubarões e submersíveis franceses.

O comentário aparentemente inocente causou o mal-estar que eu secretamente esperava. Moore, já bastante alcoolizado, virou o restante de sua dose de bebida e manifestou o desejo de retirar-se. Perguntei-lhe onde morava, e ele me respondeu que vivia em Mayfair.

– Parece que vamos os dois para a mesma vizinhança. Em noites tão perigosas, seria prudente viajarmos juntos. Se me permite, faço questão de acompanhá-lo em minha carruagem, e o deixo em Mayfair a caminho de casa. A viagem foi dura, e também necessito de descanso.

Moore não fez oposição ao convite e nos despedimos de Mycroft. Enquanto o físico, visivelmente alcoolizado, apanhava seu sobretudo, Mycroft me segredou:

– Apenas para registro, Edward, não pense que me convenceu com essa gentileza de bom samaritano.

Enrijei os músculos instintivamente. Teria sido descuidado demais?

– Agentes do Serviço Secreto não se aproximam de cientistas importantes como Moore por acaso. Mas não se preocupe, compreendo que, nesses tempos de guerra, homens importantes para o governo que se degradam como nosso pobre amigo mereçam um cuidado especial. Apenas cuide para não pisar mais ainda com sua bota descuidada na miséria do pobre, ok?

Mycroft deu uma gargalhada e me abraçou, ao que correspondi aliviado.

Ajudei Moore a descer as escadas e embarcar na carruagem. Orientei o cocheiro para que seguisse para seu endereço em Mayfair. No caminho, decidi aumentar um pouco a pressão:

– Mycroft disse que você é um pesquisador, Melvin. Qual é sua área de interesse?

Ele deu uma risadinha triste antes de responder:

– Causas e efeitos, Edward. É a isso que tenho dedicado minha vida.

– Um assunto por certo interessante, embora você ainda esteja sendo um tanto vago para mim.

– Você já pensou como foi que chegamos até aqui? Como foi que essa miséria de guerra tomou um vulto tão assombroso?

– Quem ainda não pensou nisso? Imagine se após o massacre de nobres aztecas, comandado por Alvarado, Hernán Cortéz não tivesse sido ele também massacrado pelos nativos enfurecidos, juntamente com todos os espanhóis e seus aliados...

– Na famosa “*Noche Triste*”, desencadeando décadas de inúteis tentativas por parte dos espanhóis para reconquistar os aztecas.

– Ou imagine se anos depois os ingleses comandados por Francis Drake, injuriados após o traiçoeiro ataque espanhol em San Juan de Ulúa, não houvessem sido capazes de entrar em entendimento com o rei azteca Cuauhtémoc, iniciando a expulsão dos ibéricos da maioria de suas colônias americanas...

– Uma América colonial espanhola, em vez de inglesa... – riu Moore, com voz pastosa. – E eu achava que eu é que tinha bebido demais, Edward.

– História é um dos meus *hobbies*, Melvin, e é divertido especular com ela. A aliança entre aztecas e ingleses contra os espanhóis foi decisiva para a consolidação do poder do Império Britânico nas Américas. Imagine se a Inglaterra houvesse massacrado os aztecas, como era de praxe na política colonialista espanhola, ao invés de aproveitar as aptidões dos indígenas para

ciências como Arquitetura e Astronomia e estabelecer uma aliança com o Império Azteca, trocando conhecimento por ouro.

– Ou se Cuauhtémoc não tivesse sido coroado Cavaleiro Britânico; ou se a Invencível Armada espanhola, quando atacou nossa frota em busca de vingança, não houvesse sido surpreendida pela cilada armada pelos ingleses e pela nova frota de caravelas aztecas e seus canhões de ouro...

– Exatamente. Talvez os ibéricos derrotados não tivessem que pedir auxílio à França, que teria perdido a oportunidade de anexar Portugal e Espanha a seus domínios e estabelecer seu império continental, invadindo também a Prússia e aliando-se à Rússia. Quem sabe se não seria um mundo melhor? Mas isso são águas passadas, portanto jamais saberemos.

– Você mudaria tudo se pudesse, Edward? Ainda que pela razão egoísta de ter de volta seres queridos levados pela violência da guerra, você se arriscaria e arcaria com as consequências?

– E você, meu amigo, se arriscaria?

Moore apenas riu, entre soluços. O cocheiro freou os cavalos, pois acabávamos de chegar ao casarão onde ele vivia. Ajudei-o a descer, e ele quase se esborrachou na sarjeta. Insisti, apesar dos protestos em voz arrastada, em ajudá-lo a entrar na casa, onde para minha sorte ele vivia sozinho.

Subimos até seus aposentos e deixei que o pobre diabo alcoolizado despencasse na cama como um saco de batatas. Retirei-lhe as botas e em segundos já podia ouvi-lo ronronar.

– Que o sono lhe traga paz, Melvin Moore – sussurrei, antes de iniciar minha minuciosa busca. Em algum lugar devia haver documentos a respeito de suas atividades secretas junto ao governo. O quarto e o closet estavam limpos; vasculhei rapidamente os outros quartos e desci para o andar térreo. Nos fundos da casa descobri o laboratório, mas o que encontrei ali não era absolutamente o que eu esperava.

A coisa se parecia com uma carruagem sem rodas, coberta por um emaranhado caótico de fios elétricos. Diante do assento havia um painel, com duas fileiras horizontais e paralelas de números esculpidos em rolos giratórios, e ao lado havia uma pequena alavanca de movimento vertical. Não consegui decifrar o mistério daquela esfinge tecnológica que ocupava o espaço central do laboratório, como se tudo mais que havia ali de fato existisse em função dela.

Olhando ao redor, vi um livro aberto sobre a escrivaninha. Tratava-se de um diário, e estava aberto. Moore interrompera um texto pela metade, talvez bloqueado pelo álcool ou por seus fantasmas misteriosos. Olhei em direção à porta e parei para escutar o silêncio da casa, antes de examinar o livro.

O que descobri era tão surpreendente quanto assustador. Melvin Moore estava construindo uma máquina do tempo! Aquela traquitana no meio da sala deveria levar um homem para o passado ou para o futuro, com o simples mover de uma alavanca após selecionar uma data específica nos rolos numéricos. Lendo adiante, meu espanto aumentava: na verdade a máquina estava pronta, e havia sido testada pelo próprio Moore. Segundo ele, com sucesso!

Nas páginas seguintes, a tortura psicológica que atormentava aquele brilhante cientista como o abutre de Prometeu se explicava: ele sentia um impulso quase irresistível para voltar ao passado e evitar que sua noiva embarcasse no *Príncipe de Gales*, onde seria “morta pelo pirata Nemo”. No entanto, não se sentia moralmente capaz de salvar uma pessoa, por mais que lhe fosse cara, e deixar que dezenas de outros inocentes seguissem às cegas em direção à morte certa. O correto, pensava, seria alertar o comandante do navio e evitar completamente a tragédia. Porém, ele

compreendia o perigo que isso representava: salvar tantas pessoas já mortas pelo destino poderia alterar as linhas do tempo de forma imprevisível. Moore simplesmente não encontrava coragem para assumir os riscos e isso o levava a afogar-se na bebida. Mesmo que salvasse apenas sua noiva, ele refletia adiante, sua morte fora exatamente o gatilho que o impulsionara nas pesquisas que culminaram na construção da máquina do tempo, num momento em que ele planejava abandonar seu trabalho para o governo, e a serviço da guerra. Se ela sobrevivesse Moore temia que a máquina jamais virasse realidade, e isso gerava um paradoxo que o aterrorizava. Ele chegara àquele ponto pensando em salvar a amada, e agora não encontrava coragem para fazê-lo, e por isso sentia-se o mais miserável dos homens.

Aquilo abria possibilidades estonteantes! Uma máquina daquelas poderia, como haviam especulado havia pouco na carruagem, mudar o panorama ou até mesmo evitar o início da guerra. Entretanto, nas mãos erradas poderia levar a uma catástrofe ainda maior. Eu não tinha a menor intenção de colocar aquele segredo espetacular nas mãos dos franceses, e temia vê-lo em mãos de meus compatriotas ingleses. Foi quando uma luz acendeu em minha mente. Pensando bem, havia algo que aquela geringonça poderia fazer para salvar minha missão.

Lembrei-me do relato de Lestrade: Marie Jeanette, a vítima de Griffin, chegara em casa sozinha antes das dez horas da noite passada. Agora eram quase duas da manhã. Se eu conseguisse retornar no tempo pouco mais de um dia...

Não poderia ser muito mais que isso, para evitar ao máximo interferências no passado. Provavelmente Griffin já a estaria seguindo, ou ainda, estaria à sua espera no quarto. Se eu pudesse alcançar “Mary Jane” no momento em que chegasse à pensão, poderia receber a mensagem e deixar que a roda do destino girasse livremente.

Ajusteí a fileira inferior de números com a data do dia anterior, às nove da noite. De acordo com Passepartout, àquela hora Moore já se encontraria em sua mesa no Reform Club, e assim eu evitaria um encontro indesejado no laboratório. O suor descia pelo rosto e encharcava meu colarinho. Eu só esperava não estar sendo um idiota, confiando na palavra de um bêbado a ponto de colocar minha vida em risco naquela máquina. Mas minha missão estava por um fio, e eu tinha que arriscar. Girei a chave que ligava a coisa, que tremeu com um zumbido elétrico. Com um movimento resolutivo, puxei o manete para baixo.

Não houve explosão nem clarão, como eu imaginava que aconteceria, como se voltar no tempo fosse igual a dar um tiro contra a própria cabeça. Passado o primeiro instante, no qual senti um frio na boca do estômago como se caísse num abismo de pesadelo, tive a impressão de que nada havia acontecido. Então meus olhos decepcionados caíram sobre os ponteiros de um relógio de parede, e percebi que estavam se movendo para trás! Permaneci inerte, observando o fenômeno, e qual não foi meu susto quando vi o próprio Moore entrar na sala em passo acelerado. Só que o homem caminhava de costas! Sem olhar para mim, parou diante da mesa com o diário, escreveu algo em ritmo ainda estranhamente acelerado, e voltou a sair do aposento caminhando de costas, sem se dar conta da minha presença. Não pude reprimir uma risada quando percebi o que estava de fato ocorrendo: o tempo caminhava para trás, e eu deslizava para um destino passado dentro de uma espécie de “bolha de tempo” criada pela máquina, imperceptível para pessoas que se encontrassem no fluxo normal das horas. Por um instante pareceu-me que assistia a um dos filmes apresentados por aqueles amalucados franceses, os irmãos Lumière, em sua mais nova invenção, o cinematógrafo, apenas rodado de trás para

diante, do final em direção ao início. Com efeito, percebi através da ampla porta que dava para um jardim de inverno que o dia amanhecia mais rapidamente que o normal, mas não se iniciava com a claridade vigorosa da manhã, e sim com a luz mortiça de um entardecer. Já era dia claro quando uma senhora de idade trajando um uniforme de serviço adentrou o laboratório, também andando rapidamente de costas, e percorreu todo o aposento tirando a poeira dos móveis. Ela também não era capaz de me ver. Saiu da mesma maneira como havia entrado, e o laboratório permaneceu vazio durante o restante daquele bizarro dia às avessas. Percebi que todas as coisas ao meu redor tinham um aspecto levemente nevoado, certamente efeito da “bolha do tempo” que me envolvia. A claridade diurna então voltou a esmaecer, e a escuridão da noite retornou. Em dado momento voltei a ouvir ruídos vindos da rua, coisa que, agora me dava conta, haviam cessado por completo durante o fenômeno. Olhando ao redor sob o reflexo da luz da lua, percebi que o laboratório recuperara sua nitidez. Sem que eu nada sentisse, a viagem no tempo chegara ao final. O relógio na parede, cujos ponteiros agora jaziam imóveis, marcava exatamente nove horas. Exultante, saltei para fora da máquina prodigiosa. Eu precisava voltar rapidamente a Whitechapel, e talvez salvar minha missão! Escalei o muro do jardim de inverno nos fundos da casa, agarrando-me aos ramos grossos de uma trepadeira, e ganhei a rua escura. Corri como se o fim da própria Guerra Fria dependesse disso. E quem sabe se não dependeria...

Confiei no meu preparo físico e em meu conhecimento dos becos e atalhos que devia cruzar para chegar ao endereço em Miller’s Court sem recorrer a uma carruagem, mas apenas cheguei ao local já bem próximo das dez horas, completamente sem fôlego. A rua estava deserta. Encoberto por uma sombra na esquina, vi quando o senhorio chegou à porta do número 13, olhou ao redor e apagou a luz do hall. Ouvi o som da chave do lado de dentro. Tentei identificar a janela do andar superior onde ficava o quarto de Marie Jeanette, e vi a luz fraca por entre as cortinas. Ela certamente já estava lá. E pelo jeito das coisas, era grande a chance de que Griffin também já estivesse no prédio. Assassinar, dissecar e eviscerar uma jovem era algo que tomava tempo, mesmo para o mais frio e experiente assassino. Griffin pensava que tinha a noite toda; não se eu pudesse impedir.

Estudei a posição da janela e a altura, e concluí que a melhor abordagem seria mesmo pela porta da frente. Isso me custou mais uma hora de angustiante espera. Precisava dar tempo para que o senhorio pegasse no sono, pois de seu quarto no andar térreo certamente poderia ouvir o barulho de minha entrada. Mesmo assim fui o mais silencioso possível, com o arame retorcido que eu chamava de “chave mestra”. A fechadura cedeu após dois ou três minutos. Olhei ao redor para me certificar de que ninguém me vira na rua, e subi cautelosamente as escadas.

A porta do quarto de Marie estava entreaberta, e um filete de luz iluminava a parede oposta do corredor. Meu coração acelerou. Talvez ele já estivesse dentro do quarto e a surpreendeu ao entrar, sem ter sequer tempo para fechar a porta; ou talvez tivesse batido à porta e atacado a moça quando abriu, deixando a passagem livre atrás de si.

Empunhei minha arma, retirando-a do coldre sob o braço esquerdo, e empurrei lentamente a porta. A cena me desconcertou por um instante. Marie estava deitada na cama, sua figura em parte eclipsada por um homem de pé ao seu lado, de costas para mim. Mas o que me surpreendeu foi que o homem estava fardado: era um policial da Yard! Por um segundo me ocorreu que Griffin já houvesse escapado e a polícia chegado ao local, mas no momento seguinte aquilo me pareceu absurdo. Simplesmente não haveria tempo para isso.

A porta rangeu brevemente sob efeito de meu toque e o policial voltou-se sobressaltado em minha direção, e só então percebi que ele usava luvas de borracha, empunhando uma lâmina afiada e suja de um vermelho intenso. No exato instante em que o homem se jogava sobre mim, dei-me conta do quanto fui idiota em não ter compreendido imediatamente a verdade. Afinal, o “Homem Invisível” devia parte de sua fama ao fato de ser um mestre nos disfarces.

A lâmina zuniu por sobre minha cabeça onde segundos antes estivera meu pescoço. Meu soco atingiu Griffin nas costelas, mas ele imediatamente revidou me empurrando para o chão do corredor. Enquanto batia a cabeça contra a parede, lembrei-me das palavras de Lestrade: o senhorio fora surpreendido com a presença de um policial da Yard nas escadas pela manhã. Quem diabos poderia ter chamado a polícia, se o corpo ainda não havia sido descoberto? O homem provavelmente surpreendera o próprio assassino abandonando o local do crime!

Griffin chutou minha mão, e a pistola rodou pelo piso mal encerado. Ainda caído, devolvi o golpe com um chute na lateral do joelho, fazendo-o gemer e tombar de lado, apoiando-se à parede. Meu próximo chute, com os dois pés juntos e apoiando meu corpo sobre as costas, atingiu sua cintura. O falso policial perdeu o equilíbrio e desapareceu na escuridão, rolando pela escada abaixo com um barulho que acordaria até os mortos. Ouvi o grito abafado, entre assustado e furioso, que partiu do quarto do senhorio. A porta do homem abriu com violência e a luz trêmula de um candelabro espalhou-se pelo hall, onde já não havia mais ninguém. O homem sonolento olhou para a porta escancarada que dava acesso à rua e depois para o alto da escadaria, onde eu já me punha de pé.

– Chame a Scotland Yard! – gritei – Um assassino acaba de fugir do edifício!

A partir dali uma balbúrdia de sons de portas batendo e gritos assustados tomaram conta do lugar. Luzes piscavam e vozes misturavam-se nos dois pisos do prédio. Retornei ao interior do quarto, e vi a pobre Marie Jeanette imóvel em seu leito de morte, um risco vertical fino e rutilante ampliando-se em intensidade de cima abaixo em seu frágil corpo despido. Chegando mais perto vi que a parte macia do abdome já se encontrava bastante aberta, com intestinos de um brilho gorduroso à mostra. Ignorei os gritos abafados das pessoas que paravam diante da porta do quarto e viam a cena, e aproximei-me da vítima. Nem tudo estava perdido; Griffin não tivera tempo de procurar a cápsula com a mensagem, nem de extrair as vísceras onde ela provavelmente se escondia.

Eu não tinha luvas nem tempo. Enfiei as mãos trêmulas na cavidade quente e úmida, e apalpei cuidadosamente toda a extensão do intestino delgado, subindo até o estômago. Fechei os olhos, mas imediatamente minha memória explodiu como um *flash*, levando-me de volta ao passado até certa ilha na costa africana. Eu podia ver o sol forte através da janela, e diante de mim o corpo trêmulo de um ser semelhante a um javali, vivo e amarrado, mas com a pele aberta em vários pontos e os intestinos à mostra. Ele grunhia de dor e desespero, e seus pequenos olhos lacrimosos imploravam piedade, enquanto eu sentia ao meu lado o hálito malcheiroso do Doutor Moreau, dizendo com sua voz rouca e inexpressiva: “Aqui, Edward, por favor, estanque este sangramento”.

Abro os olhos, o suor empapando as roupas, e o cenário é menos angustiante: uma jovem espíã francesa disfarçada de prostituta, morta e estripada sob minhas mãos, que não conseguem localizar em parte nenhuma do estômago ou dos intestinos o grânulo rígido da cápsula metálica contendo uma informação vital. Lembro-me de meus conhecimentos de anatomia e enfio o dedo

superiormente entre o estômago e o músculo do diafragma. Acima do sutil disco muscular do cárdia, alcanço a porção inferior do esôfago. E de repente, justo na junção entre ele e o estômago abaixo, encontro o que buscava. A pobre moça mal teve tempo para cumprir com seu dever e engolir a informação cobiçada antes de ser morta, já que a cápsula nem sequer chegara ao interior do estômago. Ao lado do corpo Griffin abandonara um volume de couro desenrolado, no interior do qual brilhavam várias facas e bisturis de diversos tamanhos e formas, seus terríveis instrumentos de trabalho. Destaco uma delas ao acaso de sua presilha e resseco o esôfago na junção com o cárdia. Imediatamente um pequeno objeto prateado e cilíndrico, medindo cerca de dois centímetros de comprimento, cai entre meus dedos. Enfio a cápsula rapidamente no bolso do colete e limpo as mãos ensanguentadas nos lençóis. Passo pelo senhorio atônito em meu caminho até a rua, onde já posso ouvir as sinetas e os apitos que denunciavam a iminente chegada da Scotland Yard ao local do crime. Não tenho mais tempo para isso. Corro pela rua enfumaçada e me perco nas sombras.

Uma dor no flanco me adverte que minha força física chegou ao limite, após tamanha correria somada a uma bela luta física com um psicopata. Caminhando com dificuldade pelas vielas escuras, percebo atrás de mim a aproximação de uma carruagem guiada por um sonolento cocheiro de longos cabelos e bigode grisalhos. O pobre homem quase cai de seu assento, tal o susto que provoca minha saída das sombras, acenando diante dos cavalos. Dou-lhe o endereço de Melvin Moore. Precisava alcançar a máquina do tempo antes que o cientista retornasse do Reform Club.

Protegido no interior do carro, desatarraxo cuidadosamente a cápsula de metal e retiro o pequeno pergaminho enrolado. A informação recolhida pela pobre mártir Marie Jeanette é precisa: “Dia primeiro de dezembro, 22h47min, Dover”

Amasso o papel, irritado. Agora que a informação veio à luz, tudo parece óbvio demais: considerando o tempo de viagem pelo espaço, para alcançar a Lua no dia 4, data do próximo perigeu, o projétil deveria ser mesmo lançado em primeiro de dezembro. A cidade de Dover fica próxima a Canterbury, local das experiências desastrosas de Cavor, facilitando o transporte seguro da suposta cavorita e de materiais para a construção da base de lançamento. Fica também no condado de Kent, um dos locais cuja costa é mais bem protegida por fortificações britânicas, graças a sua proximidade do continente e do inimigo francês, no ponto mais estreito do Canal da Mancha. Finalizando, Dover fica no extremo sul da Grã-Bretanha, sendo um dos pontos mais próximos da latitude ideal para o lançamento, prevista pelos analistas franceses.

Quando a carruagem se detém diante da residência de Moore, já tracei meu plano: primeiro, voltar ao exato momento de saída com a máquina do tempo, para evitar qualquer prejuízo à continuidade e um encontro indesejado com o cientista, chegando amparado por mim mesmo. Seria um paradoxo constrangedor. Segundo, acionar o grupo de Passepartout para um deslocamento imediato até as imediações de Dover, onde teremos cerca de uma semana para avaliar o terreno e estabelecer um plano de ação.

Pago a viagem ao cocheiro, que agradece com um murmúrio e vai embora. Assim que dobra a esquina, corro até os fundos da propriedade, arrasto um latão de lixo até o muro alto, e salto dessa plataforma improvisada para dentro do jardim de inverno nos fundos do laboratório.

Tudo está como deixei. Tomo o cuidado de checar todo o trajeto que percorri em minha primeira entrada no laboratório, retornando objetos a sua posição inicial e apagando digitais. Era

chegado o momento de voltar ao futuro. Sentei na máquina e girei a chave.

O laço envolveu meu pescoço e puxou-me para trás, esfolando a pele e me estrangulando. Tentei em vão enfiar as mãos entre a corda e o pescoço. Bati os pés desesperadamente sobre o painel de controle da máquina, até que consegui apoio suficiente para impulsionar meu corpo para fora do assento; caí no chão e rolei para o lado, e meu peso puxou meu agressor sobre mim. Usei o impulso para alavancá-lo em direção à porta de vidro, que se estilhaçou com o impacto. Vi, surpreso, o velho cocheiro que me trouxera havia poucos minutos debatendo-se para se erguer entre cacos de vidro e metal. Compreendi de imediato: *Griffin*!

O bastardo era mesmo uma raposa; após fugir da cena do crime disfarçara-se de cocheiro esperando que eu também escapasse de lá. O melhor modo de me seguir seria viajar comigo até meu destino, e agora ele tinha muito mais informações a meu respeito do que eu gostaria.

Arranquei a corda que feria meu pescoço, e vi que se tratava do próprio chicote de couro do cocheiro. Quando Griffin se levantou, arrancando uma lâmina ameaçadoramente afiada do meio das roupas, brandi o chicote e consegui envolver seu braço armado. Não conseguia ver seu rosto na penumbra, ainda oculto pelo espesso bigode grisalho do disfarce, mas percebi sua fúria na maneira como ele tentou puxar o chicote em sua direção. Em vez de transformar aquilo num inútil cabo-de-guerra, aproveitei o puxão para lançar meu corpo no espaço sobre ele. O impacto do meu peso atirou-o no jardim, e ele bateu ruidosamente contra o muro. Por um instante pareceu estar desacordado, mas quando me aproximei girou o corpo com uma velocidade espantosa. Senti a dor aguda da lâmina, que rasgou a manga do paletó e feriu meu braço superficialmente. Desferi um chute contra o rosto do adversário caído, que tombou para trás. Mas antes que eu ameaçasse investir de novo, aquele monstro dotado de surpreendente resistência, mesmo estando evidentemente tonto, já se apoiava sobre os joelhos, brandindo a inseparável lâmina diante de si, meio às cegas. Ouvi um apito do lado de fora do muro. Algum policial que fazia sua ronda pela rua ouvira o barulho da luta e solicitava reforços. Além de tudo eu estava ferido. Corri para a máquina do tempo, caindo sobre o assento. Vi a silhueta de Griffin apoiando-se no batente da porta no momento em que empurrei o manete para adiante.

O processo de deslocamento para o futuro foi semelhante ao da vez anterior, apenas as imagens eram mais desfocadas ao meu redor, e estranhamente a viagem me pareceu mais demorada. Fiquei surpreso quando a “bolha de tempo” se desfez, e a claridade do sol entrando pelo jardim ofuscou minha visão. Percebi que a porta de vidro continuava quebrada, e olhando ao redor não vi a mobília que anteriormente enchia o laboratório. O salão estava vazio, exceto pela máquina do tempo na qual eu acabava de chegar. Os acontecimentos do passado haviam mudado alguma coisa. Alguém, talvez o próprio Moore, removera o laboratório dali após as evidências de invasão. Mas como fora capaz de agir tão rápido? Essa dúvida e a luz solar me indicavam que havia algo errado. Eu deveria ter chegado à noite, no momento em que antes havia partido. Meus olhos caíram sobre o painel de controle, e minha espinha gelou. A fileira de números superior, que indicava minha data de destino no trajeto rumo ao futuro, indicava o dia primeiro de dezembro do mesmo ano, às dezesseis horas. A explicação me atingiu como um raio: no momento em que eu me debatera, buscando apoio com os pés no painel para escapar ao estrangulamento, meus movimentos haviam alterado a posição dos rolos de números. Em vez de um dia rumo ao futuro eu avançara nove!

Minha mente começou a trabalhar febrilmente. Em poucas horas, naquela mesma noite,

ocorreria o lançamento do projétil britânico rumo à Lua. Eu não fazia ideia do que Griffin fizera durante aqueles dias com as informações de que agora dispunha. Eu sabia que o homem era imprevisível e muito esperto. O conhecimento da existência da máquina do tempo era muito valioso para ser entregue de bandeja nas mãos do Serviço Secreto por alguém de sua laia, a menos que lucrasse muito com isso. Talvez ele ainda estivesse tramando algo em segredo, e nesse caso eu dispunha de algum tempo para agir. Se ele tivesse sido apanhado por seus superiores e confessado toda a história, estaria isolado até que a máquina fosse recuperada, e nesse caso minha cabeça estaria a prêmio. Eu só podia confiar na astúcia já demonstrada tantas vezes por meu adversário. Provavelmente Moore fora deslocado com seu laboratório para algum lugar secreto até que sua invenção reaparecesse ou fosse reconstruída; nesse caso, possivelmente Griffin é que estivesse sendo procurado como suspeito do desaparecimento. Estaria entocado em algum buraco matutando como fazer para me encontrar.

Todas as hipóteses indicavam que eu tinha, mais uma vez, que agir rápido. Saí da máquina, tendo o cuidado de levar a chave que a acionava, e percorri cuidadosamente os cômodos da casa. Moore não estava lá, e em seu quarto observei sinais de que levava roupas e objetos pessoais. Passando perto do hall de entrada, deparei com um homem estranho cochilando tranquilamente em uma poltrona, uma pistola de uso padrão do Serviço Secreto descansando em seu colo. Retornei ao laboratório e usei novamente a rota de fuga do muro dos fundos. Na esquina dei uma olhada furtiva, e vi do outro lado da rua dois agentes completando o time da tocaia. Fugi pelo outro lado, e com meu conhecimento dos becos e vias alternativas de Londres pude traçar um caminho até o Ministério das Relações Internacionais. O plano era arriscado, mas eu não via escolha melhor. Apresentei minhas credenciais de agente e procurei por John Withmore, o pseudônimo de Passepartout em seu disfarce britânico. A secretária do ministro informou que o chefe do gabinete e seu secretário haviam partido naquela manhã para destino ignorado, considerado confidencial. Eu fazia uma ideia do que se tratava; se Passepartout estivesse acompanhando Fogg a Dover, não teria tempo hábil para evitar o lançamento sem comprometer seu disfarce. Eu continuava sendo o curinga naquela missão. Assim sendo, usei minha autoridade e lábia de agente para requisitar em caráter de urgência um dos veículos automóveis que permaneciam a serviço do Ministério. Era um caso de vida ou morte, e isso era mesmo verdade, embora não da maneira como aqueles funcionários públicos imaginavam.

O veículo tinha um motor de dois cilindros e fazia dezenove milhas por hora. Levava a eternidade de quatro horas de Londres até Dover, portanto pus-me a caminho sem mais tardar.

O dia escureceu, apesar de minha viagem sem maiores impedimentos em velocidade máxima. Eu estava bem próximo à cidade costeira quando ouvi as primeiras explosões, acompanhadas de clarões que iluminavam o espaço por alguns segundos. Direcionei o veículo por uma estrada secundária até o alto de um penhasco, de onde poderia ter uma boa visão do que acontecia abaixo. E o que vi era ao mesmo tempo totalmente inesperado e absolutamente assustador.

A base militar estava repleta de soldados, que se perfilavam em batalhões de colunas paralelas, formando retângulos perfeitamente geométricos no amplo pátio junto aos edifícios. Percebi que a maioria absoluta deles tinha a pele morena e os cabelos escuros, e os capacetes enfeitados por longas penas de ave multicoloridas. Havia também oficiais aztecas, mas à frente de cada grupo de cinco ou seis retângulos humanos, um oficial de alta patente ostentava o

orgulhoso uniforme do exército inglês. Os soldados eram conduzidos na direção de enormes estruturas montadas junto ao mar; na mais perfeita ordem, entravam em enormes cilindros de brilho metálico, e pude observar através de uma das escotilhas como se prendiam à parede acolchoada no interior dos mesmos com grossas correias e fivelas. Quando a escotilha se fechava, o cilindro deslizava sobre trilhos até o interior de estruturas escuras e tubulares, verdadeiras chaminés de um cenário de pesadelo inclinadas diagonalmente em direção ao mar. Eram dez gigantescos canhões, que em pouco tempo disparavam aqueles cilindros recheados de soldados britânicos um após outro, com uma explosão e um clarão apavorantes. Não era apenas um, mas inúmeros projéteis, e me surpreendi ao observar o ângulo de inclinação dos canhões; não pareciam estar disparando em direção à Lua, e sim na direção... sudeste! Compreendi prontamente o significado daquilo. Consternado, retornei ao meu veículo e tomei o caminho de volta para Londres.

O ministro Jules Verne estava certo o tempo todo; não existia nada parecido com a chamada “cavorita” e agora as palavras que ouvi de boca daquele homem sábio ecoavam em minha mente como a voz de um fantasma: *“Acreditem, senhores, vocês só terão algo a temer caso estejam deixando passar alguma informação da qual nem desconfiam, mas que, tenho certeza, nada tem a ver com substâncias milagrosas abortadas pela imaginação de um tolo.”*

Obviamente eu tinha em Londres outra moradia, desconhecida por meus companheiros do Serviço Secreto Britânico, que eu usava para meus encontros com os agentes franceses, e reservava para um possível esconderijo caso fosse desmascarado por meus pares em meu jogo duplo. Foi para lá que rumei imediatamente. Ali contava com um aparelho de telégrafo, que me permitiria falar com meus contatos do outro lado do Canal da Mancha. Para minha surpresa, o aparelho estava ligado e funcionando quando entrei. Passaram-se alguns segundos antes que eu percebesse o vulto de pé na penumbra, em um canto do aposento.

– Se pretendia avisar os franceses, temo que tenha chegado tarde – disse Passepartout.

– Você esteve em Dover... – era uma afirmação, não uma pergunta.

– Reunido com todo o Estado-Maior no último momento antes da deflagração do plano, quando finalmente tudo foi revelado. Quando retornei a Londres e consegui me desvencilhar do ministro Fogg, não havia mais tempo para nada. O ataque já estava em andamento.

Lancei um olhar para o telégrafo, que continuava vomitando fitas com mensagens. Passepartout percebeu meu olhar e continuou:

– Vim até aqui e usei seu telégrafo para avisar Dupin, mas as notícias do norte da França já anunciavam a catástrofe. Seus traidores compatriotas lançaram a isca da conquista da Lua para desviar nossas atenções, e enquanto nos distraíam com esse truque barato de prestidigitação, com a mão livre equiparam a base secreta em Dover com os canhões que lançariam as tropas, soldados britânicos de elite e hordas de selvagens aztecas, por cima das torres de defesa da Linha Bonaparte, diretamente em território francês. Essas torres jamais esperariam um ataque por trás, estando perfeitamente equipadas para defender o continente de um ataque pelo mar, portanto foram rapidamente neutralizadas.

– Misericórdia...

– E isso não é tudo – continuou Passepartout, no mesmo tom baixo e sombrio -, em seguida começaram a chegar os navios vindos de Dover. As notícias de Calais dão conta de que esses navios desembarcaram sem a menor resistência estranhas e terríveis máquinas de guerra:

estruturas metálicas fortificadas que se movem pelo terreno sobre três pernas na forma de colunas telescópicas, disparando contra pessoas e construções com o que já está sendo chamado de “raio da morte”: um raio de calor concentrado, que parte de uma fonte irradiadora e passa através de um sistema intrincado de lentes e espelhos, para ser intensificado e tornar-se capaz de matar e incendiar.

– Lentos e espelhos... Meu Deus, era nisso que Cavor esteve trabalhando em Canterbury!

– Parece claro agora, não é? Você compreende o que tudo isso significa?

– Que acabou a hipocrisia da chamada “Guerra Fria”, Passepartout. Ingleses e aztecas deflagraram a verdadeira “Guerra dos Mundos”.

– Exato. O Outro Mundo, comandado por seus compatriotas, decidiu finalmente mostrar sua face e invadir o Velho Mundo, que afirmam estar fraco e decadente. Estão se espalhando por toda a Normandia. Mas tenho fé de que subestimam nossa capacidade de defesa...

– A invasão está acontecendo muito próxima à fronteira com a Prússia. Esses aliados dos franceses não vão perder tempo e encurralar os invasores entre duas frentes de batalha...

– Até nisso os ingleses pensaram, meu caro. Sua pusilanimidade vai muito além do que você imagina; as últimas mensagens revelam que uma imensa frota de fortalezas voadoras, aparentemente comandadas pelo próprio Robur, está neste momento atacando os prussianos pelas costas.

– Pelas costas? Isso significa...

– Que a aliança entre França e Rússia estava mais desgastada do que imaginávamos. Os russos franquearam seu território à passagem dos norte-americanos, sabe-se lá mediante quais promessas. Apenas uma pergunta ainda permanece sem resposta...

Permaneci em silêncio. Passepartout adiantou-se, e a luz do lampião aceso no aposento brilhou sobre o cano esguio de sua pistola, apontada em minha direção.

– Onde é que você esteve durante toda a última semana, desaparecido e sem dar qualquer notícia?

Eu poderia facilmente responder essa pergunta. Poderia contar ao agente francês sobre a mais espetacular arma secreta dos britânicos, a máquina do tempo que me fez saltar por sobre uma semana inteira de existência, e que tem o potencial de transformar toda a realidade que conhecemos em um punhado de delírios enlouquecidos, saídos da mente alucinada de autores de ficção. Mas eu não estava pronto para revelar esse segredo a eles. Não ainda.

– Desculpe, Passepartout, mas ainda não posso revelar isso. Você terá que confiar em mim.

– Não sei se estou disposto a confiar em qualquer inglês novamente – disse ele, erguendo a arma e apontando seu orifício escuro na direção de algum ponto entre meus olhos.

Suspirei desanimado. Quando você é um agente duplo, precisa aprender a conviver com algumas situações desagradáveis. Esta é apenas uma delas.



Um homem tem muito tempo para pensar quando a escuridão e o silêncio são absolutos. Nesses momentos, em que se encontra irremediavelmente entregue a si mesmo, a própria mente torna-se a única companheira, ainda que, pelo menos no meu caso, não seja a mais desejável.

Desligo o fraco lampião a gás, que providenciava minha única fonte de luz, já que a chama consome oxigênio, no momento o meu bem mais caro. Além do mais, tudo que eu podia ver eram as paredes do estreito cubículo que chamo de “cabine do comandante”, e no vidro da escotilha uma imagem distorcida pelas sombras desse meu rosto sulcado por anos de duras batalhas. Não estamos a uma profundidade suficiente para que o oceano lá fora esteja tão absolutamente escuro; isso significa que ainda é noite. Vez ou outra um rangido percorre toda a extensão do submersível, como se ele se ajeitasse brevemente durante o sono em seu leito de lama. Mas na maior parte do tempo estamos reduzidos a isso: um punhado de almas penadas no bojo de um túmulo submarino. Meus homens, com sua fidelidade canina, esperam por mim. Eu, com toda minha experiência e paciência de pescador, também espero. A estratégia nada mais é do que a mais refinada inteligência colocada a serviço da guerra, ainda que a princípio “inteligência” e “guerra” possam parecer duas palavras incompatíveis quando colocadas em uma mesma frase.

A despeito de estar sendo construído sobre o alicerce de milhares de mortos, este conflito que já dura centenas de anos, mas que com o advento da hipocrisia dos governantes recebeu o nome eufemístico de “Guerra Fria”, teve sua origem em uma sequência de brilhantes manobras estratégicas. Primeiro, quando piratas ingleses valeram-se de artimanhas e intrigas para arrancar o Império Azteca das mãos dos espanhóis, e em seguida transformaram aqueles selvagens emplumados nos principais aliados do Império Britânico. Por outro lado, quando os derrotados

espanhóis foram bater às portas do Império Francês em busca de socorro, foi uma jogada inteligente a dos franceses anexando a Península Ibérica a seus domínios. Somando-se a isso a invasão da Prússia e a aliança com o czar russo, concretizou-se a formação da principal potência continental da Europa. Aos britânicos restou o controle quase absoluto das Américas e das distantes possessões na Ásia e África, o que faz deles o maior império do mundo, porém o mais disperso, relativamente enfraquecido pelas distâncias excessivas. Assim foi estabelecido o frágil equilíbrio das forças antagonicas que comandam o planeta, que persiste através das eras como a disputa eterna de dois vampiros invisíveis, mas sedentos de sangue.

Já faz tempo que os principais países em conflito não realizam significativas invasões territoriais. A guerra permanece limitada a escaramuças em águas distantes ou em territórios neutros, ou nas regiões incertas das fronteiras. Em geral, em lugares tão afastados dos grandes aglomerados populacionais que a imprensa joga um importante papel na manipulação da opinião pública, minimizando as próprias derrotas ou ampliando desmesuradamente os atos heróicos de seus exércitos.

O refinamento da civilização trouxe os avanços tecnológicos; na maioria das vezes, admito e declaro aqui a *mea culpa*, criados para agir a serviço da morte e do domínio do semelhante. Trouxe também a chamada “diplomacia”, que para mim não passa de uma tentativa hipócrita de minimizar as perdas, e os curiosos “códigos de ética”.

As luzes da memória afastam a escuridão sufocante do ambiente, e me transportam alguns poucos meses ao passado, para uma mesa escondida pela penumbra em um dos cantos menos barulhentos de um bar de marinheiros de Le Havre. Meu imediato, o experiente Tenente Le Beau, talvez sob efeito do excesso de rum, desabafava algumas inquietações profundas:

– Talvez o senhor possa me explicar, Almirante, por que não mandamos os botes salva-vidas para o fundo do mar junto com o maldito navio.

Le Beau mal era capaz de conter sua frustração. O navio *Abraham Lincoln*, da marinha estadunidense, vinha infringindo pesadas baixas em nossa frota do Atlântico, tendo inclusive afundado sete navios cargueiros que deveriam abastecer com suprimentos os combatentes franceses e ibéricos no front do Brasil. Eu me encarreguei de caçá-lo pessoalmente, e finalmente o localizamos ao largo da baía de La Baule, numa noite de tempestade. Conhecendo o poder de fogo do *Lincoln*, não lhes demos tempo para reagir. Emergimos a bombordo do inimigo como um narval enfurecido, e despejamos metade da nossa carga de torpedos em seu flanco. O gigante se partiu em dois e, enquanto o metal rasgado rangia em seus derradeiros suspiros, nossa tripulação uivava em júbilo. Entrementes, as chamas dos incêndios nos permitiram vislumbrar cerca de dez botes salva-vidas que se afastavam do local da tragédia, lutando contra as ondas do mar revoltado. Le Beau imediatamente destacou dois marinheiros para operarem as metralhadoras de proa, mas em seguida ordenei que ignorassem aquele comando e retornassem aos seus postos. Desde então percebi uma sutil cortina de ressentimento que se erguera entre minha pessoa e a de meu imediato, e agora era o momento de colocar tudo às claras. Dei um gole prolongado em meu copo de rum e respondi:

– A verdadeira ameaça já estava eliminada, Le Beau. O *Lincoln* jamais importunará alguém que não os peixes. Nossa missão foi cumprida com sucesso, não havia razão para prosseguir com a matança.

– O *Lincoln* era apenas uma máquina – ele se inclinou para frente por sobre a mesa, os dedos

das mãos crispados e os dentes à mostra em um sorriso feroz – O senhor sabe muito bem disso. Não passava de um casulo de metal cuspidor fumaça de vapor pelas chaminés e fogo dos canhões pelo oceano afora, mas ele não tinha alma nem vontade própria. O verdadeiro inimigo, que alimentava as caldeiras e disparava os canhões, estava naqueles botes salva-vidas. Foram eles que assassinaram dezenas dos nossos soldados que agora jazem no fundo daquelas águas, e eles simplesmente passaram remando por sobre suas carcaças rumo à segurança da costa porque nós permitimos que escapassem.

– É provável que nem todos tenham conseguido, Imediato – eu tentava parecer casual. – A tempestade estava forte naquela noite e sem uma orientação adequada é possível que muitos deles também tenham sucumbido ao mar.

Le Beau se recostou, fazendo a cadeira ranger, e franziu o cenho. Balançava a cabeça debilmente para os lados em uma negativa inconsciente, como um garoto inconformado por ter sido privado pelos pais do direito de praticar seu esporte predileto.

– Isso não me satisfaz, senhor. Desculpe a franqueza, mas deixar que Netuno realize a melhor parte do meu trabalho não me deixa feliz.

– Talvez essa não seja a “melhor parte” do seu trabalho. Você ainda confia em mim, Le Beau?

– Como sempre, Almirante. Não ouse colocar isso em dúvida.

– Nesse caso, peço que dê tempo ao tempo. Tenho certeza de que este velho lobo do mar ainda viverá o suficiente para ver você compreender o significado de tudo isso.

Olhando para meu imediato eu via a mim mesmo nos primeiros anos dessa loucura. Cresci em uma pequena aldeia nas montanhas, mas meu amor pela ciência levou-me ainda muito jovem para longe da minha família. Na cidade grande pude me aprofundar nos oceanos de conhecimento da física, da mecânica, da engenharia naval, e eu sonhava um dia poder alcançar sucesso o suficiente para dar a meus pais e irmãos uma vida mais digna. Até que a notícia chegou e me atingiu como um torpedo.

Eu nunca vi aquelas cenas na realidade. Eu não estava lá, na aldeia das montanhas, quando os soldados ingleses chegaram. Jamais senti o calor das chamas que consumiram as casas daquelas famílias de agricultores. Jamais ouvi os gritos de terror e de dor, inclusive os de meus pais e irmãos. Não vi minha jovem irmã ser capturada viva por aqueles homens imundos e fedidos, não os vi rasgarem suas roupas e...

Acordo banhado em suor, e meu grito ecoa pelas paredes da minúscula cabine. Tudo é escuridão, e dou graças a Deus por isso. Era um sonho. O mesmo sonho de novo, que me levou a vender meu talento para a guerra, essa tirana sanguinária a quem me vejo obrigado a servir, e a quem odeio por me fazer sentir como o pior dos seres.

Não sou dado à falsa modéstia; reconheço que tenho muito valor. A primeira nave submersível que construí foi um sucesso estrondoso entre os franceses, que me acolheram com alegria. É a mesma que me acompanha até hoje, aqui nesse escuro fundo de mar, equipada com o passar dos tempos com o melhor que existe em termos de armamento. Hoje comando pessoalmente a unidade mais antiga, mas ainda a mais temível de toda a frota francesa de submersíveis que faz tremerem as tripulações dos navios ingleses no Atlântico e no Canal da Mancha. O poder explosivo de meus torpedos é insuperável. Minhas metralhadoras de repetição da proa transformam carne em poeira sangrenta. Meus pioneiros mísseis terra-ar permanecem

sendo uma exclusividade da marinha francesa, e podem atingir uma fortaleza voadora sem que o submersível tenha ainda que estar visível na superfície do oceano. Assim eu me tornei o rei dos mares, enquanto o maldito estadunidense que se encontra em algum lugar na escuridão que me cerca dominou os ares com seus dirigíveis de batalha, em favor do Império Britânico.

Era inevitável que nos encontrássemos um dia. As histórias contadas pelos tabloides a respeito do meu nêtese, muitas delas provavelmente lendas, praticamente fazem de nós dois irmãos gêmeos. Certa vez usaram afirmar isso literalmente, referindo-se a nós dois como “gêmeos nascidos em lados opostos da guerra”. O que se pode dizer de concreto é que o homem era discípulo e protegido do Doutor Fergusson, o brilhante cientista inglês radicado na América, pioneiro na construção de aerostatos que, graças a suas valiosas contribuições ao incremento da maquinaria de guerra britânica, acabou sendo assassinado por um espião francês nos Estados Unidos. Mal sabia a Inteligência Francesa que seu protegido era um cientista ainda mais brilhante, que dedicou todo o seu talento e fúria ao incremento da frota de dirigíveis, para que se tornassem o que são hoje: fortalezas voadoras quase imbatíveis, cada unidade dotada de um poder de fogo capaz de riscar do mapa uma cidade inteira. Sua velocidade de manobra e a possibilidade de se deslocarem nas três dimensões do espaço dão a elas uma significativa vantagem sobre os simples navios, de deslocamento bidimensional na superfície da água, enfrentando, além disso, uma resistência muito maior aos seus movimentos do que aquela imposta pelo ar.

Eis porque o maior adversário reconhecido das fortalezas voadoras são os meus submersíveis: além de contarmos com a mesma vantagem do deslocamento tridimensional, que nos permite buscar abrigo nas profundezas como fazemos agora, o oceano nos fornece a dádiva da invisibilidade, possibilitando nossos ataques com enorme velocidade e absoluta surpresa. Os estadunidenses foram obrigados a investir na criação de potentes cargas de profundidade, bombas que explodem vários metros sob o manto das águas e que, efetivamente, já nos causaram consideráveis baixas. É por essa razão que já se contam em dezenas os confrontos entre esses dois grandes inimigos, a frota aérea estadunidense e a frota submarina francesa, que escreveram sem nenhuma dúvida um capítulo muito particular na história desta longa guerra. Permanece o frágil equilíbrio das forças antagônicas que comandam o planeta. Permanece a disputa eterna dos dois vampiros sedentos de sangue.

Olho na direção da escotilha da cabine, e tenho a impressão de que posso vislumbrar os contornos circulares do vidro, uma tênue bola azul escura que ainda mal se destaca do todo negro que nos cerca. Isso significa que lá na superfície já deve estar amanhecendo.

Recordo-me da tarde anterior, ainda que já me pareça ter se passado pelo menos um ano. Estávamos patrulhando às escondidas a costa ocidental da Irlanda, algumas milhas a oeste de Westport, onde os ingleses mantêm uma importante fábrica de navios. Caso pudessemos comprovar que ali estariam sendo construídos navios de guerra, o porto de Westport se transformaria instantaneamente em alvo militar.

O mar estava excepcionalmente calmo, algo incomum para aquela região em particular e o céu vermelho antecipava uma noite muito fria. Talvez fosse uma boa oportunidade para arriscarmos uma aproximação maior, para darmos uma boa olhada em nosso alvo.

Encontrava-me no alto da torre externa, a gola do sobretudo erguida contra a inclemência de um vento gelado, perscrutando o horizonte com minha luneta em busca de algum sinal de vida na

costa pedregosa, quando percebi uma sombra alongada passar pelo meu campo de visão diante dos raios moribundos do sol poente. A estratégia da fortaleza voadora foi impecável: posicionou-se num ponto onde pudesse permanecer pelo maior tempo possível camuflada, graças à ofuscação provocada pelo sol na linha do horizonte, e aproximou-se de nós silenciosamente pouco acima da superfície do mar. Quando dei o alerta aos berros, já se encontrava bem em cima de nós. Eu acabava de fechar a escotilha externa e dava as primeiras ordens a um bando de marinheiros esbaforidos, quando o submersível foi sacudido por uma violenta explosão bem do lado de fora do casco. A eletricidade, nossa fonte de vida sob as águas, piscou terrivelmente, mas resistiu. Ordenei, em caráter emergencial, o disparo livre de todas as baterias externas dos canhões de bombordo, e o lançamento de quatro mísseis terra-ar disparados em cone invertido por sobre nossa nave. Mal a ordem havia sido cumprida e novas explosões nos fizeram balançar de maneira aterrorizante. O casco rangeu como se fosse ceder, várias luzes de bordo se apagaram, e diferentes setores do submersível reportavam à ponte de comando, com vozes aflitas, uma série de pontos de alagamento ou panes elétricos.

Minha voz ergueu-se acima daquela balbúrdia ordenando a submersão de emergência, e com o acionar de uma série de botões por mãos trêmulas que ansiavam por aquela ordem os tanques de lastro abriram-se de uma vez, provocando som semelhante a diversos sinos badalando sob o mar. A água salgada inundou os compartimentos, e afundamos com total velocidade até atingirmos o fundo lamacento, onde estancamos com um baque surdo. Durante um minuto ou dois não houve nenhum som além da confusão de gritos da tripulação, fossem motivados pelo pânico ou simplesmente trocas de comandos na tentativa de estabilizar nossa precária situação. Mas logo as explosões recomeçaram e pareciam estar ocorrendo bem perto de nossa posição.

– Cargas de profundidade! – gritou Le Beau – Desliguem as luzes elétricas e o equipamento não essencial!

– Silênciem os motores! – completei.

A ordem foi obedecida à risca, e até mesmo os gritos cessaram, embora talvez mais pelo absoluto pavor do que por obediência. O bojo da embarcação ficou completamente escuro, até que os tênues focos dos lampiões a gás começaram a acender em um ponto ou outro dos corredores e conveses, lançando sombras fantasmagóricas ao redor. Permanecemos na penumbra, em total silêncio, ouvindo as explosões lá fora. As primeiras ainda fizeram com que o submersível balançasse, mas aos poucos os estrondos foram ficando mais fracos, como uma tempestade que se afastasse de nossa posição, até que cessaram completamente. Pela primeira vez suspirei, aliviado. Ainda estávamos vivos, e pelo que conhecia a respeito do meu inimigo, eu sabia que isso não significava pouca coisa.

Analisando por certo ângulo, um submersível sem energia não é muito mais que um esquife mortuário enfeitado com equipamentos tecnológicos. O ar já seria um bem precioso em circunstâncias normais. Sepultado por inexoráveis toneladas de água salgada, assombrado pelo espectro da impossibilidade de sair dali, e sentindo nos pulmões a ardência da atmosfera maculada por nuvens de fumaça, é necessário muito valor para que um pobre mortal não se entregue aos tentáculos da claustrofobia e do pânico. Caminhando pelos corredores eu podia sentir como algo palpável o desespero da tripulação; ignorava respeitosamente os incontroláveis gemidos e tremores de um e outro. Intimamente, agradecia comovido por seus esforços heroicos na tentativa de manter a calma e a disciplina diante do desastre.

Não demorou muito para que Le Beau se aproximasse e, aos sussurros, me fizesse um relatório sumário a respeito dos danos já contabilizados. A situação não era nada boa.

– Recebemos informes sobre cinco feridos sem gravidade e mais dois que inspiram maiores cuidados. Três focos de incêndio já foram completamente controlados. Parte do armamento de bombardeio está inutilizada, assim como as saídas traseiras dos mísseis terra-ar. O leme emperrou, as hélices de popa não respondem. Perdemos dois terços das baterias elétricas e grande parte do suprimento de ar, não apenas pelos reservatórios que foram atingidos, mas também pelos vazamentos no casco. Três conveses estão completamente inundados, mas já devidamente isolados. O reservatório de piroxila felizmente não foi afetado pelo ataque.

– Não vejo muito que possamos fazer aqui no fundo...

– Uma inspeção externa poderia nos dar uma ideia mais precisa da real extensão dos danos, principalmente na parte traseira, que comprometeram muito nossa capacidade de manobra.

– Obviamente precisaríamos emergir para fazer isso.

– Estive pensando em lançar um sino de mergulho com dois ou três escafandristas a bordo...

– Para isso teríamos que acionar motores para o bombeamento de ar dentro do sino. Ar, a propósito, que não é um bem que possamos desperdiçar no momento. E como já anoiteceu, teríamos que acionar luzes para a inspeção, o que seria um descuido fatal. O mar neste local não me parece ter profundidade suficiente para nos manter livres de localização por parte do inimigo, principalmente com as luzes acesas.

– Talvez com a chegada da manhã tenhamos uma luminosidade externa suficiente para...

– Quanto mais luz houver lá fora, mais fácil será para que a fortaleza voadora nos aviste do alto. Não sabemos se eles ainda dispõem de cargas de profundidade. Portanto, creio que teremos que pensar em algo diferente, e bem rápido, Le Beau.

O imediato rosnou uma praga pouco lisonjeira.

– Detesto me sentir como um rato preso em uma ratoeira submarina. Gostaria de ter o tempo necessário para posar meus dedos em torno da garganta de cada inglês vivo, e uma lâmina bem afiada para testar a resistência do couro de seus amigos aztecas.

– Que em seus sonhos, pelo menos, você possa encontrar algum alívio. Bem, não vejo melhor remédio do que aproveitar a proteção da escuridão para ficarmos bem quietos e descansarmos um pouco. Creio que vou até minha cabine.

– Se me permite vou permanecer aqui por enquanto, Almirante. Não vejo como o ódio que me consome o peito me permita desfrutar de qualquer repouso.

– Quero que me informe sobre qualquer novidade, e de uma forma ou de outra me chame para rendê-lo em quatro horas.

Retirei-me para meus aposentos com o auxílio de um lampião a gás, sem conseguir evitar um sorriso triste diante da impetuosidade e raiva manifestas por Le Beau. Sim, não era o momento de confessar, mas um dia fui exatamente como ele. Quem poderia me censurar por isso? Qual homem neste planeta, independente das cores da bandeira que defende, poderia dizer que conseguiu viver sua vida imune aos efeitos diretos ou indiretos desse conflito insano que já perdura por gerações? Foi justamente o ódio, como já disse, e o desejo de vingança, que impulsionaram minha inteligência e minha mão criadora para dentro da tempestade. Isso prevaleceu durante uma eternidade, até o momento preciso em que alguma coisa mudou, como se as águas turvas se tornassem de repente um pouco mais límpidas, permitindo-me ver

contornos e detalhes inesperados.

Aconteceu pouco tempo, um ano ou dois, antes que Le Beau se juntasse a minha tripulação. Meu imediato era o Tenente Rochelle, um bom marinheiro, que depois de promovido assumiu o timão do submarível *Calamar*.

Estávamos havia seis dias esquadrinhando as águas próximas à entrada do Mediterrâneo, à caça de um *destroyer* inglês que causava terror na frota unificada dos ibéricos, atacando com rapidez e precisão navios solitários de patrulha ao longo da costa atlântica. Era uma noite de muita neblina quando detectamos o navio de bandeira britânica, tentando passar despercebido com iluminação reduzida pelo nevoeiro, em direção à costa africana. Estávamos todos cansados e irritados com a demora da missão, já que naqueles dias tediosos não havíamos nos deparado ainda com nenhuma pista do inimigo, embora os relatórios sobre ataques continuassem chegando. Dei a ordem com prazer, e uma salva de torpedos colocou o navio a pique. Comemoramos brevemente com rum, antes de tomarmos o rumo de volta para Le Havre. Na metade do dia seguinte recebemos a comunicação: havíamos afundado o navio errado. De fato a bandeira era inglesa, e a atitude furtiva provavelmente devia-se ao temor da tripulação por estar atravessando o oceano ao largo da costa de países sabidamente hostis. Em vez de um *destroyer*, eu havia ordenado a destruição de um navio de passageiros, o *Príncipe de Gales*, que se dirigia a uma colônia inglesa na África. Havia relatos de alguns sobreviventes, mas confirmou-se a morte de mais de oitenta civis.

Na guerra, enganos desse tipo são relativamente comuns. Em termos práticos, comandantes das Forças Armadas e políticos os condenam oficialmente, mas são na realidade tratados como “perdas aceitáveis”. Um incidente infeliz. Uma fatalidade.

A mim fez um mal imenso reconhecer-me como o protagonista de uma “fatalidade” como aquela. Mais do que nunca minhas poucas horas de sono passaram a ser assoladas pelos pesadelos, que retratavam em cores carregadas o massacre de minha vila natal pelo exército colonial inglês. Como já disse, eu não estava presente no dia fatídico, mas meu espírito se encarregava, através dos sonhos, de torturar-me com imagens que, eu tinha uma dolorosa certeza, eram tão terríveis como as que de fato ali se desenrolaram. Mas agora os pesadelos vinham acrescidos de um requinte de crueldade: eu via minha família no convés de um navio de passageiros, no momento em que surgia ao largo, vinda das profundezas, uma nave submarível. O meu submarível! Meu pai apontava, assustado, para as linhas brancas de espuma que marcavam a trilha mortal dos torpedos se aproximando. Eu acordava banhado em suor no momento da explosão, quando a bola de fogo envolvia minha mãe e irmãos.

Para mim não bastava o rótulo de um “incidente infeliz”. Eu tinha certeza de que não era com esses termos que os poucos sobreviventes definiam o episódio, e certamente não se referiam à minha pessoa com tanta condescendência. Por outro lado, eu sabia que meu coração não era o de um monstro assassino. Por analogia, a despeito das atrocidades cometidas contra meu povo e familiares, seria justo considerar que, nas fileiras do imenso exército britânico espalhado ao redor do mundo, houvesse pessoas boas e justas como eu me considerava, que por uma trágica fatalidade me via obrigado a rotular como “inimigos”, mas que talvez pudessem ser pessoas de agradável convívio e até amigas, em um mundo hipotético melhor que este.

Desde então destitui meu ódio de sua patente de general em minha vida, e o coloquei em segundo plano sob estreita vigilância. Passei a me esforçar para que a razão equilibrada e a

sensibilidade, ainda que nos momentos mais críticos, participassem sempre de minhas decisões de comando. Tudo que eu esperava era que pudesse ter a oportunidade de fazer com que meu bom imediato compartilhasse dessa visão. Mas encalhado no fundo do mar, envolto pela escuridão impenetrável, eu admito que, naquele exato momento, os inimigos que enfrentávamos não estavam colaborando muito com minha nova concepção da guerra.

Minhas reflexões são interrompidas por uma tímida batida à porta da cabine. Volto a acender o lampião e abro a porta. Mesmo sob a luz mortiça sou capaz de perceber o olhar desanimado de Le Beau.

– Com licença, Almirante. O senhor pediu que eu o informasse ao final do turno de quatro horas...

– Perfeitamente, Imediato. Alguma novidade sobre nossa atual situação?

– Nada em relação ao inimigo. Não há como saber se ele ainda se encontra à nossa espera na superfície.

– Ah, ele está lá, pode ter certeza.

Le Beau me contempla com um olhar enigmático. Ele quer saber de onde vem tamanha convicção. Eu explico:

– Enquanto eu estava lá em cima, na torre externa, pude dar uma boa olhada na fortaleza voadora que nos surpreendeu. Era o *Albatroz*.

– O *Albatroz*... – A exclamação de meu imediato traduz uma legítima surpresa, mesclada com um toque de veneração.

– Isso mesmo, Le Beau: é a nau capitânea da frota aérea estadunidense, enfrentando a nau capitânea da frota submarina francesa. Que ironia, não?

– Então o comandante deles deve ser...

– O próprio. Dizem os jornais que eu e ele somos “gêmeos”, sabia disso? Caso isso seja verdade, acredito que possa prever seu comportamento a partir do meu próprio. Se eu estivesse lá, acima das águas, saberia com certeza que conseguirei avariar seriamente este submersível. Saberá que é só uma questão de tempo até que ele tenha que voltar à superfície, se ainda for capaz de tanto. Portanto esteja certo, Le Beau: ele vai esperar. Pelo menos por enquanto, ele vai estar lá fora aguardando.

Meu imediato suspira, desanimado.

– Nesse caso, temo que ele não tenha que esperar muito, senhor.

– Que notícias são essas, que você me traz na escuridão de minha cabine?

– A pane elétrica é mais séria do que imaginávamos a princípio. Todo o sistema de lançamento dos mísseis terra-ar encontra-se comprometido. Os canhões que ainda funcionam também terão, em caso de necessidade, que ser abastecidos e movimentados à mão. Porém o mais grave é nossa reserva de oxigênio...

– Isso não me surpreende. Aqui mesmo, enquanto falamos, já posso perceber uma maior dificuldade para respirar.

– Exatamente. Em muito poucas horas, não teremos alternativa senão emergir para renovar as reservas de ar. Bem, a não ser que...

A hesitação de Le Beau não me passa despercebida, antes mesmo da pausa em sua fala.

– Continue, Imediato.

– Como o senhor sabe, existe o sistema de oxigenação de emergência. Isso deve resolver o

problema de oxigenação da tripulação essencial da ponte de comando por vinte e quatro horas.

A insinuação por trás daquela simples frase tem a força de uma traiçoeira e invisível correnteza submarina, e nada mais precisa ser explicado. O “sistema de oxigenação de emergência” foi uma exigência do Comando Naval para aumentar as chances de recuperação de um submersível após uma tragédia. É tecnologia secreta e legitimamente francesa. Através de um processo relativamente simples, o aquecimento de oito quilos de clorato de potássio pode liberar três quilos de oxigênio, convertendo-se em cloreto de potássio. Como disse Le Beau, Isso deve resolver o problema de oxigenação da tripulação essencial da ponte de comando por vinte e quatro horas. Mas *apenas* da ponte de comando, nada mais.

– A tripulação da ponte consiste em seis tripulantes, Le Beau.

– Estou ciente disso, Almirante.

– Então também deve estar ciente de que a tripulação completa desta nave é de trinta homens, correto?

Le Beau permanece cabisbaixo e em silêncio. Eu não posso condená-lo; sua obrigação é manter-me a par de todas as alternativas possíveis.

– Grato pela lembrança, mas você conhece bem minha maneira de pensar: ou todos se salvam ou ninguém se salva. Entendido?

– Perfeitamente, senhor.

– Nesse caso, que outras opções temos?

Ele lança um olhar para a escotilha da cabine, por trás da qual a água do oceano já assumia um tom nitidamente azulado.

– Para que não morramos asfixiados, devemos retornar à superfície em no máximo três horas. E ainda assim, pelo que o senhor supõe, sobreviver não será uma tarefa fácil.

Levanto-me da cama e dou dois passos até a escotilha. Não havia me dado conta de que, já faz muitos anos, o oceano é meu lar. É aqui que eu vivo, e é aqui que eu quero morrer. Mas não agora. Ainda não.

– Está a par das notícias sobre os avanços tecnológicos da frota aérea americana, Imediato?

– Não sei ao certo, Almirante...

– Nossa Inteligência apurou que eles estão tentando transformar as fortalezas voadoras em veículos anfíbios, capazes de se deslocar tanto no ar quanto sob as águas. Sabia disso?

O sorriso de desdém de Le Beau é bem visível na penumbra. Sua voz destila desprezo quando diz:

– Sem qualquer sucesso, imagino.

– Correto. Ainda sem nenhum sucesso – tenho o cuidado de sublinhar a palavra “ainda”. – Se eu estivesse ao comando daquela fortaleza voadora lá em cima, sabe o que estaria se passando em minha mente?

Ele permanece em silêncio, na expectativa.

– Eu estaria vendo neste incidente uma oportunidade inestimável para colocar minhas mãos em um autêntico submersível francês.

– Isso jamais aconteceu, Almirante!

– E não seria justo que acontecesse justamente com a nau capitânea da frota, não concorda? Eu preferiria morrer a colocar nossa tecnologia à disposição do Império Britânico.

– Tenho certeza de que essa é a opinião da tripulação inteira.

– Eu também. Mas nada impede que defendamos o que é nosso até o último instante. Não temos mais mísseis terra-ar e nossas manobras com os canhões laterais estão comprometidas. Mas enquanto aqueles ingleses tentam se aproximar para pegar seu prêmio, acredito que possamos fazer um belo estrago com as metralhadoras de proa, você não acha?

– Com certeza. Seria um prazer tentar, ainda que eu não acredite que seja o suficiente para deter uma fortaleza voadora.

– Como está nosso depósito de piroxila?

– Cheio quase até o topo.

– Então, por favor, providencie a instalação de cargas explosivas no depósito. Quando não houver mais nada a fazer a não ser capitular, creio que ainda podemos proporcionar um belíssimo espetáculo pirotécnico a nossos inimigos e, quem sabe, dependendo da sua proximidade, fazer com que eles mesmos participem da festa.

Le Beau faz uma continência impecável e pede licença para se retirar. Eu praticamente acabava de declarar sua sentença de morte e a de toda a minha tripulação, mas podia perceber claramente o orgulho com o qual ele se incumbiria dos preparativos. É um bom soldado. Todos são, eu os escolhi a dedo. Nenhum deles merecia terminar sua história assim, tão jovem. Essa era uma das brutais insanidades da guerra.

A piroxila era uma invenção francesa, mas já disponível do lado britânico, graças à eficiência da espionagem. Mais potente que a pólvora em seu potencial explosivo, e ocupava menos espaço, o que era essencial em veículos submersíveis, onde espaço físico é precioso. É ela que abastecia nossos mísseis e canhões. Em último caso eu não hesitaria em fazer meu navio em pedaços, antes que o inimigo pudesse fazer dele um troféu.

As duas horas seguintes, que passo na ponte de comando, parecem semanas. Ao final desse tempo, o simples ato de respirar já representa um esforço heroico. Pelas escotilhas posso ver o oceano clareando inexoravelmente. Estamos em águas ainda mais rasas do que eu havia imaginado. Logo o risco de sermos detectados pelo inimigo a partir do céu será alto demais. Nesse caso, se eles ainda tiverem cargas de profundidade, estaremos perdendo nossa única chance de lutar pela sobrevivência. Não há mais por que adiar o confronto. Dou a ordem:

– Tripulação, postos de combate. Tenente, esvaziar tanques de lastro. Vamos subir e ver do que esses americanos são feitos.

O acionar dos motores faz o submersível estremecer, mas o som foi tristemente mais tênue do que eu estava acostumado. Minha querida nave está nas últimas. Ouço o ranger das escotilhas inferiores, e o bojo inteiro balança. As bombas que drenam a água contida nos tanques de lastro iniciam um zumbido preguiçoso. Lentamente, começamos a emergir.

– Peça permissão para operar uma das metralhadoras de proa, senhor.

– Será um prazer tê-lo ao meu lado, Le Beau. Mas antes, por favor, designe um de seus homens de maior confiança para ficar a postos junto ao detonador da piroxila.

O *Nautilus*, orgulho maior da frota submarina francesa, ainda que mortalmente ferido, desponta na superfície exibindo ao sol nascente toda a beleza de seu perfil metálico. Imediatamente abro a escotilha superior e salto para a proa, auxiliado por um marinheiro que transporta as fitas de cartuchos da munição. Le Beau salta logo atrás de mim com seu próprio ajudante, e vai logo dando o alerta:

– Fortaleza inimiga às dez horas!

Crispo minhas calejadas mãos em torno das alças metálicas da metralhadora e giro-a na direção indicada. O que vejo é surpreendente.

O *Albatroz* encontra-se a cerca de trinta metros, muito próximo à linha d'água. Em caso de uma tempestade, as ondas mais altas seriam capazes de lamber o fundo de sua cabine retangular, pendurada no ponto central sob o gigantesco balão dirigível. Essa cabine, para minha surpresa, encontra-se em posição oblíqua, encurvada sobre seu eixo horizontal para estibordo. Observando melhor, todo o balão está encurvado. Em vez do tradicional formato de charuto, exibe a grotesca forma de uma banana, com a parte central mais baixa que as extremidades. Percebo que, no lado superior, cerca de metade de seu formidável conjunto de hélices, que possibilitavam sua flutuação e movimentação em altas velocidades, está imóvel. A impressão que aquele quadro deixa é de que o *Albatroz* mal está sendo capaz de se manter no ar, lutando com todas as forças para não sucumbir ao oceano.

O vento marinho faz com que o colosso gire lateralmente, e só então me deparo com a causa do fenômeno: toda a parte posterior da cabine alongada, onde deveria estar a casa de máquinas, encontra-se enegrecida e parcialmente destruída. Uma tênue fumaça escura ainda brota dos profundos cortes no metal em seu flanco e na parte inferior. Le Beau pronuncia em voz alta o diagnóstico que eu também já deduzira; sua voz sai carregada de excitação:

– *Sacre Bleu!* Foi um de nossos misseis, Almirante! Daqueles quatro que disparamos em caráter de emergência e às cegas, antes de submergirmos, um deles atingiu o alvo em cheio!

De fato, para nossa surpresa, o inimigo encontra-se em situação muito semelhante à nossa. Ainda que os danos sofridos justificassem seu abandono da contenda, permanecera ali durante toda à noite, à espera, apagando seus incêndios e tentando recuperar sua navegabilidade como nós fazíamos sob as águas. Agora, tanto quanto nós mesmos, encontra-se bem disposto para o combate.

O dirigível gira a proa em nossa direção, e as inúmeras placas metálicas semelhantes a escamas que recobrem seu balão um pouco murcho cintilam ao sol. O zumbido dos motores, pelo menos os que ainda restam, aumenta de intensidade. Ele se aproxima devagar, mas decididamente.

Ouçó quando Le Beau desarma a trava de sua metralhadora. O estalido metálico do primeiro cartucho encaixando-se no cano de disparo coincide com meu gesto apressado de mão, indicando que ele aguarde. Elevo a mira da minha arma e dou ordem ao imediato para que, a qualquer custo, aguarde meu primeiro disparo.

Agora o adversário está tão próximo que eu posso ver as silhuetas dos tripulantes pela ampla e retangular escotilha frontal da cabine. Os canhões de bombordo encontram-se, graças à posição anormal da mesma, voltados para o alto. Certamente não seriam capazes de mirar em um alvo na superfície do oceano. Os canhões de estibordo estão excessivamente inclinados para baixo, e o dirigível teria que chegar bem perto de nós para obter uma capacidade de mira segura, assim como os canhões inferiores, ou o que restava deles, que teriam que estar quase sobre o submergível para serem efetivos, considerando a baixa altitude do balão. Bem diante da proa, entretanto, dois canos de metralhadora semelhantes aos do *Nautilus* apontam para nós em atitude ameaçadora. É quando o dirigível se aproxima um pouco mais que os raios do sol nascente inundam a janela anterior, e então eu o percebo com clareza. Bem ao centro, apoiado na borda incomodamente inclinada, o homem usa o quepe de comandante, além de uma camiseta de

listras horizontais azuis e brancas à moda dos marinheiros, coberta por uma jaqueta azul de gola elevada. Pela primeira vez na história daquela guerra as duas chamadas “lendas vivas”, o Almirante Nemo e o Comandante Robur, encaram-se olhos nos olhos.

Le Beau limpa o suor da fronte na manga do casaco. Ele saltita de um pé para o outro com incontida excitação. Em minha mente vem a imagem de um mastim feroz aguardando que o dono o libere da corrente para estraçalhar um agressor, e me invade uma ponta de temor de que, a despeito de todo o respeito e a obediência habituais, dessa vez eu não seja capaz de contê-lo por muito tempo.

– Senhor, eles já estão mais próximos do que poderíamos sequer desejar! Devemos atirar, antes que eles...

– Contenha-se, Le Beau – interrompo, mesclando serenidade com firmeza. – Não atire até que eu dê o comando.

Durante vários segundos é como se o próprio mar interrompesse seu balanço incansável, e o próprio vento silenciasse. Do alto de seu castelo voador relutante, Robur me encara absolutamente imóvel, por trás dos canos mortíferos de suas armas. Por um instante fugaz, que naquele momento parece uma eternidade, minha mente sente a ferroada do temor de estar errado; de que eu seja um néscio romântico, acreditando tolamente na dignidade humana; de que um pedaço mortífero de metal incandescente exploda em meu crânio a qualquer momento, espalhando pelos sete mares pedaços do meu cérebro encharcado de ingenuidade.

Mas, como eu disse, é apenas por um instante. Aprumo a coluna vertebral, sem no entanto retirar os dedos do gatilho de minha própria arma e retribuo seu olhar. O silêncio é quase intolerável, só finalmente interrompido pela exclamação de espanto de Le Beau.

O Comandante Robur ergue o braço em uma continência respeitosa, e então o gigantesco *Albatroz* gira sobre seu eixo, tomando lentamente o rumo da costa irlandesa e nos deixando para trás. Obviamente, retribuo a saudação da mesma forma, e mantenho a posição até que a sombra do leviatã já não prenuncie mais qualquer ameaça.

Um inevitável suspiro de alívio acaricia minhas narinas castigadas pelo sal do vento marinho. Ao meu lado, um imediato boquiaberto me encara com olhos de peixe.

– Almirante Nemo...

– “Por que eles não dispararam?”, é a pergunta que está fisgada como um anzol em sua garganta.

– Eles poderiam... e nós também poderíamos...

– E que honra poderia haver nisso? “Códigos de ética”, Le Beau. Lembra-se daquela noite no bar em Le Havre?

– Mas Almirante, nós estávamos visivelmente incapacitados para o combate!

– E eles também estavam, não é certo? Não existe sentido nenhum em atacar um inimigo indefeso. A despeito do que possam dizer sobre Robur, nada tenho de pessoal contra aquele homem. Pelo contrário, admiro seu valor e o respeito o suficiente para não querer ser o responsável por sua morte de maneira tão degradante, executado friamente como um animal em um matadouro. O *Albatroz* não será uma ameaça tão cedo. Muito menos o *Nautilus*. O melhor a fazer, e ao que parece eu e ele concordamos nisso, é retornar para nossas tocas e lambar nossas feridas, antes que sejamos capazes de realizar de novo o bom combate.

– O senhor não tinha como saber – retruca Le Beau, zombeteiro. – Se ele decidisse acionar

aqueles metralhadoras...

– Em uma coisa os tabloides estavam certos, Imediato: Nemo e Robur são gêmeos nascidos em lados diferentes da mesma guerra. Acabamos de comprovar isso, suponho.

– Certo. Mas suponha por um momento que o senhor estivesse enganado a respeito do homem...

Caminho sobre o metal molhado da proa e coloco a mão amigavelmente no ombro ainda tenso daquele jovem impetuoso.

– Esta é uma guerra longa e penosa. Este mundo já viu, graças a ela, muita dor e muita infelicidade. Após todo esse tempo, meu caro, aquilo que ainda nos torna humanos está preso por um fio, dependurado sobre o abismo da selvageria. Homens de honra precisam viver sob um código de ética que nos faça lembrar que, apesar de tudo, ainda somos humanos. Eu apostei que Robur era um desses homens de honra, que se Deus permitir ainda poderá usar o tempo que lhe resta para dar um bom exemplo para toda uma geração de soldados.

Naquele momento um dos oficiais surge à escotilha, e anuncia:

– Almirante, já renovamos as reservas de oxigênio. Acredito que isso nos permita seguir submersos por mais algumas milhas, caso a Marinha inglesa decida vir em nosso encalço. Podemos finalmente tomar o rumo de casa e realizar os reparos definitivos com mais tranquilidade.

– Pois vamos acolher o abraço do oceano e seguir viagem. Não me parece que haja mais emoções que valham a pena aqui fora.

Meu imediato é um jovem teimoso. A caminho da ponte de comando, insiste:

– Ainda afirmo que o senhor poderia ter se enganado a respeito de Robur. Nesse caso, receio que estaríamos irremediavelmente mortos.

– Se eu estivesse enganado a respeito de meu “irmão gêmeo”... Bem, Le Beau, que graça teria viver em um mundo assim?

O *Nautilus* mergulha nas águas calmas, lentamente afastando-se da zona de conflito. O sol e o céu claro prenunciam um dia morno e agradável.



Aztecas... Com z???

Sim, eu sei. Em português moderno “asteca” é a forma correta, como se apressam em bradar os mais rigorosos e implacáveis guardiões da língua. Neste livro a palavra “azteca” foi sempre gravada assim, com “z”, e talvez isso tenha chamado sua atenção.

A palavra, originalmente, deriva do etnônimo indígena *aztecatl*, que significa “homem do norte” em *nahuatl*, língua nativa daquele povo. Mesmo nos dias de hoje, a forma utilizada no México é com “z”, vide nomes como “Estádio Azteca”, ou “TV Azteca”.

A grafia original com “z” deve-se ao fato histórico de que os astecas seriam os descendentes das sete tribos originárias de uma ilha chamada Aztlán, que alguns historiadores mexicanos acreditam ser lendária. O Aubin Codex, documento que relata através de textos e desenhos a saga dos astecas desde sua partida de Aztlán até o início do período colonial espanhol, e que se encontra no Museu Britânico, revela, de acordo com estudiosos, que, após a partida da última das sete tribos (os “mexicas”), o deus Huitziopóchtli ordenou que seu povo jamais se identificasse como “*Azteca*”, e sim como “*Mexicā*”, para que se diferenciasssem dos demais grupos.

Modernos estudiosos mexicanos se referem como “Aztecas” aos povos indígenas que falavam a língua *nahuatl* antes da conquista espanhola, em 1519, e como “Nahua” a esses mesmos povos após a conquista. Muitos, entretanto, ainda preferem referir-se a cada grupo étnico por sua denominação particular, como “Mexica”, “Acolhua” ou “Tepaneca”.

O fato é que, historicamente, nenhum desses grupos jamais se referiu a si mesmo utilizando o termo “Azteca”, talvez por isso os próprios acadêmicos mexicanos rejeitem a generalização. O termo “*Aztec*”, assim mesmo, com “z”, ganhou popularidade após ser sugerido pela primeira vez

pelo explorador e geógrafo prussiano Alexander Von Humboldt, e foi assimilado pelos espanhóis do século XIX em diante. Hoje o que se observa é que a maioria da população, tanto dentro quanto fora do México, usa o termo “asteca” de maneira genérica para referir-se aos indígenas mexicanos da era pré-colonial.

Considerando que em nosso universo alternativo, que você conheceu neste livro, aquela cultura sobreviveu sem interrupções desde os tempos primitivos até o século XX, e que isso aconteceu sob o domínio dos ingleses (que usam o termo “Aztec”), optamos por manter a grafia com “z”, como um símbolo dessa sobrevivência de tradições muito antigas. Ao mesmo tempo, a discreta estranheza que essa grafia pode provocar nos bastidores da consciência serve como um lembrete subliminar de que estamos vivendo, neste livro, em uma realidade alternativa. Que não é real para nós, mas bem que poderia ter sido, se a *Noche Triste* houvesse tido um desfecho um pouquinho diferente. Quem sabe?...

Sobre os ombros de gigantes

Parafraseando Sir Isaac Newton, e pedindo seu perdão por usar sua célebre frase dirigida em carta a Robert Hooke para finalidade tão prosaica, “*se vi mais longe foi porque estava sobre os ombros de gigantes*”.

Os “gigantes” em questão, no meu caso, são os grandes escritores cujas obras foram produzidas na chamada Era Vitoriana (1837 – 1901), ou alguns poucos anos depois. O romance tornava-se a principal forma da Literatura Inglesa, mais voltado para agradar o público leitor de classe média, e não os patronos aristocratas. Essas obras tornaram-se imortais, talvez devido a esse mesmo impacto junto a uma parcela maior da população, e amplamente conhecidas em todo o mundo até os dias de hoje.

Foram esses livros, ao longo da infância e adolescência, que acenderam meu gosto pela literatura fantástica. Refiro-me, por exemplo, a autores como Jules Verne e H.G.Wells, que a despeito de suas diferenças pessoais uniram-se em minha vida e levaram-me desde o fundo do mar até o espaço cósmico, passando por algumas voltas ao redor da Terra e até mesmo algumas escapadelas para fora de nossa linha temporal.

“*Homens e Monstros – A Guerra Fria Vitoriana*” nada mais é do que minha singela e reverente homenagem a esses escritores, fantásticos e eternos. Minha maior recompensa seria que este livro fosse apreciado por uma nova geração de leitores e que acendesse nesses jovens o interesse em conhecer as obras originais que o inspiraram do início ao fim. Para tanto, faço a seguir uma lista de todos os textos que me forneceram situações, cenários e, principalmente, personagens para que eu, como escritor, me divertisse tanto. Recomendo fortemente cada um deles, sem exceção.

Arthur Conan Doyle – A Aventura do Intérprete Grego (conto)

Arthur Conan Doyle – As Memórias de Sherlock Holmes

Arthur Conan Doyle – Dr. Negro e Outras Histórias de Terror

Arthur Conan Doyle – O Vale do Terror

Edgar Allan Poe – O Corvo (poema)

Edgar Allan Poe – O Demônio da Perversidade (conto)
Edgar Allan Poe – O Poço e o Pêndulo (conto)
Edgar Allan Poe – Os Assassinatos da Rua Morgue (conto)
Herbert George Wells – A Guerra dos Mundos
Herbert George Wells – A Ilha do Doutor Moreau
Herbert George Wells – A Máquina do Tempo
Herbert George Wells – O Homem Invisível
Herbert George Wells – Os Dias do Cometa
Herbert George Wells – Os Primeiros Homens na Lua
Jack London – A Praga Escarlate
Joseph Conrad – O Coração das Trevas
Jules Verne – A Casa a Vapor
Jules Verne – A Jangada
Jules Verne – A Volta ao Mundo em Oitenta Dias
Jules Verne – Cinco Semanas Num Balão
Jules Verne – Da Terra à Lua
Jules Verne – Hector Servadac
Jules Verne – Os Quinhentos Milhões da Begun
Jules Verne – Robur, o Conquistador
Jules Verne – Viagem ao Centro da Terra
Jules Verne – Vinte Mil Léguas Submarinas
Leopoldo Lugones – A Força Ômega (conto)
Leopoldo Lugones – Viola acherontia (conto)
Leopoldo Lugones – Yzur (conto)
Robert E. Howard – Além do Rio Negro (conto)
Robert Louis Stevenson – O Médico e o Monstro

Agradecimentos especiais:



Ao amigo Gerson Lodi-Ribeiro, por sua ajuda com o universo ficcional e seu incentivo para que este livro se tornasse realidade.

Ao amigo Eyder Leite Ferreira; nossas discussões em mesas de bar, regadas a tira-gostos e cerveja, sobretudo a respeito da “ética da guerra”, geraram a semente deste livro.

Ao amigo Flávio Luiz Cavalcante, que sem querer descobriu (e me apresentou) o “*steampunk* argentino”.

[1] Autor dos romances *A Guardiã da Memória* e *Xochiquetzal, uma Princesa Asteca* entre os Incas, e do fix-up *Aventuras do Vampiro de Palmares*. Organizador das antologias *Vaporpunk*, *Dieselpunk*, *Solarpunk*, *Super-Heróis* e *Erotica Phantastica*.



**FLÁVIO
MEDEIROS JR.**

HOMENS E MONSTROS

A GUERRA FRIA VITORIANA

